



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE SOCIEDADE E FRONTEIRA**

ANA PAULA ARAUJO BRAGA

Afro-guianenses em Boa Vista: Língua, Religião e Arte

**Boa Vista, RR
2015**

ANA PAULA ARAUJO BRAGA

Afro-guianenses em Boa Vista: Língua, Religião e Arte

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, da Universidade Federal de Roraima, como parte do requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais. Área de concentração: Fronteiras e Identidade.

Orientador(a): Prof.^ª Francilene Rodrigues dos Santos.

Boa Vista, RR
2015

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)

B813a Braga, Ana Paula Araújo.
Afro-guianenses em Boa Vista: língua, religião e arte / Ana
Paula Araújo Braga. – Boa Vista, 2015.
121 f. : il

Orientadora: Profa. Francilene Rodrigues dos Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Roraima,
Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira.

1 – Identidade Étnica. 2 – Estigma. 3 – Migração. 4 – Afro-
guianenses. 5 – Roraima. I – Título. II – Santos, Francilene
Rodrigues dos (orientadora).

CDU – 325.11(811.4)

Afro-guianenses em Boa Vista: Língua, Religião e Arte

Dissertação apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, da Universidade Federal de Roraima. Defendida em 31/08/15, e avaliada pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Francilene Rodrigues dos Santos Orientador(a) e Presidente

Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Sociedade e Fronteira - UFRR

Prof^ª. Dr^ª. Déborah de Brito Albuquerque Pontes Freitas Examinadora Titular Externa

Programa de Pós-Graduação em Letras - UFRR

Prof^ª. Dr^ª. Marcia Maria de Oliveira Examinadora Titular Interna

Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Sociedade e Fronteira - UFRR

Prof^º. Dr^º. Maxim Paolo Repetto Carreno Suplente

Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Sociedade e Fronteira - UFRR

Dedico este trabalho
às minhas fontes de inspiração
e força, minha mãe Etelvina, meu
pai Eliseu (falecido), meu padrinho
Antônio Fernando, meu esposo Alex e a
meus irmãos André, Adriana e Amanda.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho que considero um exercício de longa jornada, mas também de grande aprendizado, como toda realização na vida, não poderia ter sido realizado sem o apoio de outras mentes e mãos que na labuta árdua do dia a dia, dedicaram-se em prol dessa concretização, direta ou indiretamente, através de indicações, orientações, referências bibliográficas, etc. Por isso, dedico esses agradecimentos a todos que estiveram próximos de mim, mesmo que por um curto momento, durante o período de desenvolvimento.

Realmente, foram muitas pessoas que passaram por esse momento em minha vida, e que de alguma soube reconhecer o papel delas. A começar pela amiga Cristina N. de Oliveira que me incentivou a fazer o mestrado no PPGSOF e que me apoiou no início do processo. Aos colegas do programa, Daiane Tretto, Maria Auxiliadora, Marcos Nogueira, Antonio de Souza. Aos interlocutores que foram bastante generosos e pacientes, da pesquisa realizada na Guyana, na fronteira (Bonfim-Lethem), e em Boa Vista, que sem eles, não seria possível a realização desse trabalho. A orientadora Francilene R. dos Santos que foi leal e transparente no apoio e rigor das indicações, informações pertinentes para o enriquecimento do trabalho.

Dedico também um agradecimento especial a revisora de texto, Maria Lúcia Brito, não só pela dedicação que teve em debruçar diante desse trabalho, num momento em que a mesma estava com grandes atribuições, mas também pelas palavras de apoio que apareceram nos momentos mais importantes e que, sem dúvida, foram de grande valia e interferiram na elaboração da escrita. Agradecer imensamente a minha família que sempre me apoiou em minhas decisões, mesmo inicialmente contrariados quando decidi sair do estado de origem (Bahia) para migrar para outro estado tão distante (Roraima), em região diferente.

A meu companheiro que nas situações de maior necessidade, se manteve paciente e empenhado em auxiliar-me, principalmente nas horas de aflição e angústia que passamos quando estamos diante de uma realização importante. E por fim, não poderia deixar de mencionar a minha maior referência de vida e rainha, minha mãe Etelvina, que sempre esteve presente em minha vida, contribuindo incisivamente no meu crescimento, acreditando na

concretização de meus projetos, fazendo as críticas construtivas em todos os momentos, antes mesmo de expor uma situação ou a tenacidade de algum problema, com as palavras sábias de uma larga experiência de vida.

*“O valor das coisas não está no tempo que elas duram,
mas na intensidade com que acontecem.”*

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, produzir um conhecimento em torno das complexidades que se formam quando corroboradas ao fator étnico social, que tem como mediação a migração internacional, o qual repercute em indagações e investigações criteriosas. A identidade étnica apresentada por migrantes afro-guianenses na cidade de Boa Vista, é o que está centralizado como objeto de estudo nesta pesquisa e que fora observado que a mesma funciona como elemento de estigma evidenciado por uma parcela da população residente de brasileiros, refletindo um imaginário imbuído de referências negativas no que trata os grupos étnico culturais que advêm de origem inferiorizada pela condição social encontrada em países latino-americanos. Como critérios de análise para esta pesquisa, estão os capítulos que foram desenvolvidos a partir de observação participativa em locais que os interlocutores migrantes exerciam alguma atividade profissional e religiosa, e que portanto, retratam os pontos marcadores de difusão da migração dos afro-guianenses para Boa Vista. Constatando-se que esse estigma, ao ser apresentado de forma sutil e nivelada, pode ser facilmente encarado como algo “normal”, e como esses migrantes recorrem através da sua identidade social (ascendência inglesa) para ressignificar uma identidade étnica, da qual está inserida a descendência africana e assim, tentam reverter a imagem estigmatizada inculcada pelos fatores sociais, econômicos, e sobretudo, étnico-raciais. Na contemporaneidade, os temas em questão têm sido recorrentes para explicar as distinções ocorrentes nas relações sociais, que na empiria, estão dispersas e dinamizam-se ao longo do tempo para adaptar-se ao meio no qual se compartilham os elementos culturais de cada grupo.

Palavras chave: Identidade Étnica. Estigma. Migração.

ABSTRACT

This search aims to produce knowledge about the complexities that forms when corroborated the social ethnic factor, whose mediation to international migration, which affects inquires and careful investigations. Ethnic identity presented by african-Guyanese immigrants in the city of Boa Vista, is which central object of study in this research and had been observed that the same functions as stigma element evidenced by a share of the resident Brazilians population, reflecting an imaginary imbued with negatives references in relations on the cultural ethnic groups that come from source outclassed by the condition social found in Latin American countries. As analysis criteria for this study, are the chapters that were developed from participatory observation in places that immigrants interlocutors exercised some professional and religious activity, and therefore, the dissemination of markers points migration of african-Guyanese to Boa Vista. Having noticed that this stigma, by presented in subtle, level, it might be easily seen as something “normal”, and how these immigrants turn through their social identity (English ancestry) to reframe ethnic identity, which is inserted African descent and thus, try to reverse the stigmatized image inculcated by social, economic and above ethnic and racial. In contemporary times, the issues have been recurrent to explain the distinctions occurring in social relations that scattered on the empirical and streamlining itself over time to adapt to the environment in which to share the cultural elements of each group.

Keywords: Ethnic Identity. Stigma. Migration.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa com a localidade das cidades correspondentes às regiões da Guyana	27
Figura 2 – Taxa de Crescimento Populacional em Roraima.....	37
Figura 3 – Tabela com Índice de Exclusão Social entre as regiões Norte/Nordeste a partir de 2000	43
Figura 4 – Tabela com Fluxo migratório por gênero e geração de migrantes no estado de RR de 1996 a 2000	44
Figura 5 – Igreja Adventista Inglesa	53
Figura 6 – Fundador da Igreja Adventista Inglesa.....	54
Figura 7 –Cartaz de Aniversário da Escola Sabatina.....	59
Figura 8 – Ilustração de uma das canções tocadas e culto.....	60
Figura 9 – Encontro com Adventistas de Manaus.....	61
Figura 10 – Mapa do estado de Roraima	71
Figura 11 – Evolução do intercâmbio comercial entre Brasil e Guyana 2009/2014.....	73
Figura 12 – Principais produtos importados e exportados do Brasil para Guyana.....	74
Figura 13 – Show da Banda GUY-BRÁS no dia da Consciência Negra na Universidade Federal de Roraima.....	84
Figura 14 – CD com coletânea da GUY-BRÁS	86
Figura 15 – Bandeira da Guyana.....	87
Figura 16 – Brasão da Guyana.....	88

Figura 17 – Centro de Georgetown.....	114
Figura 18 – Transporte terrestre Coletivo que circula entre Lethem e Georgetown.....	114
Figura 19 – Transporte aéreo que circula entre Lethem e Georgetown.....	115
Figura 20 – Cardápio com comida crioula em Lethem.....	115
Figura 21 – Fôlder de curso de Língua Inglesa em Bonfim.....	116
Figura 22 – Antiga Casa de Passagem do Migrante em Boa Vista-RR.....	116
Figura 23 – Consulado da Guyana em Boa Vista-RR.....	117
Figura 24 - Bíblia Sagrada do Adventista.....	117

LISTA DE APÊNDICES

1. Questionário aplicado ao Consulado da Guyana localizado em Boa Vista.....108
2. Questionário aplicado à Polícia Federal/Prefeitura de Boa Vista/SETRABES.....109
3. Questionário aplicado a Casa de Passagem ao Migrante em Boa Vista..... 110
4. Questionário aplicado aos Interlocutores Afro-Guianenses.....111

LISTA DE SIGLAS

CARICOM – Comunidade Caribenha

MERCOSUL – Mercado Comum do Sul

OIM – Organização Internacional para Migrações

PNC – People`s National Congress

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPP – People`s Progressive Party

SETRABES – Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social

SESC – Serviço Social do Comércio

UF - United Force

UNIA – Associação Universal para o Avanço Negro

UNASUL – União de Nações Sul-Americanas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1.0 Processo Histórico da Guyana	25
1.1 Os interstícios entre nacionalidades e aldeias Étnicas	31
1.2 Migração de afro-guianenses no século XX: Programa de Recuperação Econômica e a saída para países caribenhos	34
1.2.1 Migração de afro-guianenses para Roraima a partir de 2000	36
2.0 Organização Social e os Marcadores de Identidade Afro-Guianense em Boa Vista-RR	40
2.1 “Inglês da Guyana” : O estigma linguístico e étnico como marcadores de uma identidade e alteridade	46
2.2 Igreja Adventista Inglesa	52
2.2.1 Redes sociais	56
2.2.2 Etnicidade e fronteira	62
2.3 “Ingleses” e o imaginário revelado nas narrativas	63
3.0 Acordos Bilaterais e Representações Culturais	71
3.1 O <i>reggae</i> no contexto social dos afro-guianenses.....	77
3.2 A identidade híbrida da banda musical GUY-BRÁS em Boa Vista	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS	94
REFERÊNCIAS	97
APÊNDICES	108
ANEXOS	114

INTRODUÇÃO

O problema fundamental apresentado pela etnicidade é o das condições generativas de emergência das distinções étnicas e das articulações destas distinções com a variabilidade cultural... não dos tipos de agrupamentos étnicos, mas dos tipos de organização social das diferenças culturais.

Poutignat e Streiff-Fenart (1998, p. 112)

O estado de Roraima tem cerca de 450 mil¹ habitantes, dos quais 60% da parcela da população é formada por migrantes tanto nacionais como internacionais (Censo, 2010). Para os migrantes nacionais, esse deslocamento se dá, muitas vezes, pela busca de emprego em certos ramos, como de órgãos públicos, e para os migrantes internacionais, pela possibilidade de inserirem-se no ramo comercial, investindo na venda de produtos domésticos e, ainda, pela facilidade de deslocamento devido a sua extensão territorial que abrange o leste da Guayana, norte da Venezuela, sudeste do Pará, sul e oeste do Amazonas.

Esta pesquisa tem como *locus*, a identidade dos migrantes afro-guianenses residentes a alguns anos em Boa Vista, e o estigma que recai sobre eles, partido de alguns brasileiros em narrativas orais, o qual é decorrente de uma visão estereotipada que muitos brasileiros têm sobre esses sujeitos e sobre a própria Guayana. O estigma acaba também, reforçando um empoderamento nas representações culturais através de uma identidade atrelada à etnia na língua falada, religiosidade e na musicalidade.

De acordo com Corbin (2009), os acordos diplomáticos entre Brasil e Guayana, para abertura de livre circulação de mão de obra e mercadorias pela CARICOM² (comunidade caribenha), surgidos a partir de 1978 a 1991, influenciaram significativamente na migração de afro-guianenses para o Brasil. De acordo com dados da pesquisa de campo, muitos desses migrantes são oriundos de duas cidades: Georgetown/Lethem³, cidades que compõem grande número de afrodescendentes na Guayana.

Corbin (2009) aponta ainda três momentos que podem ser considerados como pontos marcantes no processo de entrada dos afro-guianenses entre a zona de fronteira e a capital de

1 Senso IBGE, 2010.

2 Bloco de cooperação econômica e política, criada em 1973, formado por 14 países e quatro territórios da região caribenha. Sua sede atualmente situa-se na Guayana.

3 A primeira é a capital da Guayana e a segunda é a cidade que faz fronteira com o Brasil.

Boa Vista, que foi a construção da rodovia Guyana-Brasil, através do Protocolo de 1989, o qual criou o Programa de Recuperação Econômica para estreitar as relações comerciais com os países vizinhos e os inseridos no CARICOM, além do Acordo Diplomático em 2003 (efetivado em 2006), que instituiu a circulação dos migrantes de ambos os países como turistas sem a necessidade do visto e de passaporte.

Ocorreu um crescimento no volume de migração desses sujeitos para a cidade de Boa Vista. Em contrapartida, continuou a ser também um espaço de resistência, preponderando numa estigmatização para muitos desses migrantes, perceptível em algumas situações de inserção dos afro-guianenses no mercado de trabalho, por uma “invisibilidade”, devido ao fato desses migrantes não estarem participando ainda ativamente na vida social da cidade, e em outros, por uma referência negativa associada à criminalidade e à etnicidade dos migrantes afro-guianenses, de acordo com Rodrigues e Santos (2009); Almeida e Cirino (2008).

A motivação em investigar os conceitos de identidade e alteridade está imbricado a ideia de fronteira como espaço simbólico ainda pouco compreendido e discutido. Por onde se expandem diferenças que, por vezes, são inseridas como identificação do “outro” e usadas como mecanismo de imposição de valores e segmentação social (VILLAÇA, 2008; RIBEIRO, 1998). A fronteira reserva inquietações que tanto podem transgredir a sagacidade em desbravar seu conhecimento, como também a um olhar desinteressado e a padrões preconcebidos (SILVA, 2011).

É o que pode ser observado partindo dessa premissa, na apresentação de diversos trabalhos que têm sido desenvolvidos no estado de Roraima, relacionado ao âmbito da migração/fronteira, com perspectivas diferentes: na educação (FONSECA, 2015); na construção de identidade através do que é expandido pela língua (SILVA, 2012); na organização familiar (LIMA, 2014); na (inter) e (trans) culturalidade das festas populares (VAZ, 2014).

A pesquisa foi desenvolvida pela observação participante, partindo da descrição densa, (GEERTZ, 1975), buscando descrever o objeto de estudo dentro de especificidades remetidas a contextos socioculturais. Os sujeitos da pesquisa aparecem como interlocutores nos capítulos da dissertação. Foram selecionados 7 migrantes afro-guianenses (quatro homens e três mulheres) que residem há mais de dez anos em Boa Vista, em situação regular de moradia e de emprego, buscando centralizar por onde se agregam valores culturais dentro da tríade: língua, religião, arte, interligadas ao *ethos* do afro-guianense, que gera conflitos de

identidade da parte deste enquanto migrante e um estigma associado da parte dos brasileiros não migrantes. Foram dados nomes fictícios a todos para preservar a imagem dos mesmos.

Sujeitos da Pesquisa:

Brian: Mecânico, casado com uma brasileira com filhos nascidos e criados no Brasil. Também tem uma participação significativa na Igreja Adventista Inglesa situada em Boa Vista. Homem de pouco diálogo, mas bastante comunicativo e prestativo, quando sente segurança e íntimo da pessoa, ele costuma ser bastante espontâneo. Sua trajetória em Roraima se dá há longos anos, desde a década de 80 quando essa região ainda era território. Passou por dificuldades, afirma ter sido vítima de um racismo que considera nivelado, mas muito constante, e alega ser difícil o convívio como migrante na cidade de Boa Vista, quando se é recém-chegado.

Fred: Professor de inglês e comerciante que tem filhos residentes na própria Guyana. Já foi adventista, hoje em dia afirma não frequentar mais a igreja. Possui três graduações de administrador, economista e cientista político. De acordo com o que foi mencionado durante a entrevista e conversas informais, atualmente trabalha apenas como autônomo, revendendo produtos variados de artigo doméstico. Este interlocutor foi muito marcante na pesquisa pois o mesmo apresentou um conhecimento e experiência de vida em torno da história da Guyana e dos afrodescendentes de lá.

Tom: Comerciante e marceneiro, mora há mais de dez anos no Brasil, dividindo esse período de tempo entre Manaus e Boa Vista. Chegou ao Brasil com sua esposa guianense, porém, a mesma faleceu há alguns anos e hoje está no seu segundo casamento. Atualmente exerce a função de vendedor ambulante em ruas do centro de Boa Vista.

William: Comerciante e músico, casado com uma afro-guianense, possui cinco filhos nascidos e criados no Brasil. A história de William é bem complexa com a cidade de Boa Vista e até Bonfim. Passou por grandes mudanças na vida, entre elas houve momentos de grande dificuldade, hoje em dia, tornou-se referência no estado pela ocupação que exerce como músico. Ele intercala entre o dia e a noite as duas profissões, sobressaindo-se a de

músico.

Ana: Dona de casa, casada com William, mãe de seus cinco filhos. Logo quando chegou em Boa Vista, atuou como professora e afirma que não ver o “negro” se destacar em Roraima, na opinião dela, ainda não apareceu negros representando diversas áreas e acha isso um fator preocupante que interfere no racismo dentro do estado.

Julie: Professora de inglês há oito anos de uma instituição particular de referência em Boa Vista. Possui 2 filhos de nacionalidade brasileira. Originada de Lethem, afirma que lá é um cadeião de etnias e dialetos com base no inglês britânico. Afirma que encontrou resistência para dar aula de inglês durante o período que procurou emprego como professora de inglês em vários cursos de idioma na cidade de Boa Vista, por considerarem o inglês da Guyana “errado”, porém, acredita que isso é uma forma de racismo disfarçada.

Sara: Cabeleireira com filhos de nacionalidade brasileira. Adventista, trabalha a muito tempo nesse campo, e alega ser feliz com o que faz. Mora no Brasil há muitos anos, e tem um canal com Manaus por onde faz compra de boa parte das mercadorias que mantém no salão, além de alguns familiares que reside lá. Possui quatro filhas, algumas a ajudam no salão e duas está fazendo graduação na Universidade Federal de Roraima. Sua trajetória não foi muito mencionada pela mesma com relação aos momentos iniciais, mas relata que há pouco espaço para o “negro” no Brasil, e em Roraima, especificamente Boa Vista, que é onde vive, ver isso de forma mais expansiva.

Katren: Brasileira, descendente de dois afro-guianenses, William e Anna. Como o pai também canta, atualmente possui sua própria banda da qual conta com o apoio do seu pai. Está fazendo graduação de serviço social. Semanalmente, durante o dia, trabalha em uma instituição educacional, a mesma onde trabalha Julie, e é mais nos finais de semana que exerce a profissão de cantora.

Pesquisa de Campo: Bonfim/Lethem/Georgetown/Boa Vista

Foi desenvolvida entrevista semi estruturada, sem gravação de conversas, devido ao

fato desses interlocutores não se sentirem à vontade com isso, contudo permitindo anotações em diário de campo. Partindo das inquietações que traz o objeto de pesquisa e do que se apregoa a ideia de fronteira simbólica, foi percebida a necessidade de inicialmente, lançar um olhar aproximado aos locais de origem dos migrantes afro-guianenses, que são as cidades de Georgetown e Lethem. Foi então que iniciei a pesquisa fazendo a viagem para Lethem, posteriormente, Georgetown (de abril a agosto de 2013). A passagem por meio urbano em órgãos públicos, feiras, praças, terminais de transportes coletivos, bares, templo religioso, foi direcionada para estabelecer uma cartografia das imediações onde se encontram a maior parte dos afro-guianenses na Guyana.

Em alguns órgãos públicos visitados em Georgetown como museus, Instituto de Imigração, Embaixada do Brasil, era nítida a presença de muitos funcionários afro ou indo-guianenses, nos cargos de recepção, secretários, atendimento de modo geral. Também foi possível perceber uma parcela de afro-guianenses que vivem na marginalidade em algumas ruas de bairros localizados no eixo centro de Georgetown. Nessa incursão, durante uma visita ao Centro Cultural dentro da Embaixada do Brasil em Georgetown, conversei com um professor da área de Artes, brasileiro, que reside há dez anos em Georgetown, casado com uma afro-guianense.

A conversa se deu em torno da relação cultural e migração vigente entre os afro-guianenses dentro da grande Georgetown que é a capital da Guyana e que sempre recebeu o maior número de migrantes de dentro e de fora do país. Além desse centro, houve também uma visita que ocorreu no órgão de atendimento ao migrante OIM (Organização Internacional de Migração), onde obtive contato com um dos coordenadores, português, e residente em Georgetown.

Dentre esses dois locais que se tornaram fundamentais para a pesquisa, os funcionários dos quais obtive-se um contato, demonstraram que o interesse da Guyana em manter relações amigáveis e estreitas com o Brasil, tem crescido muito e que ver isso como algo favorável para ambas as partes, já que existe um canal geográfico facilitador para isso. A pesquisa teve continuidade em Boa Vista, de setembro de 2013 a dezembro de 2014, local em que tinha o propósito de centralizar a mesma.

Nos momentos de intervalos das atividades de trabalho, em cultos religiosos na Igreja Adventista Inglesa fundada por um desses migrantes e em alguns eventos musicais acompanhando o integrante da banda GUY-BRÀS, foram os quais obtive maior contato com

eles. A língua inglesa foi necessária ser usada nos momentos iniciais, mas como residem há um certo tempo no estado, já falam e entendem bem o português, preferiam conversar comigo usando esta língua, algumas vezes percebia que não só para desenvolver mais a fluência neste idioma, mas também como forma de estabelecer uma territorialidade, preferindo conversar na língua materna deles, entre eles mesmos.

Quando cheguei a Boa Vista, uma das coisas intrigantes que chamou minha atenção, foi o fato de ouvir relatos de que havia guianenses na cidade em condição de extrema pobreza, levando esses a cometer delitos como assalto em estabelecimentos comerciais. No entanto, durante o tempo que tenho convivido como residente em Boa Vista, passei a perceber que existem grupos de guianenses que precisam ser diferenciados ao se tratar de menções ou referências da posição social, ou de atividades cometidas por esses de um modo geral.

A pesquisa foi realizada em salão, escola, estação de transporte coletivo, táxi lotação, lanchonete, praça de alimentação na avenida Jaime Brasil, uma das avenidas principais do centro de Boa Vista. A Igreja Adventista Inglesa, localizada em um bairro popular de Boa Vista, foi um dos lugares em que percebi uma grande presença de guianenses, afro e indígenas.

Estes sujeitos estão como membros, e têm formado uma comunidade com redes solidárias que contribuem como referência de local para outros guianenses recém chegados conseguirem alguma moradia ou alguma atividade profissional, de identidade na língua falada entre o inglês e o português, no discurso de reparação ao lugar de origem e da relação sólida de família, esta por sua vez, é o que centraliza o discurso religioso da liturgia adventista, e particularmente neste caso, tende a ser mais fortalecido por estarem em uma condição diferenciada da que estariam em seu lugar de origem.

Para Durkheim (1932), essas redes solidárias somente ocorrem quando há uma coletividade, quando entre os grupos o compartilhamento é feito em prol de interesses similares e estes são corroborados através de ações beneficiadoras de um para o outro. Inicialmente, o objetivo da pesquisa na Igreja, se deu pelo fato de ter tomado conhecimento do número de migrantes guianenses frequentadores, que praticavam as palestras dos cultos nas duas línguas (português e inglês). Entretanto, depois de frequentar o local, percebi que além de apresentar uma transnacionalidade através desse traço cultural, havia outros aspectos que apresentavam uma transnacionalidade e identidade étnica entre eles enquanto guianenses, a exemplo das atividades culturais realizadas em datas comemorativas.

Outro momento que passei a estabelecer como roteiro de pesquisa de campo foi em alguns eventos, acompanhando a banda GUY-BRÁS, fundada por este afro-guianense, participei de shows individuais que este apresenta em locais abertos de rua no centro da cidade, além de alguns momentos de lazer que este integrante exercia em sua residência. Dessa forma, a identidade apresentada através da língua, religião e da música como objeto artístico transgressor, se fundamentaram para reconhecer o que esses migrantes associam no contexto cultural local para estabelecer uma posição que lhes seja favorável, refugiando-se ao mesmo tempo, de imagens negativas ou estigmatizadas.

As ocupações profissionais exercidas por estes migrantes, foram percebidas como meios por onde se apregoam um estigma de alguns brasileiros perante os guianenses (especificamente os afro), que está relacionado não só aos discursos de marginalização pelo fato de haver atividades regulares de contrabando pela fronteira entre o Brasil e a Guyana, mas também ao discurso racial. Ao longo do processo da pesquisa, percebi que encontrar bibliografias que relatassem a história referente a cada grupo étnico da Guyana, principalmente após o período de independência, precisaria ser realizado minuciosamente, em determinados locais, pois são mais encontrados dentro da própria Guyana, acervos digitais por exemplo, não são facilmente disponibilizados.

As perguntas foram embasadas buscando respostas que levassem a compreensão do que se apresentava como aspecto marcante na migração dos afro-guianenses: Estigma/Identidade, aspecto este que denota uma similaridade em diversos casos diferenciados que estão relacionados a migração, dos quais mostram que quando se está no lugar de destino, sobretudo, sendo de origem econômica e etnicamente estigmatizada, a relação com o outro (nativo) tende a ser de conflito e a sobrepor estereótipos em escalas de proporção inimagináveis, mesmo que se chegue a uma posição de maior ascensão na sociedade acolhedora.

Dentro dos conceitos de identidade/alteridade/etnicidade e de categorias de fronteira e migração, recorri a contribuição de Cardoso de Oliveira (2003), Barth (1969), além de Hall (2001), acerca da identidade como fator cultural que se aciona primeiramente entre os sujeitos, trazendo o que ele chama de fluidez, considerando-a como algo que não pode ser entendido como fixo, que passa por estratégias conforme o contexto ou situação.

Partindo do que pode ser relacionado à concepção de identidade, é importante compreender como estão sendo assessoradas as relações de corporeidades apresentadas entre

oposições de classes daqueles que identifico como afro-guianenses e os que não são. A dissertação está dividida em três capítulos. O primeiro capítulo explicita as formas de organização comunitárias que os afro-guianenses buscaram após a abolição da escravatura (1838) e que, no período de independência da Guyana (1966), passaram a ser mais revigoradas às posições ocupadas, preponderando em migrações de larga escala, que têm ocorrido até hoje, periodicamente.

O segundo capítulo traça as relações de oposição entre os afro-guianenses e brasileiros provenientes de uma concepção estereotipada do segundo grupo para o primeiro, o que tem induzido a uma busca de estabilidade social e de constituição de redes por parte do primeiro grupo, através das ocupações profissionais que estes vêm buscando, a exemplo dos que lecionam inglês nas escolas e cursos de idioma dentro de Boa Vista e da formação de uma comunidade bilíngue e transnacional na Igreja Adventista Inglesa presente em um bairro periférico na mesma cidade.

A partir dessa organização dada pelos migrantes afro-guianenses, aparecem elementos de um empoderamento quando os mesmos usam estratégias para alternar a sua condição de estigmatizados ou a imagem atrelada a elementos que coadunam a alguma inferioridade de valores sociais. A alteridade aparece como componente que por si só não é suficiente para consolidar relações e constituir uma identidade, mas sim os contatos estabelecidos entre culturas diferentes que sobrepõem na afirmação de identidade(s) (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2003; WOODWARD, 2000).

O terceiro capítulo traz um panorama da constituição da identidade étnica do afro-guianense embasada das relações entre Brasil e Guyana através de acordos bilaterais, como também das referências culturais enraizadas em movimentos políticos e sociais do Caribe como o Pan-Africanismo que influenciou diretamente o imaginário de afrodescendentes na Guyana, na migração de elementos culturais como os que estão presentes na música apresentada pela banda GUY-BRÁS, atuante na cidade de Boa Vista há mais de dez anos. Esses elementos trazem na sua dimensão, um hibridismo que forma um ethos na língua *creolese* (o inglês com dialetos), na religião e em heranças musicais.

Esses traços estão apregoados sob a ótica com a qual configura-se a referência de nação para os afro-guianenses em uma identidade afirmada por arquétipos de uma inglesidade e, ao mesmo tempo, por posicionamentos que legitimam uma africanidade, dos quais servem em contrapartida, como alternativa para os migrantes afro-guianenses

deslocarem a identidade a seu favor num contexto de migração, buscando subjetivamente, ofuscar a imagem de estigmatizados. Entendendo que pelo fato da identidade ser como algo fluído que funciona dentro de sistemas relativos a campos sociais divergentes, a mesma pode ser manipulada pelos atores (HALL, 2001; BAUMAN, 2001).

Dessa forma, é imprescindível relacionar a formação do *ethos* afro-guianense à luz de um contexto particular vivenciado pelo vetor da migração, com a relação verossímil de três matrizes étnicas (África, Inglaterra e Caribe) que estão remetidas a sua historicidade enquanto sujeito social. Em diversos setores e formas de externar a identidade, sobretudo a cultural, percebem-se elementos ascendentes dessa tríade étnica da qual a partir disso, busquei denominar como *ecos*, relacionando a polifonia evidenciada na língua inglesa falada entre os afro-guianenses como um marcador de identidade estigmatizada, visto por alguns brasileiros como um inglês mal falado para ser ensinado ou aprendido.

A imagem que vai de suposições a estereótipos provocada pelo pouco conhecimento daquele que detém elementos culturais contrastivos, é um fato que acaba recaindo para muitos que estão na condição de migrantes. No estado de Roraima, especificando a capital Boa Vista. Os estereótipos em torno do imigrante, ganha reforço através dos meios de comunicação de alguns jornais locais, quando caracteriza a imagem do imigrante guianense e venezuelano como forasteiros que chegam ao lugar para causar transtornos com crimes de roubo, furto ou tráfico de drogas (SANTOS, 2009; CIRINO E ALMEIDA, 2008), principalmente a do primeiro.

Um dos motivos de interesse em pesquisar os afro-guianenses como contexto de identidade étnica, foi o fato de perceber que poucos brasileiros (migrantes ou não), se definem no estado de Roraima como afrodescendentes ou detêm alguma ascendência africana em suas características fenotípicas e ideológicas, o que de certa maneira, pode implicar para alguns, a formação de visões essencialistas quando se trata de definir a si mesmo e ao outro pela questão étnica-racial. Este fator também acarreta na visibilidade homogeneizante com relação aos afro-guianenses enquanto povos vizinhos, comparando-se a presença de outros (i)migrantes e de (e)migrantes afrodescendentes existentes no local. E na questão que perpassa o fator econômico, do qual se insere no imaginário de muitos brasileiros, de que todos os “negros” na Guyana vivem em extrema pobreza.

O outro motivo está no fato da Guyana ser um país em que a população se autodenomina como a de 6 etnias (afro-guianenses, indo-guianenses, indígenas ou como eles

denominam, ameríndios; portugueses; ingleses e os migrantes que correspondem a parcela da população denominada *mixed*). Como ocorre um distanciamento entre os grupos étnicos que convivem na Guyana, principalmente entre os indo e afro-guianenses, desde a formação de Estado-nação até hoje, as demarcações de poder são visíveis a começar pela própria literatura sobre a história do país no que consiste a formação populacional que aparece de forma restrita e subversiva a determinados grupos.

É notável que essa literatura passa por demarcações de território quando se recorre a informações relacionadas a constituição social e política desses grupos e é mais delimitada a referência a dois deles, os indo e afro-guianenses, que sempre foram os grupos a se manterem no poder político e econômico, ficando o primeiro por mais tempo, através das eleições ocorridas a cada oito anos.

A condição social dos afro-guianenses desde o período em que chegaram na Guyana para trabalhar nas plantações como escravos, já era de subalternidade, e com a chegada dos indo-guianenses, essa situação continuou, sendo acentuada de outra forma, não mais pela exploração do trabalho físico, mas pela segmentação de padrão econômico, de desigualdade social e de aquisição a cargo político, chegando a estabelecer um apartheid provocado por conflitos de diversas ordens como na demarcação de espaço para transitar em certos locais. Situação essa que influenciou na diáspora dos afro-guianenses dada em períodos longos e variados.

1 PROCESSO HISTÓRICO DA GUYANA

Neste capítulo proponho-me a abordar sobre a formação do Estado guianense e sua relação com a inserção do afro-guianenses (africano ou descendente deste) no meio social. A Guyana possui cerca de 717.458 habitantes, e sua extensão territorial é de 214.969 km², ou seja, 39 vezes menor que o Brasil, caracterizando-se a população em 49,9% indo-guianenses, 35,63% afro-guianense, 7,05% mestiços, 6,81% indígenas.

Quanto à religião, está dividida em 51%, protestante 22%, católicos 11%, anglicanos 9%, hinduísmo 33%, islamismo 8%, outras 8%, segundo PNUD (2014). A República Cooperativista da Guyana, como assim ficou conhecida após a independência, no governo do primeiro presidente afro-guianense Fores Burhman, destaca-se como um país cuja dinâmica migratória se deu principalmente a partir do séc. XVIII, quando se inicia a colonização por parte da Grã-Bretanha que levou os primeiros grupos de africanos para trabalhar em áreas de plantação de cana e algodão, conhecida como *plantations*.

Os indianos foram os que passaram a substituir os africanos nas áreas de *plantations*, devido a algumas ocorrências de revoltas por parte destes. Ao longo do tempo, foram surgindo conflitos entre esses dois grupos que se estenderam em disputas políticas e conflitos religiosos, culminando em ações separatistas de extrema desigualdade social e na diáspora daqueles que permaneciam em condição desprivilegiada socialmente como foi o caso dos descendentes de africanos e de indígenas.

Os guianenses têm uma relação com a migração da qual se situa periodicamente em deslocamentos para países que influenciam diretamente na economia do local até hoje, EUA, Inglaterra (antiga Grã-Bretanha), países que abrangem o território caribenho e, mais tarde, no início da década de 1980, direcionando também para países da faixa fronteira como Brasil e Venezuela, refletindo, assim o interesse em promover a abertura de mercado global na área comercial, e em fortalecer a economia (SERBIN, 1980; CORBIN, 2009).

A maior parte da população guianense é constituída por migrantes sócio culturalmente diferentes que refletem o processo de descolonização dado de forma complexa desde o século XIX, gerando conflitos incisivos na determinação do poder executivo que desde este período, tem mantido uma centralização de benefícios e privilégios para o grupo

étnico que representa o governo regente. Dentre eles, dois destacaram-se devido ao maior número de habitante e das articulações que os permitiram exercer um poder sob essa regência, que são os afro e indo-guianenses. A formação do Estado guianense foi dada, inicialmente, pela exploração de navegadores espanhóis e portugueses em 1499, mas foram os holandeses que, em 1616, passaram a fixar-se, criando os assentamentos agrícolas de Essequibo, Demerara e Berbice, com o objetivo de extrair os minérios do local através de trabalhos pesados inclinados aos índios encontrados no território.

A partir de 1796 e 1814, o domínio colonial na Guyana mudou de potência imperialista quatro vezes, devido às consequências da Revolução Francesa e a outros conflitos na Europa. O império britânico ocupou as colônias ocidentais, entre elas os assentamentos agrícolas da Guyana, que em 1814 tornaram-se Guianas Britânicas ou Guiana Inglesa (VISENTINI, 2007; SADER, 2007).

A estratificação étnica e a segmentação do mercado de trabalho, foram dois componentes que delimitaram bastante a situação entre os migrantes e os empregadores colonialistas. Em 1835, chegaram os primeiros 400 trabalhadores portugueses. Segundo Serbin (1980), este deslocamento de europeus teria sido estratégia política para equilibrar racialmente os grupos de brancos e negros. Como os outros trabalhadores migrantes contratados pela metrópole inglesa, inicialmente, os portugueses trabalharam em plantações nos locais de campo, mas, posteriormente passaram a se concentrar no comércio de forma que alguns prosperaram. Em 1838, os primeiros indianos chegaram à Guiana Inglesa, completando esse quadro com os chineses.

Esses grupos étnicos estão dispersados na sociedade guianense e constituem uma população nacional multiétnica e multicultural, sendo um motivador dos diversos eventos de rebeliões e de alianças. As primeiras rebeliões que ocorreram entre as regiões, foram também consequência dos incentivos dados pela elite colonial inglesa, que objetivou o controle desses grupos étnicos e a exploração de determinados recursos materiais e financeiros. Para Iffil (2011), essa foi uma forma de manter não só uma relação de hierarquização política e socioeconômica, mas também de semear a discórdia e manter sob controle aqueles que eram beneficiados com determinadas regalias e naturalizar a exploração do trabalho daqueles considerados inferiores.

Segundo Navarro e Vega (2000), a palavra Guyana, é de origem indígena e

significa lugar de águas. A Guyana é um país cercado por rios, boa parte do território serve para atividade agrícola, especialmente na costa onde fluem os rios Kukenan, Boruca, e Pomerun, proporcionando o aparecimento de grandes plantações de arroz e cana-de açúcar. O seu território possui um solo rico em recursos naturais, minérios energéticos, mas a sua infraestrutura é de difícil acessibilidade devido à existência de planaltos e as limitações próprias do meio natural (VEGA e NAVARRO, 2000). O mapa abaixo mostra as regiões que se dividem politicamente e que dão estrutura a República Cooperativista da Guyana.

Figura 1 – Mapa com as regiões pertencentes a Guyana.



Fonte: [www.lem.seed.pt.gov.br](http://pittipat.net/family/patrice/guyanamap.gif)

Por ser uma terra de riqueza natural, a Guyana já foi um local de muitas disputas. Entre as suas 10 regiões, os grupos étnicos que ingressaram, passaram a se deslocar entre essas e a partir de 1833 (cinco anos antes da abolição da escravidão africana). Esse quadro sofreu mudanças diante da mobilidade dada por alguns daqueles que pertenciam aos menos favorecidos como os africanos e indígenas. (CORBIN, 2009; BAINES, 2004). A maior parte dos africanos trazidos para a Guyana, provinham da Costa da Guiné, mas, desde o momento de sua chegada, o grupo em sua totalidade foi incentivado a não manter os núcleos e vínculos com a cultura de origem, por uma prática dada pela elite colonial em separar os membros do mesmo tronco linguístico. Esse grupo precisou se adaptar ao modo de vida imposto pela elite

colonial, e isso levou a uma impactante transformação cultural e uma nova configuração no quadro social dos africanos. Segundo Serbin (1980, p. 86),

Em um novo espaço físico e social, tiveram que se adaptar forçadamente ao modo de vida colonial, se tornando assim a primeira matriz cultural na Guyana. Esta aceitação e incorporação forçada levou a uma aculturação (sincretismo) que tirou a identidade cultural de origem com objetivo de impedir a manutenção de valores, hábitos e costumes, de interromper a comunicação entre os escravos que provinham de cultura similar ou de uma mesma família, destruindo com isso, o núcleo familiar tradicional como agente socializador tribal e ao mesmo tempo, distanciando-os de sua língua materna e de suas experiências religiosas, estéticas e organizativas.

Em diversos locais onde se propagou a escravidão na América, os escravos eram obrigados a falar a língua do grupo dominante e a se adaptar pelo que conseguiam entender. A aprendizagem da língua foi algo duplamente forçado, por um lado simbolizava o primeiro traço de cisão com a cultura de origem, e por outro, representava a redução da cosmovisão do grupo. A adaptação dos africanos, como ocorreu em outras regiões do continente americano, não aconteceu sem resistências.

Houve rebeliões e revoltas que resultaram em mortes. Refletindo os ideais de hierarquização e dominação da época, os africanos foram traficados pelos ingleses para serem usados nas plantações, todavia protagonizaram inúmeros períodos de lutas e resistência (VISENTINI, 2007; ARNO, 2013). Neste período, chegou a se estabelecer entre os escravos na Guyana, uma divisão de dois grupos: aqueles que eram mais próximos da cultura dominante, e os que eram mais distanciados. De acordo com Serbin (1980, p. 87),

A mesma medida que a cultura africana foi reprimida, os progressos individuais no sentido da aculturação (transculturalidade) eram recompensados, produzindo as primeiras divisões sociais entre os escravos, denominando-se “de casa”, aqueles que estavam mais adeptos ao uso da língua e da cultura dominante, e os denominados “do campo” que eram aqueles que estavam menos adeptos a ambas coisas.

Este processo de diferenciação social em função de uma maior aceitação do padrão cultural europeu, constituiu-se mais tarde em um elemento do discurso político afro-guianense que no início do século XX, tentaram reestabelecer o vínculo com a África e a terra de seus antepassados. Do final do século XVIII até meado do século XIX, ocorreram diversas rebeliões e mudanças ideológicas na Europa e nas Américas que acabaram culminando na

abolição da escravidão. Pontuam-se como importantes desencadeadores deste momento histórico na Guyana, as revoltas de Berbice (1763) e Demerara (1823) que associadas a rebeliões em outros territórios sob domínio britânico levaram estas regiões a encerrar a escravidão a partir de 1833 (IFFIL, 2011).

Quando oficializada a abolição da escravatura, em praticamente toda a Guyana em 1838, algumas crenças e práticas tradicionais africanas estavam já cristalizadas, ou seja, elementos da cultura britânica e africana já estavam ressignificados. Um exemplo da incorporação de elementos culturais africanos sincretizados em maior ou menor medida provém do Obeah⁴ do meio rural nas heranças de expressões estéticas como a música e a dança.

O sincretismo cultural (língua e religião) ocorrido desde o período de dominação do Império Britânico se reflete na linguagem oral desse grupo que faz uso da língua inglesa com bastantes variações e um dialeto (muitas vezes estigmatizado), na aceção religiosa do protestantismo, como também no hábito de atividades corriqueiras do dia a dia, no regime de trabalho para jornadas diurnas rígidas, que pode ser percebido quando se chega a Georgetown. O africano escravizado se viu obrigado a internalizar o sistema de valores do europeu, baseado na superioridade da cultura inglesa e, mais tarde, quando se inicia sua evangelização através de religiões de base cristã. De acordo com Serbin (1980), mesmo antes da abolição da escravatura, o domínio baseado na exploração física do escravo, foi, aos poucos, substituído pela evangelização.

Inicialmente era proibida a evangelização do escravo assim como também sua alfabetização em função dos perigos que poderiam representar na aquisição de pensamento crítico da situação que vivia, até que em 1825, devido à influência da igreja anglicana e dos missionários, a instrução religiosa dos escravos tornou-se obrigatória. Depois de 1840, os africanos passam a migrar para as zonas urbanas levando ao surgimento de um fenômeno denominado *village movement*⁵, fazendo surgir uma nova configuração social.

Como os ex-escravos não tinham uma educação baseada nos modelos europeus, e

4 Culto mágico-religioso tachado pelos europeus como bruxaria e largamente reprimido, praticado entre alguns africanos escravizados que viviam entre países como Jamaica, Trindad Tobago, Guyana. Posteriormente passou a ser oficializado como expressão estético-religiosa e como recurso terapêutico popular (RABELO, 2006; SERBIN, 1980).

5 Movimento social formado pelos ex-escravos africanos que repercutiu na organização de coletivos que permitiram um engajamento de muitos desses no meio político do local (GUYANA REVIEW, 2003).

tampouco capital que lhes garantissem reestruturar outro modo de vida, tardaram a ser incluídos no sistema colonial pós libertação. No entanto, após muita luta, lograram acesso à educação e ao serviço público através de cargos administrativos. A partir de então, surge uma classe média de afro-guianenses originada da zona rural, conhecida como *whiteness*⁶, ao mesmo tempo em que inicia a ascensão social dos portugueses graças ao apoio da *plantocracia* branca, imbuída de valores ingleses e constituída por pequenos comerciantes e empregados públicos. A classe média afro-guianense passa a se inserir cada vez mais em serviços de administração pública, que segundo Serbin (1980), seria uma via fundamental para ascensão social.

À medida que os afro-guianenses procuravam copiar o modelo inglês *gentleman* de comportamento e hábitos, surgia uma nova classe média de intelectuais. De acordo com Serbin (1980, p. 85), a socialização imposta pelo cristianismo e a educação, ambos tornaram-se um canal de ascensão social e se converteu em um dos valores fundamentais da ideologia étnica afro-guianense. Percebe-se que o poder político e econômico na Guyana ao longo dos séculos XIX e XX, não favoreceu ao afro-guianense uma ascensão fundada em êxito econômico, mas permitiu uma incorporação na educação e na administração colonial, o que aconteceu de forma diferente para os indo-guianenses.

Essa configuração sociocultural influenciou uma inclinação a partidos de esquerda e ao movimento socialista da classe média afro-guianense. O conflito partidário declarado desse grupo com os indo-guianenses dura até hoje, como também o grande fluxo migratório dos primeiros, desde 1950. Quando os indianos chegaram para trabalhar nas áreas agrícolas em 1838, foram asseguradas remuneração e moradia em troca dos serviços prestados nas plantações. Neste momento os africanos estavam se inserindo nos serviços de em setores básicos que permitiram mais tarde o engajamento destes na vida social.

A maioria dos trabalhadores indianos que chegaram a Guyana provinham das *United Provinces* (Províncias Unidas), e tiveram contrato firmado por cinco anos, com possibilidade de renovar por mais cinco e de obter, posteriormente, a repatriação gratuita. Apesar da inserção dos indianos ter tido algumas diferenças perante a dos africanos na Guyana, uma vez incorporados para o trabalho em território agrícola, a visão que a elite inglesa tinha deles não diferenciava da que tinha dos africanos. Entretanto, no que se refere à

6 Os mais puros. Denominação dada para representar os mais próximos da elite inglesa (ROOPNARAINÉ, 2013)

possibilidade de manter sua própria identidade e recriar seus valores culturais, a situação foi radicalmente distinta.

Segundo Serbin (1980, p. 100), o número de habitantes indianos superou o de africanos, o total dos indianos chegados, por volta de 1917, quando o sistema de contratação foi abolido, chegava a 238.960 habitantes. Aos poucos, os indianos em maior número e com vínculo mantido com o lugar de origem, mantinham suas tradições e galgavam mais espaços na vida social da Guyana, sem resistência por parte da elite colonial, mas também sem grandes apoios. No âmbito social, os indo-guianenses formavam um sistema novo de plantação e de estrutura familiar que se caracterizava por uma centralização dos valores e tradições ritualísticas.

As diferenças culturais entre os dois grupos étnicos majoritários na Guyana resultaram na formação política-partidária bem diferenciadas. Os indo-guianenses representados pelo PPP (People's Progressive Party), de centro-direitista que defendia um Estado anti-colonial e o PNC (People's National Congress), representado pelos afro-guianenses, liberal de centro-esquerda, defendia um Estado independente, anti-colonial, constituído por profissionais da administração pública, classe média, do meio urbano.

Com a ocupação de Forbes Burnham como governante da Guyana, representando o partido PNC, depois de alguns anos sendo ocupado este posto por Cheddi Jagan, representante do PPP, que segundo algumas literaturas, foi ocorrido este fato sob supostas ações de fraude, a migração dos afro-guianenses passa a ser incentivada para contribuir no crescimento econômico do país, principalmente para aqueles que tinham formação escolar secundária ou de nível superior.

1.1 Os interstícios entre Nacionalidade e Aldeias Étnicas

A formação social do grupo étnico afro-guianense, com as repercussões dos movimentos sociais nas organizações políticas dos partidos PPP e PNC a partir de 1950, além do longo período de deslocamento para países anglófonos e caribenhos, conhecido como a grande diáspora e a fuga de cérebros, provocaram uma coesão de valores que se estende e

destaca a afirmação de uma identidade marcada por um hibridismo cultural que está relacionado a arquétipos de uma africanidade e inglesividade.

De algum modo, a formação da identidade cultural desse grupo, não se inicia no engajamento político, mas sim na inserção deste na oligarquia inglesa no período em que se inaugura uma nova fase após a abolição da escravatura. Dois vetores de maior influência para a formação intelectual e inclinação dos negros na cultura inglesa, foram a educação e as religiões anglicanas. Religiões protestantes também influenciaram o engajamento do afro-guianense através do trabalho missionário em áreas de *plantations* como uma forma de estratégia e pacificação para uma redução da jornada de trabalho, e para estreitar o contato com a língua falada entre os colonos ingleses.

Durante o processo colonialista, permitiu-se estender o domínio europeu, sancionando uma fragmentação e exortização de crenças, tradições, veiculando-se conjecturas embasadas em estereótipos na construção de um discurso homogeneizante, sobre esses grupos étnicos que provinham de culturas diferenciadas, associando-os a uma identidade de acepção animalésca, como é visto em algumas religiões não cristãs. Assim como a Guyana, em muitos outros países que hoje formam pequenos Estados-nação no Caribe, a condição em que ficara o afrodescendente após a abolição da escravatura foi de grande dificuldade para sobrevivência, de pouco acesso aos setores de maior necessidade para respectiva organização social e de aquisição econômica.

No que concerne à construção de discurso ufanista e homogeneizante relacionado a esse grupo dado pelos colonos ingleses, que se detêm de algumas literaturas como Serbin, Bansart, Holbrook, perceptível também nas narrativas orais relatadas por alguns representantes da população local, é de que havia referência negativa a uma parte do grupo afro-guianense, considerando-os como incapacitados para exercer o mesmo papel com excelência nos cargos de alta patente dos setores administrativos, e de inclusive falar a língua inglesa quase fluente.

Em meio ao processo de transição de espaço social, sujeitos estigmatizados passam a usar mecanismos para contestar a sua condição de desigualdade social, potencializando valores de tradições ancestrais e reafirmando uma identidade, que mesmo enfatizada por uma etnicidade analógica, é híbrida porque advém desses contextos pluralizados nas influências culturais dos berços europeus e africanos.

A identidade étnica, em meio a isso insere-se indubitavelmente numa espécie de ambiguidade entre a herança cultural deixada pelos britânicos, entre a influência dos movimentos sociais político-ideológicos voltados para afirmação de uma identidade corroborada por ancestralidade, e entre a época em que se eclodia movimentos de reivindicação de independência em várias partes do mundo ocidental. Dentro da configuração que hoje se encontra essas etnias espalhadas na Guyana, passou a concentrar-se a maioria, na cidade que atualmente habita o maior centro urbano do país, Georgetown, conhecida também como Grande Georgetown, e local de origem de uma grande parcela da população dos afro-guianenses que migraram para Boa Vista.

A trajetória vivenciada entre os grupos presentes no processo histórico da Guyana, representa uma realidade fortemente marcada pelo fenômeno de hibridização em toda América Latina, fenômeno este apresentado por Canclini (2008) como local de depósito e encontro de culturas *ibero-africanas*. A diáspora africana, por representar um território diverso de formação político-ideológica no que tange as heranças culturais de nações variadas que foram inseridas na América, transita entre a formação de uma unidade no que diz respeito a afirmação de identidade embasada na ideia da negritude, e ao mesmo tempo perpassa pelos elementos de tradições diversas originadas das relações socioculturais mantidas com outros povos. Para Werneck (2014, p. 5),

A diáspora africana pode ser dita pela sua suposição de uniformidade e vínculo como uma nação sem território e sem estado, muitas vezes em confronto com estes e seus elementos de afirmação cultural e produção de identidades, num constante processo de hibridização compreendida como aproximação, confronto e encontro de tradições recriadas à medida que a modernidade se instala.

Colocando-se em pauta o que está em debate no discurso polifônico do afrodescendente, estende-se a concepção de *nação* e *aldeias* como elementos fundados da constituição de uma identidade. Enquanto se submerge a nacionalidade o construto de princípios e valores para um bem em comum, como algo que está naturalizado antes mesmo de determinado sujeito existir nos chamados países pós-coloniais, as aldeias funcionam como uma micro-organização dentro de uma nação que se articula aos princípios regimentados, porém, se mantêm de recursos que podem ser dependentes ou independentes desse construto.

Como se vê nos exemplos de alguns grupos étnicos que construíram discursos e

formaram seus valores ao longo do tempo nos períodos de dominação das potências europeias, sendo povos diaspóricos ou não, vivenciaram de experiências que os veicularam a formação de aldeias que tinham como objetivo desvincular-se do domínio imperialista implantado por essas potências. A exemplo disso têm-se, o caso dos *marrons*⁷ na Guiana Francesa, Haiti e Jamaica, dos *crioulos*⁸ do litoral norte e da zona de Inhambane em Moçambique ou como entre os descendentes de africanos e de indianos da Guyana e da Ilha Fiji.

Há uma espécie de interdependência dentre esses grupos que formam a acepção de aldeias, pois os mesmos mantêm-se de algumas formas, integrados a condições sociais e políticas impostas pelo Estado-nação. O símbolo da nacionalidade ganha sentido discursivo de notoriedade integradora a ideia de uma identidade formulada partindo das relações socioculturais dos grupos nativos, no século XIX, e essa repercussão passa a intensificar um imaginário destituído de maior valorização às sociedades hegemônicas europeias, a norte-americana e de preconceções e estereótipos às sociedades formadas por Estados-nações emergentes.

Para as sociedades da África Subsaariana que mais passaram pelo processo de colonização e migração, essa naturalização da nacionalidade que fora amplamente condicionada sob o discurso hegemônico na política (liberal e capitalista), na religião através das missões de igrejas protestantes anglicanas, messiânicas e posteriormente de outras ordens, presentes tanto na África como na América, e na língua sincrética. Dessa forma, a maneira dada na inserção de poder dos povos britânicos em nações colonizadas por eles é evidenciada pela relação de fidelidade e lealdade a realeza, cabendo ao indivíduo “livre”, exercer direitos que lhes assegurassem, a priori, o interesse legítimo da coroa inglesa e com isso, proporcionando a soberania, fato este que se reflete na relação herdada de determinados valores culturais pela Guyana.

1.2 Migração de Afro-Guianenses no Século XX: programa de recuperação econômica e

7 Quilombos formados em sua maioria por africanos que conseguiram fugir da escravidão, iniciados no Haiti, os quais repercutiram em diversos outros países caribenhos, e que lutaram por mais de vinte anos, conseguindo manterem-se independentes pelo mesmo período (SERBIN, 1980; FLORENTINO, 2012).

8 Denominação dada aos descendentes de africanos, nascidos em território americano. Essa denominação é mais frequente entre as regiões que formam os países caribenhos (AUGEL, 2007; LOUREIRO, 2014).

a saída para países caribenhos

A migração se intensifica a partir do século XX e passa a ser um fenômeno incentivado pelo próprio governo da Guyana com o propósito de melhor qualificar a mão de obra e aumentar as remessas financeiras (CORBIN, 2009). Devido à fragilidade econômica que se encontrava a Guyana após a independência, o país declina-se através do fundo monetário para pagamento de dívidas como cumprimento de acordos financeiros com aqueles que tinham alianças, principalmente EUA e Inglaterra.

A *fuga de cérebros*, iniciada ainda a partir de 1964, irá também de certa forma contribuir para a estagnação da economia no país. Quando a abordagem social trata de guianenses, é praticamente impossível não relacionar com historicidade envolvendo os grupos interligados não só geograficamente, como relata os autores Byone e Bristol (2009) de que as Guianas (Tanto a Francesa como a antiga Inglesa) têm ultrapassado fronteiras geográficas e idiomáticas, permitindo oscilações na identidade social dos povos originados delas.

Há que se considerar também, os fatores interligados por um processo de interação promovidos pelo fenômeno da globalização como contribuintes para o volume elevado das migrações. Este condicionante, sem dúvida, tem impacto direto na economia do país de origem, desde que, este número de habitantes passe a migrar em um mesmo período, sem retorno breve. De acordo com Corbin (2009, p. 180),

Com a altíssima migração dos mais capacitados e aproximadamente com 55, 9% da população fora do país, políticas visando aumentar a participação da diáspora no desenvolvimento da Guyana são cruciais. A carência de professores treinados que é atribuída à migração, demanda mudanças estruturais nos programas de educação para melhor aproveitar o migrante através da fuga de cérebros.

A carência de planejamento mais estruturado do governo guianense para melhor aproveitamento dessa parte da população que migra, provoca não só a estagnação na economia e o empobrecimento financeiro de boa parte da população, como também pode impactar na permanência de tempo maior no lugar de destino, que segundo Corbin (2009, p. 181), “acaba deixando a economia do país cada vez mais dependente da mão de obra proveniente dos países limítrofes”. Esses indícios acabam recaindo também, nas ocupações de alguns cargos relacionados aos serviços domésticos (no caso de mulheres) e de comerciantes

dependendo do país para o qual migra.

No caso dos EUA, por exemplo, onde há um número relevante de mulheres trabalhando como domésticas, segundo Corbin (2009). De acordo com Serbin (1980), a migração passou a ser mais frequente, após a inclusão da Guiana como país independente, quando Fores Burhman assume o governo e em 1952, passa a instituir como regime político e econômico, sistema cooperativo entre empresas e franquias de comércio, denominando a nação como República Cooperativa da Guyana.

1.3 Migração de Afro-Guianenses para Roraima a partir de 2000

Com o grande fluxo migratório para a Europa e os outros países da América do Norte, a migração de afro-guianenses para Roraima ganha destaque, principalmente a partir de 1990, intensificando-se em 2000. A abertura de rodovias nos anos de 1970, como a BR 174 que liga a capital de Manaus a Boa Vista, a cidade de Santa Elena de Uairém (Venezuela) e a BR 410 que liga o município de Bonfim a Lethem, facilitou a entrada para o Brasil de migrantes dos países vizinhos como Venezuela e Guyana. Em 2000, esse processo é intensificado ainda mais com a perspectiva de crescimento econômico no Brasil, também devido ao déficit de emprego e ao enfraquecimento da moeda na Guyana. O quadro a seguir, demonstra esse aumento do fluxo migratório que a partir de 2000, passa a ter um acréscimo.

Figura 2- Taxa de Crescimento Populacional em Roraima- 1950/2000

ANOS	TAXA DE CRESCIMENTO (%)	DENSIDADE hab./km²
1950		0,08
1960	4,56	0,13
1970	3,75	0,18
1980	6,83	0,34
1991	10,64	0,97
2000	7,02	1,44

Fonte: IBGE; Elaborado por AT&M.

A perspectiva de crescimento econômico no Brasil a partir do ano de 2000 e o déficit de emprego nos países vizinhos foram fatores que contribuíram para o crescimento da migração internacional, PNUD (2009), aponta um aumento de mais de 5% no volume de migração internacional nesse ano. Há um número de alunos africanos que têm ingressado na Universidade Federal de Roraima, acerca de três anos, uma ação que tem sido promovida por um Programa do Governo Federal, que possibilita convênios de bolsas de estudo.

Muitos desses jovens, segundo alguns relatos obtidos durante a pesquisa de campo, acabam sendo relacionados com guianenses por parte da população que não tem contato com os mesmos, pelo fato de terem um mesmo fenótipo e serem vistos quase sempre em grupo. Esse é um fato que pode ser correspondido a um estigma que os enquadram, africanos e guianenses, em um mesmo grau de aceitação e de visibilidade homogeneizante. A isso, Goffman (1989) chama de alinhamentos intragrúpicos, dos quais os indivíduos considerados normais, expõem aos estigmatizados, atributos estereotípicos.

A população residente em Roraima é caracterizada pela diversidade não só pela naturalidade e nacionalidade, como também pelas identidades culturais que compartilham os espaços sociais entre os grupos específicos, formando uma espécie de gueto, onde se percebem as identidades por aspectos étnicos, regionais e nacionais. A esse despeito pode ser visto o que Bourdieu (2007) chama de condutas simbólicas, das quais estão relacionadas a posições homólogas dentro de uma estrutura social, decorrentes do lazer e da posição no sistema de produção com que é atribuído por cada indivíduo. A partir disso, pode ser notado

que as maneiras consideradas distintas de cada grupo, se dão pela posição e pelo *status* que enquadram uns aos outros às oposições que funcionam como sistemas de valor, ao que Bourdieu (2007) denomina de *habitus*, podendo ser classificado em elementos culturais como vestuário, linguagem, crenças.

Esse é um fenômeno que pode ver-se em comunidades que vivem em comum espaço, e que em dados momentos, podem religar-se ao seu lugar de origem, representando uma interação proveniente ao que Benedit Anderson (2000) cita quando estas se interligam por solidariedade. A globalização é um fenômeno que tem contribuído para aceleração da formação de comunidades, assim como também das migrações em larga escala, segundo Raffestin (1993), Santos (1997), Góis (2004).

O que mantém o constante fluxo e mobilidade entre os afro-guianenses que estão em Boa Vista, são as redes familiares e de amizade daqueles que já estão a mais tempo no local. Além dessas redes concretas e abstratas, há outros mecanismos que quando consubstanciados em um meio social promovem formas de convívio. PNUD (2009) destaca que, com efeito, quase metade de todos migrantes internacionais deslocam-se dentro dos limites de sua região de origem e cerca de 40% desloca-se para países vizinhos. Segundo Santos (2009, p. 8), “no caso da tríplice fronteira (Brasil-Venezuela-Guyana), a migração é impulsionada pelas redes de comércio e pela busca de serviços que não exigem um alto nível de qualificação profissional”.

A Organização Internacional para Migração – OIM (2009), declara que a existência de remessas funciona como uma parte importante do processo de construção e consolidação de comunidades transnacionais. Os índices de empregabilidade desse grupo em Boa Vista, ocorre nos cargos de setores terciário, no comércio e principalmente na área de educação no ensino de língua inglesa. O fato de serem identificados como “negros”, originados de um país que é estigmatizado pela formação histórica e econômica e além disso estarem empregados nesse setor em Boa Vista, os afro-guianenses são visibilizados sob estereótipos que em certos momentos se revelam através de relatos e da resistência de acessibilidade a ocupação de certos empregos como no ensino de língua inglesa.

De acordo com Santos (2009), a mídia impressa roraimense, entre o ano de 2000 a 2005, publicou matérias sobre migrantes venezuelanos e guianenses, que em sua maioria, os relacionavam em ações ilícitas como tráfico de drogas, homicídio, contrabando de moto,

roubo e furto, atribuindo-os a designação da palavra estrangeiro. Almeida e Cirino (2008, p. 5), afirmam que,

Negros, negras, indígenas acabam se fixando na periferia e associando-se aos índices de violência da cidade, e as categorias que pululam no imaginário da cidade(...) de meliantes a desocupados. São invisíveis para as políticas públicas, mas presentes nas instituições de controle social.

As instituições de controle social garantem a visibilidade através da comunicação forçada que, segundo dados transcorridos aqui e relatos obtidos ao longo da pesquisa, é dada com pouco diálogo, restrição a acessos de setores básicos ou a encarceramento em presídio. Dentro desse quadro que acaba situando os guianenses de forma generalizada e provocam um estigma social, muitos que se enquadram ao grupo étnico afro-guianense, e que saem da Guyana com uma formação educacional de nível médio ou superior, ao longo do tempo, adaptados, buscam se inserir em ocupações profissionais que lhes garantam algum prestígio ou refúgio desse estigma.

Nessa perspectiva, a partir das próximas sessões serão ilustradas dentre essas ocupações profissionais em que se encontram os sujeitos da pesquisa e o que cerceia preconceitos partidos dos estereótipos com os quais são vistos pelos brasileiros, a língua como um fator que reforça o preconceito étnico-racial camuflado e o percurso dado por eles através da formação de uma comunidade construída pela Igreja Adventista Inglesa como uma forma de exasperar a cultura guianense e de fortalecer suas raízes no processo de interculturalidade.

2 ORGANIZAÇÃO SOCIAL E OS MARCADORES DE IDENTIDADE DO AFRO-GUIANENSE EM BOA VISTA-RR

Há muitos afro-guianenses em Boa Vista vivendo como empreendedor. Por estarem em condições socioeconômicas muito próximas e por motivos de migração também similares, acabam se organizando em prol de mobilizar trocas de informação, de acesso à moradia, e de outros benefícios que contribuem para uma assistência mais imediata. O estado de Roraima, possui um contingente de pessoas assumidas, em sua maioria, como de raça branca, parda e em menor número, indígena (Censo, 2010). Esse fato é ocasionado por marcadores históricos e econômicos que amalgamados por diversas ações acabam reproduzindo uma estrutura de poder para aqueles que não estão enquadrados ao grupo dos menos favorecidos, como indígenas e afrodescendentes, estereotipando outros que se enquadram nestes.

A posição geopolítica desse estado é de uma vasta extensão com relação as fronteiras nacionais e internacionais, ocupando uma posição setentrional que abrange a Amazônia Caribenha e se interliga aos países da República Cooperativista da Guyana e da República Bolivariana de Venezuela, além da Pan Amazônia que se interliga aos estados do Pará e do Amazonas. A cidade de Boa Vista como capital deste estado, estando localizada ao norte dele, compõe um quadro de população multiétnica e multicultural.

Boa Vista, sua capital, está dividida entre bairros que se encontram na zona leste, próximos ao centro, e zona oeste, que pertencem a parte considerada periférica. Esta última vem crescendo em termos de habitação e de população.⁹ Os bairros Raiar do Sol, Pintolândia, Cinturão Verde, considerados alguns dos bairros periféricos de Boa Vista e onde se concentram os guianenses sujeitos desta pesquisa. Segundo Veras (2012), são bairros que correspondem a parte da zona oeste da cidade, onde reside a maior parte da população de renda média e baixa e que tem sido de crescimento mais elevado do que a zona leste, que se encontra em sua maioria, o grupo que representa a classe economicamente alta da cidade.

Alguns órgãos de atendimento como Prefeitura, SETRABES¹⁰, Consulado da

9 Além de referências das literaturas locais, essas informações foram adquiridas pela pesquisa de campo.

10 Secretaria do Estado de Trabalho e Bem Estar Social.

Guyana, apesar de consultados, não forneceram informações ou quaisquer dados quanto ao número de migrantes afro-guianenses na economia local ou sobre as profissões exercidas por estes em Boa Vista. Contudo, a Polícia Federal e a Casa de Passagem do Imigrante¹¹, informaram que muitos desses estão inseridos nos setores informais de trabalho como atividades domésticas, construção civil e em alguns casos como empreendedores na área de comércio.

O cotidiano vivido por estes sujeitos não é tão diferenciado do que viviam no país de origem. Segundo a Polícia Federal, há muitos guianenses ainda na condição de imigrante não documentado. Muitos migram para a cidade de Boa Vista, e acabam se inserindo no mercado de trabalho como autônomos, atuando como ambulantes ou vendedores de mercadorias em feiras no centro da cidade, em locais próximos do centro e em alguns casos, abrem os estabelecimentos nos espaços das residências. Segundo informações de agentes da Polícia Federal (2014), esses migrantes acabam recorrendo a essas atividades como estratégia de sobrevivência. Entre os migrantes que atuam no setor informal como vendedores, atendentes de loja, ou vendedores ambulantes, há também a presença de venezuelanos, peruanos, e uma pequena parcela de colombianos dispersos no centro da cidade.

Dentre os migrantes afro-guianenses que participaram como interlocutores na pesquisa os quais trabalham como comerciantes, informaram que recebem os materiais de Manaus e Lethem para revendê-los em alguns locais dentro de Boa Vista. Há cerca de dois anos, tem sido identificada a entrada de africanos de países como Nigéria, Gana. Segundo o relato de um interlocutor africano, alguns usam o estado de Roraima como rota para chegar a outros países do Caribe, dos quais levam mercadorias variadas para revenda.

Eles se concentram no eixo onde se situa a estação rodoviária de Boa Vista, nos trechos de acesso entre a av. Brasil, e a av. Treze, local onde há uma variedade de hotéis. A opção adquirida no mercado de trabalho pode ser não só um traço cultural, mas também, alicerces que precisam ser alcançados por esses sujeitos para se adaptarem e se estabilizarem no local de destino.

Staevie (2009) apresenta dados que justificam as estratégias repetidas desses sujeitos em estarem dispersados neste ramo da economia local, mostrando que os motivos

¹¹ Local onde muitos migrantes, principalmente das fronteiras, permanecem por um período que pode chegar até três meses. As situações de hospedagem, geralmente ocorrem quando precisam resolver algo de urgência que dependa de uma legalização no visto de permanência.

entre outros, não são apenas de ordem financeira, mas também porque possibilitam desenvolver de forma mais dinâmica uma acessibilidade a outros locais e setores e, com isso, uma integração menos lenta na sociedade hospedeira.

Existem outros fatores que são incisivos na opção pelo setor informal no mercado de trabalho como o crescimento acelerado da população e a taxa de desemprego em setores intermediários, respectivos a formação técnica (áreas de indústrias, urbanização) ou de formação acadêmica (cursos de graduação). Segundo Staevie (2009), Boa Vista como uma capital que está no seu processo de crescimento social, principalmente em esferas que abrangem a econômica, urbanística, saúde, permeia a condição de capital periférica. De acordo com Staevie (2009, p. 35),

Os estados periféricos, assim como os análogos países de periferia, possuem os piores indicadores sociais. A economia destes estados é também menos dinâmica e “flutua” em torno dos estados mais desenvolvidos industrialmente. A economia daqueles ainda está fortemente atrelada ao setor público e suas organizações.

O setor público desde final da década de 1990, tem se tornado uma das maiores opções de trabalho para boa parte dos migrantes intra e inter-regionais, caracterizando a capital de Roraima como uma das que mais emprega neste ramo no Brasil, enquanto há uma outra parcela da população (em sua maioria natural do estado) que possui nível fundamental e médio de formação escolar, ocupando o setor informal em estabelecimentos comerciais variados. Esse quadro foi se configurando à medida que a população crescia na empregabilidade formal e nas ações que viabilizassem atender àqueles que ocupavam esse setor e aos que estavam alheios a ele. Steavie (2009, p. 37) afirma que,

Boa Vista, por exemplo, no início dos anos 1970 contava com apenas 30 mil habitantes, atualmente tem uma população aproximada de 250 mil. Rondônia, por sua vez, observou um significativo incremento populacional ainda nos anos 1970 por já à época se apresentar como uma nova fronteira agrícola... Atualmente estes estados ainda possuem uma densidade demográfica extremamente baixa... O mais populoso é Rondônia (aproximadamente 1,6 milhão de habitantes), ao passo que o menos populoso é Roraima, com uma população de 412 mil habitantes.

Em observância à formação dos blocos nacionais e internacionais dos grupos sociais que passaram a configurar Boa Vista e aos indicadores sociais, percebe-se que esta detém uma desigualdade social e um índice de exclusão no *ranking* estabelecido entre as

capitais consideradas periféricas da região norte (apud POCHMAN E AMORIM, 2007; STAEVIE, 2009). No quadro abaixo, é possível perceber esse enquadramento que destaca algumas das capitais da região norte e nordeste dentro desse *ranking*.

Figura 3 - Índice de exclusão social e ranking geral a partir do ano de 2000

Município	Índice de exclusão social	Posição no ranking
Boa Vista-RR	0, 505	1.452 ^a
Macapá-AP	0, 493	1.683 ^a
Maceió-AL	0, 526	1.040 ^a
Manaus-AM	0, 522	1.112 ^a
Palmas-TO	0, 608	163 ^a
Porto Velho-RO	0, 536	873 ^a
Rio Branco-AC	0, 519	1.178 ^a
Teresina-PI	0, 521	1.136 ^a

Fonte: Atlas de Exclusão Social (POCHMANN E AMORIM, 2007)

Segundo Staevie (2009), Boa Vista também lidera o *ranking* no índice de população que se encontra na informalidade a partir de 2000. Ocupa a 27^a posição no *ranking* geral e, conseqüentemente, o pior índice entre Porto Velho, Rio Branco e Macapá. Os índices de emprego formal e de crescimento de população, são alguns dos indicadores que justifica a taxa de exclusão em maior destaque.

De acordo com o último Censo de 2010, a população no estado de Roraima alcançava cerca de 410 mil habitantes, atualmente, superou com a entrada de mais migrantes e de migrantes, houve também um aumento de opções de lazer na cidade que cresceu significativamente a partir de 2012. Pochman e Amorim (2007) estabeleceram critérios para identificar os municípios com indicadores sociais de exclusão extrema, amena e de inclusão, considerando a qualidade e quantidade de acesso a bens e serviços básicos como educação, trabalho formal, renda, moradia, transporte e à informação.

Mediante a observação feita por esses pesquisadores, foram elaborados três temas: padrão de vida digno que está relacionado a possibilidade de bem-estar material e distribuição de renda; conhecimento, relacionado a participação na educação; risco de vida juvenil, relacionado a envolvimento da população mais jovem em ações criminosas. Juntos, envolvem

os sete indicadores que formam o Índice de Exclusão Social analisado por região e municípios. São eles: indicador de pobreza, de concentração de jovens, de alfabetização, de escolaridade, de emprego formal, de violência e de desigualdade.

Outro critério apresentado para avaliação quantitativa refere-se ao índice apresentado de 0,1 a 1,0. Para os locais que apresentam abaixo de 0,4, considerou-se com perfil de extrema exclusão. Para os que estão entre 0,4 a 0,5 foi classificado como aqueles de exclusão mediana, a exemplo dos casos mostrados no quadro anteriormente. Entre 0,5 a 0,6 de exclusão mediana melhor. Acima de 0,6, considerou-se como locais que estão fora do perfil de exclusão.

Pode ser percebido um número mais significativo do gênero masculino na migração para o estado de Roraima, em contrapartida, ocorreu um aumento da migração feminina modificando, a partir do final da década de 1990. O quadro a seguir (apud SETRABES, 2001; RODRIGUES, 2001), mostra pelo fluxo migratório, a entrada proporcional a homens e mulheres considerando aqueles que estão na condição de migrantes.

Figura 4- Fluxo Migratório por gênero e geração dos migrantes no Estado de Roraima no Período de 1996-2001

ANO	Total de Migrantes	Adulto masculino		Adulto feminino		Criança/ adolescente masculino		Criança/ adolescente feminino	
		Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%	Quantidade	%
1996	7.687	3.855	50,1%	1.466	19,1 %	1.193	15,6 %	1.173	15,2 %
1997	10.279	-	-	-	-	-	-	-	-
1998	14.835	6.807	45,9 %	3.483	23,5 %	2.673	18 %	1.872	12,7 %
1999	13.034	5.689	43,7%	3.052	23,5 %	2.424	18,5 %	1.814	14 %
2000	11.078	4.449	40,1 %	2.698	24,3 %	2.143	19,3 %	1.643	14,8 %
2001	4.924	1.897	38,5 %	1.401	28,4 %	801	16,2 %	779	15,8 %

Fonte: Secretaria do Bem Estar Social/ Departamento de Desenvolvimento Social/julho-2001.

Este perfil também pode ser percebido entre os migrantes afro-guianenses. Durante a passagem por locais próximos ao centro e da periferia de Boa Vista, onde se localiza um número maior de estabelecimentos comerciais, pode perceber que entre esses migrantes, havia mais homens que atuando como vendedores de produtos alimentícios. No

entanto, dados de outras pesquisas (ROST, 2009; FRANK, 2014) indicam que as mulheres estão no setor do trabalho doméstico e cujo indicativo pode ser detectado nos ônibus que fazem as linhas dos bairros considerados de classe alta como Paraviana e Caçari, a caminho da zona Oeste da cidade.

Algumas mulheres, tanto afro-guianenses como indígenas-guianenses que têm trabalhado como domésticas em residências, são estigmatizadas pela questão racial, ganham salários abaixo do mínimo e tem jornada de trabalho mais extensas (ROST, 2009). Muitas mulheres após essas experiências de discriminação e superexploração, retornam para seu lugar de origem ou migram para outros. O setor formal identificado com presença de afro-guianenses é na área de educação, onde foi notado tanto gênero feminino como masculino.

Não foi muito mencionado sobre a condição de irregularidade quanto a questão de cidadania pelo visto de residente no passaporte durante o tempo que fiz as entrevistas, e nenhum deles demonstrou estar à vontade para falar a respeito. Dos produtos observados dos quais são ofertados nas vendas por alguns afro-guianenses que atravessam a fronteira para comercializar no centro da cidade, próximo ao mercado Caxambú¹² e em algumas feiras da cidade, há condimentos que servem como temperos para alguns pratos, e que são bastante consumidos em Guyana como *curry* (conhecido no Brasil como açafrão), bebidas enlatadas, e outros produtos domésticos. Conversei com dois comerciantes afro-guianenses no período em que fora realizada a pesquisa de campo e relataram um pouco a respeito disso.

Os afro-guianenses vêm exercendo algumas atividades que se relacionam a sua identidade cultural, tais como as de campo religioso como adventistas, ensino de língua inglesa, apreciação da música *reggae*, entre outros. Essas atividades possibilitam a circulação de elementos simbólicos, próprios da cultura exercida por eles, que podem interagir em situações de contato. Além das atividades laborais identificadas com estes migrantes no contexto local, a língua é outro elemento que demarca esta diferenciação.

Embora os afro-guianenses desempenhem atividades no comércio, seja como vendedores ou como comerciantes donos de pequenos estabelecimentos, estão de certa forma, reproduzindo o que já faziam no lugar de origem, antes do deslocamento para Boa Vista. Por meio do desempenho dessas atividades, se reconhecem, fortalecendo as redes de amizade, e vão constituindo inserção e adaptação no lugar de destino.

¹² Local amplo e aberto, localizado no centro da cidade de Boa Vista que serve como espaço de trabalho para vendedores ambulantes e feirantes.

Para Bourdieu (2007), as redes podem funcionar como campos de poderes onde estarão distribuídas ações que viabilizam cooperação, enquanto Vilaça (2008) relaciona isso a evidência de uma convivialidade que veicula a criação de um sistema econômico onde estão concentrados produtos simbólicos, objetivando beneficiar algumas pessoas. A decisão em ir para o Brasil é motivada pela crença de que há mais condições de crescer economicamente do que em Guyana, por causa das opções de emprego e de salários, como é possível identificar na narrativa do interlocutor Fred, que mesmo possuindo três formações de nível superior, segundo o mesmo, não foi suficiente para lhe garantir um emprego com salário adequado as suas necessidades.

¹³Enquanto estava morando na Guyana, minha perspectiva de vida era inferior a que tenho aqui. Foi difícil, quando cheguei, mas depois as coisas foram se ajustando. Aqui em Boa Vista vivo melhor do que quando estava na Bahia. Morei um tempo na Bahia, dava aula de inglês lá, mas depois vi que o que estava ganhando em Boa Vista estava mais do que o que ganhava na Bahia. Lá me sentia quase como se tivesse em casa (na Guyana), porque não era tão resistente às pessoas, aqui é mais difícil isso, mas ganho mais dinheiro.

As vivências na migração para o Brasil por parte desses sujeitos, acabam passando por similaridades nas motivações de deslocamento e desencadeiam outras novas motivações, dependendo do que vai sendo agregado nos contatos entre os nativos do lugar de destino. Quando as experiências passam por um processo negativo, podem provocar um retorno ao lugar de origem ou um novo fluxo migratório. Além do acesso a empregos e moradia, a comunicação através do idioma é um fator que corrobora incisivamente na inserção e adaptação do imigrante, e no caso dos afro-guianenses em Boa Vista, esse último fator tem sido um elemento em que se percebe um estigma que advém da condição étnica e social desses sujeitos.

2.1 “Inglês da Guyana”: O estigma linguístico e étnico como marcadores de uma identidade e alteridade

As percepções de contraste e distinção de muitos brasileiros residentes em Boa

¹³ A grafia apresentada das falas dos interlocutores neste trabalho, aparece como uma transposição representada conforme a pronúncia dos mesmos.

Vista com relação aos guianenses, passa primeiramente pela cor da pele e pela língua falada, o inglês. É comum ouvir os brasileiros referirem-se aos guianenses (especialmente os pertencentes ao grupo étnico afro) como gente que não fala um inglês compreensível, e que por isso, denomina-o como “inglês da Guyana”. Essa reação ao uso do inglês falado pelos afro-guianenses que estão em Boa Vista, mostra os mecanismos de diferenciação de classe e de poder que acontecem em todas as esferas sociais, os quais ganham força pela organização que se dá internamente. De acordo com Durkheim (2003), são as formas de solidariedade compartilhadas entre grupos que contribuem para a criação e manutenção das distinções e consequentemente do poder estabelecido entre os mesmos.

A isso Hobsbawm (1990) relaciona a formação de línguas nacionais mediante os dialetos usados em situações variadas, criam raízes linguísticas proto nacionais, tornando-se um corpo de comunidades que distingue-se de outras línguas não nacionais. A língua funciona como um fator determinante de uma cultura e por isso, também pode ser um indicador da condição social e econômica de uma população. Na fronteira da Guyana com o Brasil, especificamente na cidade de Lethem, é comum também perceber brasileiros referirem-se ao inglês que ouvem como um idioma não tão similar ao inglês que têm mais referência, o norte-americano, sendo o inglês falado na Guyana contido de estrutura lexical particular, que se diferencia em alguns aspectos, tanto do inglês norte-americano quanto do britânico.

Entendendo que a língua é um fenômeno social que passa por transformação pelo fato de estar intrinsecamente relacionada a cultura de um grupo social ou de uma sociedade (BAGNO, 2004; FIORIN, 1988), toda a sua estrutura dependerá consequentemente das deliberações, regras ou normatizações que sejam implantadas, sendo que na modalidade oral o que irá mais interferir, são as formas de organização internas a um grupo dentro de uma sociedade e até mesmo os fenômenos da natureza. Em situação de migração, esse fato pode ser mais evidenciado. Silva (2012, p.25) afirma que

A linguagem apresenta papel decisivo na construção da identidade e na relação com o “outro”. Esta relação é tão próxima que, ao analisar, por exemplo, a construção de identidades de migrantes, percebo que a linguagem não apenas expressa a experiência, mas antes a constitui, pois é através dela que o imigrante constrói uma representação própria da vida.

A língua falada na Guyana, (inglês e o *creolese*) distingue os diversos grupos

étnicos que também são diferenciados de acordo com o local onde residem e com a ramificação religiosa dos grupos pertencentes. Há dialetos comumente falados internamente entre os grupos afro, indo e indígenas guianenses, cada um desses costuma dialogar entre si e isso é percebido não só nas palavras desconhecidas, como também no sotaque que sobressai ao ser usada a língua materna inglesa. De acordo com Holbrook (1998), havia no século XVIII um dialeto comumente falado na Guyana, denominado *basileto*, mais tarde passou a ser conhecido como *creolese*, designa a condição socioeconômica do falante desse idioma por estar agregado àqueles que estão em um patamar economicamente baixo.

Os afro-guianenses usam a língua falada como construção de identidades e esse fato ocorre nas relações interpessoais entre eles e brasileiros, visível, por exemplo, nas celebrações e cultos na Igreja Adventista Inglesa do Sétimo Dia, formada a partir da comunidade guianense, mas que também tem participação de brasileiros. A língua é utilizada portanto, como uma forma de diferenciação nacional, à medida que se autodenominam, *ingleses* e que denominam os brasileiros, *portugueses*. Para Maher (1998 apud SILVA, 2012, p. 77) a identidade é construída no espaço discursivo porque é tendência do ser humano estereotipar o sujeito por sua língua ou impô-la como fator determinante de identidade.

Essa associação entre língua, etnicidade e nacionalidade pode favorecer os contatos iniciais e interação. Havia dúvidas no início do contato para a pesquisa sobre a minha nacionalidade. Um dos fatores que gerava isso, por um lado era o fato de que falo inglês (não fluente) necessário para uma comunicação, por outro, pelos fenótipos de ascendência africana. Durante o contato mantido com eles, era comum cumprimentarem-me perguntando, *are you english?* (você é inglesa?), quando respondia que não, perguntavam *are you portuguese?* (você é portuguesa?).

Há afro-guianenses que residem há algum tempo em Boa Vista e falam bem o português. Segundo alguns dos entrevistados, nem todos querem revelar de início sua identidade guianense, mesmo entre eles. Os guianenses em Boa Vista, se referem uns aos outros como *ingleses*¹⁴, independentemente da etnia ser afro, indígena ou indo guianense. O interlocutor Brian que reside em Boa Vista desde 1981, em sua narrativa, afirmou que a

14 Não encontrei em fontes bibliográficas a justificativa para essa denominação, mas pode ser compreendida a sua origem em culminância ao processo histórico-cultural de apartheid pelo qual todos os grupos étnicos, assim como os afro-guianenses, passaram em dois séculos na Guyana, e que levou a uma apresentação de identidade por parte do grupo aqui estudado, relacionada mais ao aspecto nacional do que social.

reação dos brasileiros quanto à oralidade dos afro-guianenses, ou seja, o *creolese*, se configura como uma demonstração de preconceito racial, porque considera o inglês da Guyana inferior pelo fato de ser falado entre o grupo de descendência africana e pelo fato da Guyana ser um país pobre. Ele afirma no entanto, que quem fala o inglês diferente são os indianos,

Não entendo porque brasileiro (pausa) isso de querer dizer inglês da Guyana, por quê inglês da Guyana?! O inglês da Guyana é igual aos outros, você vai falar inglês e o cabra diz que não tá falando inglês, só porque não é americano, não fala *hei men*?! Você fala inglês com um cabra desse e ele um sabe o que você fala. Eu posso falar inglês britânico, inglês americano, inglês africano e o inglês guianense que não vai entender o que falo... Agora, os indianos falam diferente da gente, sabe?! Você sabia que lá dentro da Guyana se diz que o inglês indiano é caipira? É conhecido como inglês caipira porque eles não falam que nem agente e os outros de lá

Há uma demonstração de poder e hierarquia a partir de como determinados grupos utilizam a língua, sendo portanto, um diacrítico identitário, mas também social. O preconceito linguístico, neste caso, pode ser entendido como um fenômeno que está relacionado ao fator social e econômico, as posições ocupadas pelos indivíduos dentro desses critérios. Durante o período de observações em campo, percebi que existem espaços de utilização das duas línguas e espaços próprios da língua inglesa, como em suas residências ou quando se encontram em locais de trabalho, em cerimônias religiosas.

Na Igreja Adventista Inglesa e em outros dois locais que se dividiam entre residência e lugar de trabalho, foi percebido que quando estão reunidas, algumas famílias do grupo afro-guianense, costumam usar os dois idiomas (inglês e português), porém há uma inferência de sotaque maior no uso da língua materna entre os mais velhos, já a segunda geração, ou seja, os filhos que em alguns casos são de nacionalidade brasileira, falam sem esse marcador de identidade. Entre os indígenas-guianenses, é comum haver matrimônios com brasileiros, principalmente entre aqueles que estão residindo na cidade brasileira (Bonfim) que faz fronteira com a Guyana e por conta disso, há uma variação entre o inglês, o português e a língua *makuxi*, *wapishana* das etnias predominantes nessa área de fronteira (BAINES, 2004). A interlocutora Anna, relata esse fato entre os indígenas pelo elemento fenotípico apresentado,

Os indígenas que são guianenses e vivem no Brasil, podem se camuflar

porque existem índios na fronteira e dentro do Brasil com traços parecidos, eles falam várias línguas.

Tanto as *categorias sociais* quanto os *fatores de afinidade* podem ser formadores de opinião e tornarem as relações sociais como intercessoras de diferenciação pautada em valores de prestígios. No caso dos afro-guianenses em Boa Vista, são estigmatizados ao fator linguístico mas, principalmente pela condição de pertencimento a um grupo considerado de menor prestígio na sociedade local, ou seja, por serem migrantes ou negros. O interlocutor que afirmara ter três formações de nível superior em administração, agronomia e ciências políticas, já foi professor e hoje em dia trabalha como revendedor de produtos no varejo, relata sua experiência em Boa Vista em torno da língua falada e de outras situações que viveu pelo fato de ser imigrante e “negro”.

Quando eu chega em Boa Vista em 1993, eu percebe resistência, tinha muita resistência, ainda tem, você vê isso quando quer alguma coisa pra você, quando vai concorrer... só que antes era horrível porque eu chega num lugar e não entende o que as pessoas tá falando, mas eu percebe que tá falando de mim... aí eu pensa, vou pra Bahia pra me sentir melhor (pausa) fiquei dando aula de inglês lá. Teve uma vez que começaram a falar que inglês que eu falava não é o certo, o certo é o da gramática americana. Eu fala que inglês é uma língua só, só muda na fala, o sotaque de um lugar pra outro. Foi uma aluna que disse que só ia falar o inglês americano, aí começou a querer, sabe, se mostrar, e eu pensando, vou deixar chamar atenção... Você chega na grande Georgetown, vê as pessoas fala um inglês, em Lethem fala outro inglês, é muito diferente porque tem muita gíria. Vocês aqui no Brasil não falam o português como se fala em Portugal, não é?!

Para Goffman (1989), é possível que haja signos cujo significados variem de um grupo para outro, ou seja, que a mesma categoria, como a língua, seja diferentemente caracterizada. A língua como um sistema de cognição e um elemento social, pode ser classificada como categoria social e fator de afinidade de modo que as divisões por segmento de oposição entre superior e inferior, prestígio e estigma, acabam tornando-se cerceadores no uso de poder, de afirmação de identidade, seja ela regional ou cultural, étnica, nacional e até mesmo individual. Julie, oriunda de Lethem, professora que leciona inglês há nove anos em uma instituição particular de referência em Boa Vista, relaciona também como um elemento de preconceito racial com afro-guianenses de parte da população em Boa Vista, a influência de grupos étnicos na constituição de um inglês que incorporou elementos culturais diferentes na fala desses grupos que vivem em Guyana .

A Guyana, apesar dos pessoas aqui no Brasil pensar que só tem negros, é uma terra de seis etnias que formam nações distintas... Lethem é um lugar que se ouve muita gíria, é uma Jamaica de língua inglesa falada de diferentes formas. Eu chego aqui e me falam que o meu inglês não é o certo, não é o que se aprende na gramática, não soa bem... Há nove anos dou aula aqui nessa escola. Um pessoa que conhece uma amiga me disse pra trazer currículo pra dar aula de inglês nessa escola, quando eu chego, o homem que recebeu meu currículo olha “assim” e pergunta: é você?! Eu digo, sim, sim, sou eu, aí pede pra eu retornar dia seguinte. Retorno e ele vira pra mim (gestos com a mão como se tivesse finalizando a conversa), já foi ocupada a vaga. Passo três meses dando aula em outro lugar, (curso de idioma), e aí o mesma pessoa dessa escola me procura pra dizer que esta precisando de professor de inglês. Eu então fui e ficar dando aula até hoje.

O estigma transmite informações (verbais ou não-verbais) que revelam a percepção do outro ao mesmo tempo em que afeta o estado emocional de uma pessoa estigmatizada (GOFFMAN, 1989). Como afirma Goffman (1989, p. 52),

No estudo de estigma, a informação mais relevante tem determinadas propriedades. É uma informação sobre um indivíduo, sobre suas características mais ou menos permanentes em oposição a estados de espírito, sentimentos ou intenções que ele poderia ter num certo momento. Essa informação, assim como o signo que a transmite, é reflexiva e corporificada, ou seja, é transmitida pela própria pessoa a quem se refere, através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem.

Os afro-guianenses deparam-se com situações adversas que são inibidoras do ser, e portanto, de sua integridade como sujeito. Mesmo tendo consciência da situação em que estão expostos, buscam formas variadas de sobressair-se dessa condição, seja preservando sua identidade, residindo em lugares mais afastados dos centros urbanos, comunicando-se mais entre eles através das redes sociais e de amizade ou encobrendo papéis que assumem no lugar de destino. As identidades podem servir de mecanismos em dados momentos para esconder diversos sentidos, conflitos e até preconceitos (SILVA, 2012).

Eles transitam em uma arbitrariedade que os marca diretamente, numa diferenciação na língua entre aqueles que estão como migrantes que transitam em Boa Vista originados de países de língua espanhola (venezuelanos, peruanos, colombianos), da população local não imigrante, porém, o estigma que reside nesta diferenciação, aparece no fator étnico-racial e social. Os rearranjos em torno da organização entre as redes e

comunidades imaginadas dos afro-guianenses, como foi visto na Igreja Adventista Inglesa que será exposto na próxima seção. Esses rearranjos possibilitam uma ressignificação da identidade e uma forma de se estruturar que perpassa em dados momentos o estigma seja pela sua condição social, pelo fator linguístico ou pela ascendência étnica e racial.

2.2 Igreja Adventista Inglesa

A religião possui um papel integrador das comunidades migrantes, uma vez que vários tipos de solidariedades estiveram associadas a esta e ocupam lugar central na doutrina social de uma instituição seja ela religiosa ou não. Solidariedade remete aos sentidos de laços, cooperação, altruísmo, entre outros. Historicamente, podem ser identificados vários tipos de solidariedades associadas ao campo religioso (VILAÇA, 2008). Um tipo de solidariedade associado a esse campo e definido por Voyé (1996 apud Vilaça, 2008) é a relacionada por pertença territorial, ou seja, aquela que está associada a uma identidade nacional que, por conseguinte, corresponde a uma identidade religiosa. Este é o caso da Igreja Adventista Inglesa do Sétimo Dia, no bairro Aracelis, podendo chegar no mesmo caminho da BR-174, mesma estrada que separa e liga ao mesmo tempo, Manaus a Boa Vista que funciona como lugar de acolhimento dos migrantes guianenses.

Figura 5- Igreja Adventista Inglesa do Sétimo Dia



Fonte: A autora (2014).

Em possivelmente um dia ensolarado de finais da década de 80, dois amigos missionários adventistas, de nacionalidades diferentes (guianense e colombiano), conseguem em comunhão, fundar a primeira Igreja Inglesa Adventista do Sétimo Dia, localizada na rua, Estrela Dalva, bairro Aracelis, na cidade de Boa Vista. A igreja que hoje representa uma boa parte dos guianenses que residem nesta cidade, nasceu de um sonho concretizado por uma obra divina, segundo relata o fundador desta, afro-guianense.

Essa foi a descrição dada por um afro-guianense, casado com uma brasileira com a qual possui três filhos, e que junto com o seu amigo colombiano (do qual não fora mencionado o nome), formou parceria em prol dessa realização. Antes de construí-la, ele relatou que passou anos vivendo na cidade frequentando uma igreja adventista e fazendo o trabalho de missionário, indo em alguns bairros que na época eram menores e menos populosos, além de ir pra fora da cidade também quando era necessário.

Figura 6: Fundador da Igreja Adventista Inglesa



Fonte: A Autora (2014).

Ele fala que a construção da igreja foi um milagre, não acreditou que tanta coisa surgisse em tão pouco tempo, devido a condição que tinha de recurso da qual não garantia obter a conclusão, foi então que quando percebeu, já tinha conseguido materiais de acabamento bons que segundo ele, não conseguiria se não tivesse a grande vontade e fé suficiente pra que isso acontecesse.

Agora, ele espera ver ainda a igreja cheia de fiéis. Atualmente o número de frequentadores varia entre guianenses membros e não-membros da igreja, além de brasileiros. Esse fenômeno que implicou no surgimento da Igreja Inglesa no bairro Aracelis, tem uma grande semelhança com o processo que imbricou na expansão da Igreja Adventista do Sétimo Dia no mundo, excepcionalmente em países do Caribe e de ex colônias inglesas. A história da expansão adventista, em todos os aspectos, tem relação com o contexto de nacionalidade e de migração.

Os preceitos à cerca da religião adventista, começam a partir de 1843-44, com William Miller. Segundo Schunemann (2009) e Stencil (2006). Depois de ficar ileso de uma

explosão que ocorre muito próximo a ele, enquanto servia a Segunda Guerra da Independência dos EUA contra o Exército Britânico e de ver a vitória do primeiro sobre o segundo, Miller passa a ter dúvidas sobre as afirmações deístas e com isso, dedica-se inteiramente ao estudo da Bíblia, fazendo interpretações tais que o levam a afirmar sobre um possível retorno de Jesus no mês de março de 1843.

A educação e a saúde foram elementos fundamentais para a trajetória com a qual fora dada a expansão da religião adventista, não somente como religião, mas também como instituição integradora de comunidades transnacionais, caracterizando-se isso, pelos incentivos a aquisição do conhecimento da doutrina, pelo acesso linguístico, pelas missões, e migrações. Começa essa expansão a partir de 1850, com as pregações feitas por Ellen White e Thiago White, que acreditavam nas afirmações de Miller, considerando que havia erro apenas na data que imaginou ser a do retorno do Messias. Houve períodos de expansionismo da religião adventista em torno de países do continente europeu, por influência da primeira leva de migrantes que se destacaram numericamente nos EUA, após a Primeira Guerra Mundial, que foram Escandinavos e Alemães SCHUNEMANN (2009); STENCIL (2006).

Os ensinamentos eram pregados não só através de leituras bíblicas como é característico da conversão por missões, como também por venda de revistas, livros cânticos, além da Escola Sabatina, criada em 1853 por Thiago White, que escreve um livro com perguntas e respostas objetivando dimensionar os ensinamentos da doutrina adventista, sendo atualmente concentrados esses ensinamentos entre crianças e jovens. SCHUNEMANN (2009). Assim, notadamente, países que tinham colônias alemães na América, como foi o caso dos EUA, Argentina, e inclusive o Brasil, foram crescendo como seguidores da religião, e nesse mesmo propósito, conforme Schunemann (2009), alguns países anglófonos no Caribe como Jamaica, Barbados, Bahamas, na América do Sul, Guyana, passaram a ter influência e logo expandiu-se o número de adeptos.

Na América Latina, a expansão da IASD, se dá em duas fases bem distintas mediada pela ação dos colportores¹⁵ conforme Schunemann (2009). A primeira ocorre em regiões de fala inglesa, em seguida, ocorre em 1893, difundida no extremo sul, principalmente entre Brasil e Argentina através dos migrantes alemães. De acordo com a Guyana Review (2003), as primeiras escolas bíblicas e igrejas fundadas na Guyana, ocorre no mesmo período da

¹⁵ Missionários encarregados na distribuição de livros e de passar através destes, os dogmas da religião adventista para comunidades visitadas em regiões diferentes pelo mundo.

expansão adventista pela América, a partir de 1863, e é através da entrada de missionários colportores norte-americanos que esse fluxo passa a ser vigente.

Uma das razões pelas quais levaram a inserção dos afro-guianenses a essa religião, é possível de ser compreendida, no fato de que uma parcela de afro-guianenses buscou se engajar na educação de modelo tradicional alguns anos após a abolição, para ter uma ascensão social, e o ensino dogmático adventista no que corresponde a libertação pela “palavra”, tem centralizado na liturgia, a emancipação através do desenvolvimento intelectual na educação em que se detém uma tradição com o ensino voltado para escolas primárias e secundárias.

Pelo fato de terem elementos linguísticos e o fator da migração como difusores para a expansão de religiões cristãs de linhas diferenciadas (católica, protestante, pentecostal), a formação de núcleos através de comunidades religiosas, acabam se interligando por elementos étnicos e transnacionais que advêm de um processo conflitante de segregação racial após o regime escravocrata, como uma forma de dimensionar uma emancipação mais no contexto intelectual do que social. A presença de guianenses na Igreja Adventista Inglesa que migraram a bastante tempo e atualmente mantêm residência fixa e outros vínculos no Brasil, demonstra características desse processo histórico que intercedeu entre diversos grupos étnicos vigentes na América.

2.2.1 Redes Sociais

O campo de acesso que leva às redes de contato e ao que é possível se estabelecer através do espaço social da igreja, inicia fora dela, desde o local de origem de onde muitos são, Lethem. Posteriormente o espaço da igreja se torna um meio de acesso a trocas simbólicas que vão desde mecanismos para contribuir com ocupações profissionais, na oferta dada de um para outro, como nos acessos a lugares que necessitem, a moradias, estabelecendo redes de solidariedade e de amizade. O núcleo familiar é algo também bastante demarcado, porém, não seria um elemento incisivo na afirmação de identidade nesse contexto, como ao que é apresentado nas manifestações discursivas dos cultos sobre temas relacionados à formação de núcleos por laços de amizade, busca do equilíbrio emocional, do

desenvolvimento intelectual como forma de emancipação pessoal, além dos valores das tradições ligadas à nacionalidade e à etnicidade em momentos de confraternização.

Atualmente como atividades principais internas a igreja, estão os cultos celebrados aos sábados, este por sua vez, é considerado um dia sagrado para a liturgia adventista, pois, de acordo com a previsão de Miller, o qual fez surgir os primeiros fundamentos da religião adventista, é o dia em que será constatado o retorno do Messias. As cerimônias duram em torno de 6 horas com a participação de membros de outras igrejas adventistas de regiões diferentes no Brasil, principalmente membros da cidade de Bonfim. Todos os eventos que ocorrem, são planejados com bastante antecedência e são organizados de forma que haja o apoio coletivo nas atividades que são deliberadas pelos anciões.

Aos domingos no turno noturno, ocorre outra celebração com a duração de 2 horas, e os guianenses participam em grande número. A relação entre os membros da igreja que a frequentam, é bastante cordial e percebe-se uma divisão de papéis entre as posições hierárquicas internas, o que faz também com que a relação de amizade e o contato mais aproximado se estenda através dessas funções. Neste caso, pode ser relacionado o papel condizente ao conceito de capital social que traz Bourdieu (1980), quando afirma a formação de redes como um símbolo de reciprocidade entre as atividades desempenhadas pelos sujeitos que estão pertencidos a elas, e que Billet (1998 apud VILAÇA, 2008) trata como estruturas ou relações sociais condizentes a atividades de cooperação que implicam em obrigações, expectativas mútuas, normas de reciprocidade, empenhamento cívico e confiança social.

As redes dentro do contexto vivido entre o grupo étnico afro-guianense na Igreja Inglesa, podem ser entendidas também partindo da perspectiva de Santos (1997), que a relaciona com a ideia de local e global em que estão inseridas as ações que garantem um estreitamento na relação social entre os sujeitos que as mantêm expansivas e reais, como também da perspectiva dada por Raffesttin (1993) propondo que há uma relação dialética na ideia de rede, quando afirma que esta permite uma circulação de bens materiais e simbólicos e que conforme a força com a qual ela se instaure em um ambiente (físico, natural, virtual) e da forma que ela intermedeie entre aqueles que a conduzem (pessoas, objetos ou símbolos), será exercido um poder.

Tanto na perspectiva de Santos como de Raffesttin, as redes podem ser encaradas como meio de acesso para direcionar certas ações pertinentes a estabilidade e adaptabilidade

dos migrantes que nem sempre podem ser iminentes para os mesmos a depender do que necessitem, e vai ao encontro do conceito proposto por Bourdieu do que relaciona como capital social, a partir de relações de reciprocidade. Elementos materiais e simbólicos coadunam-se em dados momentos, podendo ser representados em um único valor. Essas redes podem ser vistas estabelecidas entre os afro-guianenses nas mediações de acesso a alguns empregos e de moradia que são compartilhados entre eles, como também entre eles e brasileiros na transmissão oral de cultos em inglês e em português na Igreja Inglesa.

As redes sociais, enquanto meio de circulação, viabilizam o fortalecimento dos vínculos, pois acabam mantidos àqueles que se reconhecem como pertencentes de um grupo. As redes detêm de uma dialética ao que sugerem esses autores, porque criam ambiguidades, mantêm consolidados de um lado os vínculos que se tornam com o passar do tempo, territorialidades. Os condicionantes das redes sociais preteridos pelo fator econômico dimensionam-se atualmente pelo fator familiar, provenientes da aquisição de trabalho (liberais e informais), porém ainda há uma tensão no ambiente coletivo entre os migrantes guianenses e brasileiros.

Atualmente como membros da igreja, há em torno de 20 pessoas, a maioria de nacionalidade guianense, entre homens e mulheres. Observa-se uma presença maior dos homens entre os afro-guianenses, já entre os indígenas, a presença maior é das mulheres. As vestimentas, o cabelo, a fala, as refeições de almoço coletivos confraternizados entre os membros da igreja, ou até mesmo em momentos mais solenes como um presenciado de um aniversário de um membro da igreja, funcionam como marcadores identitários, uma vez que os associam ao pertencimento a determinado grupo étnico. Nas reuniões de almoço coletivo, como de celebração do dia da família (no último sábado do mês) ou quando há um tema específico para realização de confraternização.

Figura 7: Cartaz que celebra o Dia de Aniversário da Escola Sabatina



Fonte: A Autora (2014).

Os elementos da identidade cultural guianense aparecem em outras instâncias a exemplo, nos condimentos típicos da cultura guianense como o tempero *curry*¹⁶, em alimentos como saladas de legumes e na ausência de carne vermelha. A tradução simultânea da língua inglesa para a portuguesa e vice-versa, é uma forma de aproximação entre a comunidade local e os guianenses, sendo perceptível que alguns deles são bilíngues. É possível identificar aqueles que já dominam o português pela frequência da tradução simultânea que passam a exercer nos cultos e pela posição hierárquica que assumem em torno das funções na igreja.

As atividades na igreja são coordenadas de acordo com a posição hierárquica que ocupam. Em um dos momentos que são celebradas canções bíblicas, percebe-se alguns marcadores com mais veemência, compartilhados, através da exibição de um vídeo que apresenta outros grupos étnicos afro-americanos, remetendo a outros cultos vistos nos EUA. Esse momento pode remeter a outros ritos onde se encontra a ancestralidade africana e não contrasta com as pessoas presentes naquele espaço social de algumas nacionalidades diferentes, porém, de experiências similares quanto a historicidade de exclusão e

¹⁶ Tempero de origem inglesa, bastante usado em Guyana, conhecido como açafão no Brasil, que segundo eles, não é a mesma coisa de curry. É usado em pratos de comida crioula no país, devido ao fato de ser experimentado por mais de um grupo étnico.

fragmentação de uma cultura cerceada pela diáspora.

Figura 8- Ilustração de uma das canções tocadas em culto



Fonte: A autora (2014).

A doutrina seguida pelos adventistas, da qual uma grande parcela dos afro-guianenses está inserida em Boa Vista, estaria também dentro dos padrões que seguem os dogmas da civilização britânica, no valor da tradição de famílias e no “perfeccionismo” das ações que demandam um desempenho intelectual. A Igreja Adventista Inglesa em Boa Vista torna-se desta forma, um núcleo estruturante na vida dos migrantes afro-guianenses, uma vez que contribui para o fortalecimento dos laços sociais e da cultura de origem. A igreja, neste caso, tem funcionado como uma comunidade familiar alargada (VILAÇA, 2008).

Figura 9- Encontro com adventistas de Manaus



Fonte: A autora (2014).

Há um canal de integração com as igrejas em Bonfim, Lethem, Manaus e até nos EUA que permite a continuidade de traços culturais em contextos internacionais e a construção de um discurso político-ideológico dos afro-guianenses adventistas centrado na formação familiar, no reconhecimento de uma ancestralidade africana e na reafirmação de elementos da cultura colonizadora, ou seja, anglo-saxã.

A relação em que um guianense caracteriza outro de mesma nacionalidade dentro de Boa Vista, sendo ele afro ou indígena, pode ser vista como um processo de alteridade em que se diferencia o “outro” próximo, da mesma nacionalidade, e o “outro” distante ou etnicamente diferente dentro do mesmo estado nacional. Na narrativa do fundador da igreja, encontra-se elementos do processo de identificação e diferenciação. A identidade é marcada pela diferença (WOODWARD, 2000) e tem símbolos concretos que ajudam a identificar nas relações sociais quem é, por exemplo índio, afro, indo, coolie:

Eu sou adventista desde os 16 anos de idade, na verdade só estou fazendo o que gosto. Quando eu fiz o trabalho como missionário, consegui ver que tinha outros ingleses já há algum tempo morando aqui em Boa Vista, entre os afro e os indígenas. Hoje tem cerca de 38.000 ingleses morando aqui... os guianenses são pessoas muito exigentes... passei um tempo tentando identificar alguns deles há alguns anos atrás, e tem muitos que não querem

mostrar sua nacionalidade quando estão diante um dos outros, mas hoje em dia sei ver, num dianta que eu percebe quando é um guianense.

A diferença é marcada em relação à identidade através de sistemas classificatórios que fabricam sistemas simbólicos por meio de exclusão. Por isso, tanto as diferenças quanto as identidades são construídas e não dadas e acabadas. Assim, a construção da identidade é tanto simbólica quanto social e a luta para afirmar uma ou outra identidade ou as diferenças que os cercam tem causas e consequências materiais (WOODWARD, 2000). Para Cardoso de Oliveira (2003, p. 117-131) “a identidade é contrastiva quando a afirmação do nós diante dos outros surge por oposição e não se afirma isoladamente”.

2.2.2 Etnicidade e Fronteira

Quando se entra na Igreja Adventista Inglesa, percebe-se logo a presença de cartazes encontrados que dimensionam os aspectos políticos e étnicos através de figuras ilustrativas de mapas correspondentes ao da Guyana e do Brasil, localizados em um mesmo lugar e integrados por um elemento em forma de seta de cor vermelha que liga os dois países formando um elo. No altar, há um cartaz que fica elevado numa parte superior, no centro, indicando a representação ideológica da religião adventista.

Os cartazes funcionam como uma intersecção existente de ambas nações nos aspectos culturais, coadunando-se em um processo de transnacionalidade. Os elementos que remetem a um discurso religioso na igreja estão presentes em poucas imagens do ambiente físico. Além desses elementos que consubstanciam aspectos de etnicidade, há uma divisão hierárquica por parte dos membros afro e indígenas guianenses na igreja que se dá pelas atividades que viabilizam uma responsabilidade maior na disposição do tempo, como nas oratórias da cerimônia antes e durante o culto, na distribuição de cestas para arrecadação de dízimos, na recepção dos visitantes a igreja.

Cabe mencionar o que Fenton (apud VILAÇA, 2008; FENON, 2004, p. 31), define como etnicidade, “sendo uma articulação social e cultural da ancestralidade real ou imaginada”, e ao que Poutignat e Streiff-Fenart (1998) coloca no centro da discussão sobre etnicidade, partindo do que considera como a origem desta sendo não necessariamente a diferença cultural.

A comunicação cultural que permite estabelecer fronteiras entre os grupos por meio dos símbolos simultaneamente compreensíveis e que se mantêm como majoritário dentro de um contexto, podem ser representados entre *insiders* e *outsiders*, quando estão acionando a identidade de acordo com a situação, enquanto adventistas, isso aparece no uso da língua portuguesa, enquanto migrantes, no uso do inglês e em determinados contextos sociais nos discursos dos cultos ou em vídeos que demonstram casos de superação de pessoas de nacionalidades diferentes.

Segundo Vilaça (2008, p. 32), “as identidades religiosas de hoje têm de ser situadas num cenário global e local de diversidade religiosa, particularmente visível no mundo ocidental [...] o que reforça religiões com referências territoriais.” A religião pode ser entendida como fator de mediação entre a etnicidade e a manipulação de discursos pelos padrões de gramaticalidade das duas línguas mais faladas na igreja. Dentre os conflitos epistemológicos sobre religião, partindo do que Durkheim (2003) considera como uma religião entre culturas diferentes, na Igreja Adventista Inglesa, tem como intermediação a língua e os empreendimentos dados para a adaptação no local de destino.

A Igreja Adventista Inglesa tem exercido o papel de uma comunidade enquanto espaço social e simbólico através da ideia de emancipação pelo que desempenha social e intelectualmente perante a sociedade e pela identidade étnica que mantém como vetor de diálogo e de intermediação para fins cívicos, nos quais estão relacionados a aquisição de bens materiais.

De acordo com Vilaça (2008, p. 32), “a comunidade, em especial tem um espaço físico para o encontro, possui a virtualidade de reforçar a posição do grupo dentro do campo religioso e de o projetar na sociedade”. O sentimento de pertença que pode levar a uma expansividade no convívio entre aqueles que se percebem inseridos em um grupo, revela justamente o contrário quando se trata de narrar experiências vividas para outros percebidos como não pertencidos ao determinado grupo. Será melhor demonstrado sobre esse fato na próxima seção.

2.3 “Ingleses” e o Imaginário revelado nas Narrativas

O processo de identificação e diferenciação não ocorre somente em relação aos

nacionais brasileiros e aos nacionais guianenses. A identificação entre os próprios guianenses ocorre por meio da identificação étnica que, conforme Cardoso de Oliveira (2003), citando (D. Glaser, 1958, p. 31) refere-se ao uso que uma pessoa faz de termos raciais, nacionais e religiosos para se identificar e, desse modo, relacionar-se aos outros, como é o caso por exemplo dos afro-guianenses em relação aos indo-guianenses. No entanto, o processo de identificação não é a identidade em si, mas reflete a identidade em processo e como é assumida por indivíduos e grupos em diferentes situações concretas. Por isso, Poutignart e Steriff-Fenart (1998, p. 163) afirmam que,

Não é apenas o fato de falarem uma mesma língua, nem a contiguidade territorial, nem a semelhança dos costumes que representam por si próprios atributos étnicos. Apenas se tornam quando utilizados como marcadores de pertença por aqueles que reivindicam uma origem comum.

Na percepção de Cardoso de Oliveira (2003), a identidade étnica tem um caráter contrastivo na medida em que implica um confronto com outra(s) identidade(s) e a(s) apreende num sistema de representações de conteúdo ideológico. Desta forma, os afro-guianenses enquanto grupo étnico se afirmam como tal a partir da reivindicação da ancestralidade africana, da vinculação a antepassados, mas também no modo de falar o inglês, usando dialetos e performances gestuais e se distingue dos guianenses que cultuam a religião de matriz estado-unidense, membros da Igreja Adventista Inglesa que em contexto de migração, se auto definem como ingleses e não se veem integrados no contexto cultural local.

O sentimento ou relação de pertença se faz a partir do momento em que são perceptíveis no mesmo espaço, oposições categóricas entre os papéis ocupados pelos atores. A construção de uma identidade contrastiva pode ser vista na autoidentificação como *ingleses* que parte dos afro-guianenses em Boa Vista, como também na denominação como *guybrás* dado por afro e indígenas guianenses para a segunda geração dos nascidos no Brasil, descendentes dos mesmos, que vivem nas fronteiras do Brasil e da Guyana.

A utilização de marcadores de pertença reivindicado pelos afro-guianenses na sociedade de acolhimento não é apenas a identidade étnica e racial, buscando os atributos coercivos de uma ancestralidade e tradição cultural, mas uma postura política e ideológica, uma luta permanente por visibilidade na cena política guianense onde os vários segmentos étnicos procuram tornar visíveis seus pertencimentos a heranças culturais diferenciadas para

adquirir distinção e acumular capital simbólico e político (RIBEIRO, 1998).

Katren, filha de William, afro-guianense da geração que nasceu no Brasil, vivencia o conflito em sentir-se brasileira e não ser reconhecida como tal. Narra aqui o processo de parecer “estranha” em ser percebida apenas como guianense em Boa Vista, quando quer ser reconhecida como brasileira, seja por reconhecimento de sua origem ou seja por estratégia para escapar à estigmatização a qual estão submetidos os afro-guianenses na sociedade local pelo processo de manipulação das identidades (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2003),

Me incomoda o fato de só se referirem a mim como guianense no curso e não pelo meu nome e de ainda ficarem me fazendo perguntas sobre a Guyana como se eu morasse lá. Não entendo isso, já que eu nasci aqui no Brasil, apesar de ser filha de guianense, a minha base cultural é daqui.

A narrativa de William que reside há mais de 15 anos em Boa Vista, e hoje atua profissionalmente como comerciante e músico, explicita este tratamento estigmatizante, que perpassa ao mesmo tempo por preconceito,

Há uns oito anos atrás, ficava vendendo doces na área onde agora funciona o terminal de lotação, alguns vez chegava a ir até o Beiral¹⁷, lá nessa época não tinha a fama que tem hoje. Cansei de perder a conta da quantidade de vez que alguns policiais paravam pra me abordar como se eu fosse um bandido, e alguns vez me colocava no porta mala de camburão só pra sair rodando pelo cidade, me deixava horas ali, iam fazendo outras coisas enquanto eu ficava naquela condição. Mas eu sei porque, além de ser preto, eu tinha um cabelo longo, rasta, eu incomodava muito gente com aquele cabelo. Depois que virei pai de família, tive que vestir a carapuça do bom cidadão, e cortei o cabelo.

A ação dos policiais com esse interlocutor, demonstra um abuso de poder deliberado pelo Estado e tem como reflexo a tentativa de anular certas identidades que estão à margem da sociedade. Parte da visão weberiana, a qual explicita o Estado como mantenedor da ordem e que portanto, atribui um poder que é legitimado de usar força física dentro de determinado território, e fazer reconhecer através da obediência, os padrões e segmentos culturais de uma sociedade (WEBER, 1991). A alteridade, bem como o processo de diferenciação e identificação, não ocorre somente em contextos migratórios, em outras

17 Bairro localizado na região de zona leste em Boa Vista, perto de onde funciona o Mercado Caxambú, comércio mais popular da cidade, e do terminal de transporte coletivo. Atualmente este bairro é estigmatizado devido a circulação de comércio com produtos ilegais.

sociedades, mas no interior de um Estado nacional, como é expressada aqui na narrativa de Fred em que explicita essa oposição entre o “nós” afro-guianense e os “outros” guianenses:

Muitos negros da Guyana tem preparação (pausa). Quando chegavam nos Estados Unidos há uns anos atrás, era só bater numa porta que se abria várias para ele, a hora que quisesse. Ia também muito americano, inglês e canadense pra Georgetown trabalhar com pesquisa ou abrir empresas. Quando os “*corin*”¹⁸ chegaram lá pra trabalhar nas plantações, muitos negros já haviam saído delas e já estavam trabalhando nos serviços administrativos (...) a história da Guyana começou em Georgetown, muitos negros são de lá. Nessa época, os negros passaram a estudar nas melhores escolas, se alfabetizaram (...) Havia eleições para presidente, um representante dos negros, Burnham era muito inteligente, estudou fora, engajado na política, enquanto ele estava no governo, as eleições não eram por etnias. Depois ele entregou o poder para os *corin*, através de um indo-guianense chamado Jargan, as eleições passaram a ser através das etnias, ele ficou no poder por mais de trinta anos, e até hoje é assim. Eles não fazem nada pelo povo negro.

A disputa por poder no âmbito interno da Guyana pelos diversos grupos étnicos, principalmente, entre os afro e indo-guianenses é histórica. Como dito no capítulo I, a incorporação dos afro-guianenses após a Abolição ao sistema escolar e à administração colonial foi gradativa, mas permitiu uma configuração sociocultural que, de certa forma, refletiu na incorporação dos valores da colônia inglesa, e na formação dos *whiteness* que acessavam bens e serviços e que adquiriram o domínio da língua.

Posteriormente, este segmento que estudou na Inglaterra, estabeleceu relações políticas e contatos com associações progressistas que contribuíram na formação de sindicatos, de partidos de esquerda e de um movimento socialista formado pela classe média afro-guianense. Desta forma, por meio da ascensão e ocupação de postos na organização política, no poder executivo e judiciário, os afro-guianenses construíram com base nesses elementos, marcadores de pertencimento e de diferenciação em relação aos indo-guianenses. Tanto estes quanto os afro-guianenses passaram a estabelecer uma inversão de valores ao longo do tempo, dada pela relação de poder de um perante o outro na forma como assumem sua identidade social, nas aquisições profissionais, na inserção de cargos políticos e nas narrativas que mostram isso com mais evidência, como é possível ver nesse relato de Fred,

Eles, não saber trabalhar no setor administrativo, porque não têm o mesmo

¹⁸ Termo usado como referência àqueles que migraram em larga escala no século XX das Índias Ocidentais para trabalhar na América.

conhecimento. Não tem como eles fazer isso, acaba não ficando nisso, se bota um *corin* pra trabalhar no setor, não faz o serviço direito.

As histórias contidas nas trajetórias dos migrantes de qualquer nacionalidade, são marcadas por singularidades, mas também por imagens e memórias de um pertencimento, de um devir que supostamente pode ser encontrado também em outro lugar. Sonhos que podem ser concretizados por meio da migração. Assim é possível ser visto na fala de William, demonstra esperança de não ser mais um “marginalizado” na acepção do indivíduo que vive à margem da sociedade, não integrado, não cidadão ou mesmo um subcidadão (SOUZA, 2003).

Souza (2003) refere-se ao processo de subcidadania e da naturalização da desigualdade em sociedades periféricas que consiste na existência de redes invisíveis e objetivas constituídas por um habitus primário que desqualifica os indivíduos e grupos sociais precarizados como subprodutores e subcidadãos. Esse processo configura-se como um fenômeno de massa próprio das sociedades periféricas como a brasileira que produzem socialmente uma “ralé estrutural”. O interlocutor comerciante citado anteriormente, como outros guianenses, almeja a ruptura com essa estrutura que os colocam duplamente em situação de subalternidade, seja na sociedade de origem, seja na sociedade de acolhimento, a partir da possibilidade de empregabilidade de sua filha que está no momento cursando uma graduação,

Falo sempre pra minha filha que depois que ela concluir o estudo, ela não se acomode com emprego de Estado... você fica trabalhando tanto tempo e depois não reconhece valor. Eu digo sempre pra ela montar seu próprio negócio e não ficar dependendo de aparelho de Estado. Tenho minha horta em casa que alimenta meu família, vendo meus lanche e faço minha música.

O fator econômico, é comprovadamente o maior impulsionador do processo de migração (LEE, 1980; RAFFESTIN, 1993) e pode proporcionar acesso a um certo *status* e mobilidade social. Sara, cabeleireira e esteticista, narra sua trajetória migratória e uma certa ascensão social,

Eu sempre vou a Guyana pra ver a família nas datas comemorativas, alguns finais de semana pra comprar produtos, também vou a Manaus comprar encomendas de trabalho, tenho irmãs que moram lá. Quando cheguei tive que passar um tempo sem ir lá, foi muito difícil no início, deixar minha família... era casada, hoje sou separada e sustento minhas filhas (4 filhas), todas trabalham comigo, sabem que tem que ajudar porque é daqui que sai o dinheiro que permite que elas estudem. Uma delas tá cursando graduação na

universidade federal de Roraima... Nós que somos negros, temos que estudar não só pra crescer financeiramente, mas também pra ficarmos bem preparados para saber nos posicionarmos e enfrentar as coisas.

Tom, marceneiro e comerciante, comenta o fato de residir em Boa Vista sob a perspectiva de tranquilidade no cotidiano e de facilidade para ir a Guyana,

Eu venho de Georgetown, cheguei aqui com minha esposa, morávamos em Manaus, mas depois ela achou melhor ficar aqui em Boa Vista, porque achava mais calmo, Manaus é muita confusão, de lá pra ir a Guyana demorava mais de doze horas e Boa Vista já fica mais perto da Guyana, a hora que quiser ir, demora menos. Depois que ela faleceu, resolvi ficar aqui de vez. Foi muito difícil ficar sem ela aqui... sou marceneiro, trabalhei muito tempo com isso, é o que sei fazer bem.

Atualmente este interlocutor trabalha como vendedor ambulante em ruas do centro de Boa Vista. No entanto, durante sua narrativa, a profissão de marceneiro evidenciava uma clara distinção entre o marceneiro como artesão, criador e vendedor, mero instrumento para a circulação de mercadoria. A identidade profissional funciona também como um marcador da diferenciação como também pode contribuir para a autoestima e um certo empoderamento na sociedade de acolhimento, uma vez que são atribuídas hierarquizações a certas profissões no sistema econômico de determinadas sociedades. Ademais da diferenciação entre os próprios guianenses, os mesmos enquanto grupo étnico nacional, reconstroem outro processo de diferenciação na sociedade de acolhimento como a que delimita profissões, como forma de estabelecer uma certa valorização do indivíduo e ao mesmo tempo de “escapar” das ações de xenofobia e de racismo.

A identidade externalizada pelos afro-guianenses nos atributos culturais da língua e religião, se mantém atrelada ao estigma de serem oriundos de uma nação em fase de crescimento econômico, por terem na sua conjuntura social atual, as reminiscências de um passado de escravidão, além de ter associado os casos de dificuldade no visto de passaporte que garante acepções de marginalidade ou de contrabando. Durante o período da pesquisa, no qual passava como mera transeunte em alguns bairros periféricos da capital roraimense, pude perceber nas narrativas de alguns brasileiros de esferas sociais diferentes residentes em Boa Vista, representações sobre os afro-guianenses como “perigosos” e associando-os à criminalidade, ao roubo e tráfico de drogas como a de um Motorista de táxi lotação¹⁹:

¹⁹ Transporte coletivo que circula nos bairros populares e não populares e atende a maior parte da população de baixa renda.

“Eles pega as moto e vai revender em Lethem... nessa fronteira se faz muito contrabando com peças de carro e moto... lá é passagem pra entrada de drogas”.

A narrativa de uma outra motorista²⁰ de táxi lotação que circula em todos os bairros, é muito similar:

“Sabe onde você pode ver muitos guianenses? No presídio que fica ali perto do Cauamé, às vezes eles acabam ficando lá porque além de não ter documento legalizado, não tem dinheiro suficiente pra pagar a fiança e sair de lá. Pior de tudo é que muitas vezes o motivo da prisão é por causa de roubo de um leite, uma carne num supermercado. Uma colega minha me falou que quando ia visitar um conhecido no presídio, via esses migrantes lá”.

Santos (2009) em pesquisa realizada na mídia impressa roraimense que trata sobre as representações sociais sobre as fronteiras e os migrantes venezuelanos e guianenses, detectou que grande parte das matérias jornalísticas entre 2000-2007, refere-se às imagens de ilícitos, ao desenvolvimento com tráfico de drogas, homicídio e contrabando de motos. A representação social se configura como uma forma de conhecimento de senso comum que circula em toda sociedade. Este conhecimento é constituído de preconceitos e imagens através de visões, crenças, que vão sendo aceitas, naturalizadas e consideradas verdadeiras, produzindo generalizações, desqualificação e estigma social, como ver-se neste relato de um brasileiro:

“Pra andar em Lethem tem que ter muito cuidado, lá tem tráfico de órgãos e muito assalto. Os sequestradores andam em carro preto disfarçados... quando sabem que é brasileiro, aí que querem assaltar logo. Porque sabem que os brasileiros vão com dinheiro pra fazer compras. Andam com arma em punho como se fosse uma coisa normal”. (interlocutor natural do estado do Pará que já mora há mais de dez anos em Boa Vista e segundo ele, vai com frequência pra Lethem pra comprar mercadorias mais baratas)

O imaginário coletivo de brasileiros no contexto social de Boa Vista, parte da premissa do pouco conhecimento que se tem desses migrantes e do que assimilam das informações emitidas em jornais do local. Esse fato reforça a busca dos sujeitos estigmatizados a algo que os mantenham estáveis no papel que assumem e distantes de

20 Essa mesma motorista trafega até as cidades de fronteira da Guyana (Lethem) e da Venezuela (Santa Elena de Uiarém) fazendo frete, principalmente aos finais de semana. Ela afirmara que muitas vezes acaba pegando como passageiro alguns afro-guianenses que parecem entender razoavelmente o português.

elementos que os associem a um estigma na sociedade de acolhimento, o que se dá pelo processo de identificação e de diferenciação entre os próprios guianenses na sociedade de acolhimento.

O *ethos* repercute na identidade associada como difusora de práticas nas relações pessoais e por isso, também ela é performativa (BOURDIEU, 2000), a qual é apresentada para o outro conforme a seleção de elementos (mecanismos culturais) inculcados no cotidiano vivido por esses atores entre os seus conterrâneos e membros num contexto social diferenciado, essa definição se configura pelo que se reconhece dentro de sua historicidade particularizada. Será explicitado no próximo capítulo como a identidade pode ser vista no processo de diluição através da interculturalidade na assimilação de símbolos e outros elementos culturais que a caracteriza também como performativa.

estabelecer relações estreitas que viabilizassem um avanço e maior independência para a economia local. Nos anos 1990, foi criado na Guyana o Programa de Recuperação Econômica no país, buscando incentivar a abertura de outros setores da economia e proporcionar maior versatilidade nas relações comerciais e nos meios de comunicação (Consulado, 2014).

Alguns projetos foram colocados em pauta entre os governos do Brasil e Guyana e dentre os Acordos bilaterais entre os dois países, há projetos que viabilizam o estreitamento das relações comerciais principalmente nos setores agrícola, urbano e ambiental, além de outros que passaram a surgir na agenda de interesse de ambos países, principalmente nos últimos seis anos, como por exemplo, nos setores da saúde e educação. Apesar do crescimento a partir de 2000, essas transações comerciais entre Brasil e Guyana estão colocando em pauta questões de interesse político, sujeitas ao desenvolvimento econômico e social que têm permitido observar algum retorno financeiro e mudança de indicadores sociais.

Dentre visitas que têm ocorrido por alguns representantes chefes de Estado de ambos os países, do final da década de 70 a início de 90, período que foi marcado por programas de mudanças na economia guianense após a morte do presidente Fores Burman, e que Desmond Hoyte assume temporariamente como chefe de Estado, é criado o Programa de Recuperação Econômica no país, percebe-se então que essas visitas serviriam como mecanismos para incentivar a abertura em setores da economia que versam maior acesso nas relações comerciais e nos meios de comunicação (Consulado, 2014).

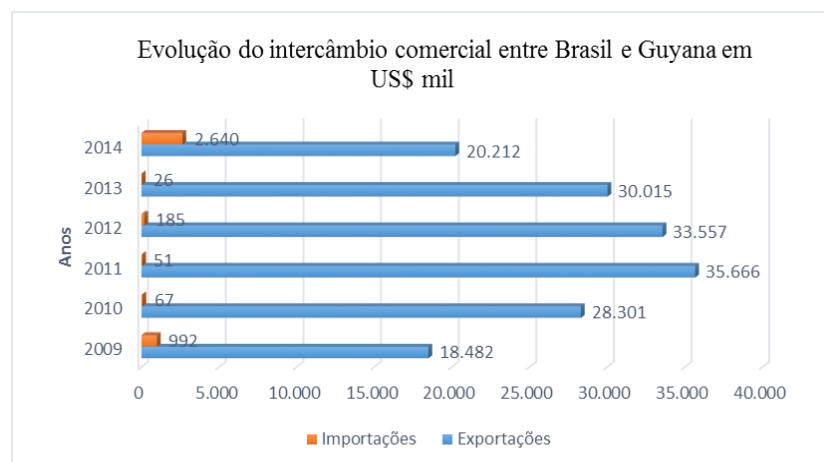
De acordo com dados do Consulado (2014), a partir de 1968 foi firmado o primeiro contato entre ambos os países, através de um acordo cultural que estabelecia relações diplomáticas na visita do ministro da Guyana ao Brasil. Desde então, posteriores encontros sucedidos de acordos firmados passaram a ocorrer antes de 2000, entre as décadas de 70 e 80, dos quais valem destacar como o Tratado de Cooperação Amazônica em 1978 que abrangeria a entrada de alguns países fronteiriços e que estão situados ao norte do Brasil, na participação de mercado exterior para trocas comerciáveis, a exemplo, Bolívia, Colômbia, Equador, Guiana-Francesa, Guyana, Peru, Suriname e Venezuela.

Posteriormente, em 1982, foi assinado o acordo para a construção de uma Ponte Internacional sobre o Rio Tacutu, e no entanto, só foi concretizada em julho de 2009. A partir de 2000, intensificam-se mais os encontros propondo sancionar e formalizar alguns convênios

e acordos de cooperação científica e tecnológica em áreas de transporte, no plantio de recursos minerais como soja, arroz, açúcar, bauxita, algodão e café. Segundo a Consul da Guyana, são produtos de grande possibilidade de colheita e de plantação em ambos os solos, porém, existe ainda uma sanção que está sob aguardo da aprovação oficializada pela presidenta Dilma Rousseff desde o período do seu primeiro mandato.

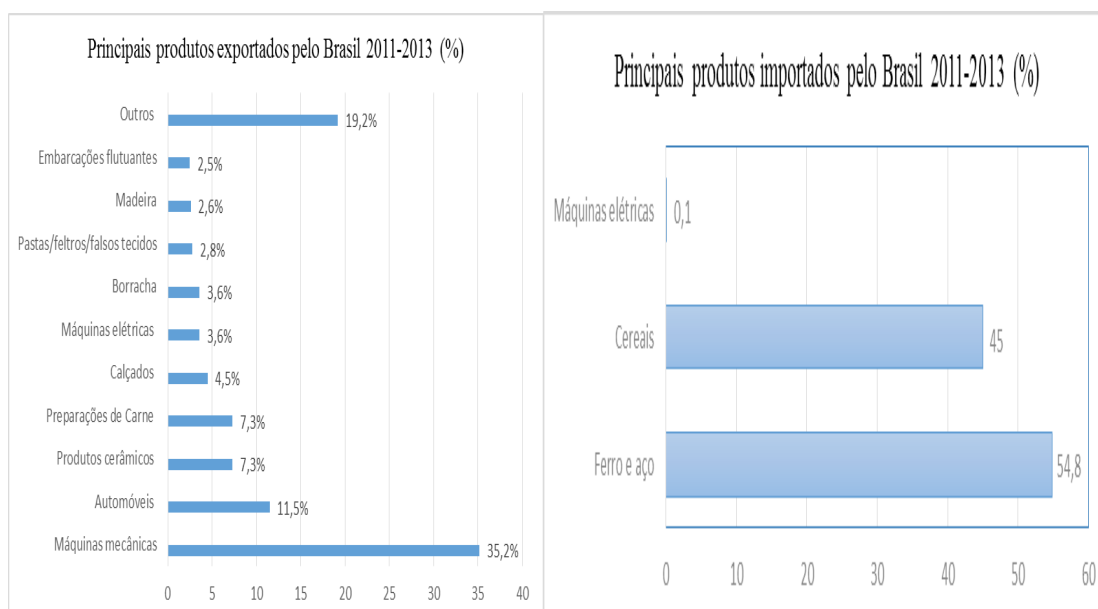
De acordo com dados do Ministério de Relações Exteriores (2010), houve um decréscimo nas exportações de alguns produtos que saiam da Guyana para o Brasil, entre 2009 a 2014, os quais dimensionam uma mudança no quadro econômico entre as duas nações, porém, nas áreas sociais e culturais têm crescido ações promovedoras para uma abrangência desses setores. Segundo o gráfico abaixo pode ser entendido o índice de decréscimo ocorrido.

Figura 11 – Evolução do intercâmbio comercial entre Brasil e Guyana/ 2009-2014



Fonte: Ministério das Relações Exteriores/Divisão de Inteligência Comercial/2014

As importações de produtos do Brasil para a Guyana ocorrem de forma menos intensiva que o contrário. A Guyana tem importado mais produtos do Brasil, e conforme mostra a figura 5, esse fluxo de intercâmbio comercial entre os dois países passou a crescer em 2014, depois de um intervalo na escala de período entre 2010 a 2013. Dentre os produtos mais exportados e importados, têm-se os visualizados no gráfico a seguir:

Figura 12 – Principais produtos importados e exportados do Brasil para Guyana/ 2011-2013

Fonte: Ministério das Relações Exteriores/Divisão de Inteligência Comercial/2014

Outras propostas de acordos estão em pauta entre os dois países. Uma delas é a de acesso a medicamentos hospitalares e tratamento de doenças específicas como as de chagas, malária, mais presentes entre aqueles que residem entre as duas fronteiras; programas de intercâmbio na educação de nível superior para estudantes dos cursos em geral com limitação de bolsas e por um período determinado. Há um projeto na área de energia hidrelétrica que está em negociação visando a construção de usinas hidrelétricas na Guyana para aumentar o fornecimento desse serviço em Roraima, além do projeto Estrada Linden/Lethem, tido como um complemento necessário para a ponte do Rio Tacutu e como uma forma de atrair o aumento da rota de comércio entre os dois países (CONSULADO DA GUYANA, 2014).

As anistias para vistos de migrantes no Brasil e muitos dos projetos que visam aberturas de relações exteriores desde trocas de produtos comerciais a parcerias culturais entre ambos os países, têm possibilitado não somente uma aproximação maior entre as duas nações no âmbito político, como também no âmbito social em relação a educação e a saúde, os quais interferem diretamente na migração, pois, há um contato estreitado entre aqueles que migram ou apenas transitam para locais de fronteira no Brasil dos países vizinhos (Guyana e Venezuela), a procura de melhores serviços na educação e na saúde (FONSECA, 2015;

LIMA, 2014).

Segundo o Consulado da Guyana presente em Boa Vista-RR (2014), durante parte do governo de Lula, (2003) e Dilma, (2011), a implementação desses projetos vem ocorrendo, e a partir de 2000, quando ainda estava sendo deflagrado um déficit na economia da Guyana como reflexo da situação econômica de duas décadas atrás, passam a ser formadas novas alianças nesse âmbito entre os dois países. Algumas ações foram primordiais na relação entre os dois países e, de certa maneira, permitiram o aumento da entrada dos migrantes guianenses no estado de Roraima. Entre elas, sem sombra de dúvidas, a construção e abertura ao tráfego de pessoas e veículos na ponte sobre o rio Tacutu.

Ainda de acordo com o Consulado, desde 2003, a entrada de brasileiros na Guyana e de guianenses no Brasil tem sido, de certa forma, facilitada pela mudança na legislação de visto permanente de passaportes, que passou a permitir que cidadãos que prestam serviço como oficiais de ambos os países, titulares de passaportes diplomáticos não necessitassem de visto para fins de turismo ou de negócios. A Comissão Mista Brasil-Guyana, propôs acordo de Cooperação Policial que visava o controle e tráfego da população nas fronteiras, o combate a entrada e saída de produtos considerados ilícitos como drogas e armas de fogo. No entanto, segundo o Consulado, permanece como projeto não executado.

Outro acordo que veio tornar-se relevante para o estreitamento das relações entre essas nações e o fortalecimento e desenvolvimento da área cultural, foi o acordo firmado para atrair eventos culturais que ocorreriam em determinados períodos festivos, com a realização de encontros de bandas musicais de ambas nacionalidades. Segundo portal de páginas do Canoa Pop (2011) e do SESC-RR (2014), esses eventos ocorrem há cerca de oito anos, e acontecem geralmente próximos aos finais de ano, entre o mês de setembro e outubro na cidade de Boa Vista, passaram a ter vínculo em festivais que acontecem geralmente próximos aos finais de ano, entre o mês de setembro e outubro na cidade de Boa Vista, promovidos pelo Serviço Social de Comércio de Roraima (SESC-RR).

São programações que trazem para as cidades de Boa Vista, Pacaraima²³ e Bonfim, bandas da Guyana de estilo musical *jazz*, *blues*, *reggae*²⁴, e que estão integrados aos

²³ Cidade de fronteira com Santa Elena de Uairém-Venezuela.

²⁴ Surge no século XIX, através da banda *The Wailers*, fundada pelo vocalista Bob Marley, que passa a sobressair-se diante da banda ao longo do tempo. Esse gênero musical *reggae* repercutiu além do continente americano, passando a ser bastante tocado também na Europa devido ao contato de Bob Marley com musicistas ingleses e gravadoras da Inglaterra. Tornou-se uma música universal (RABELO, 2006).

eventos Coletivo Canoa Cultural, Cruviana, Fest Rock que acontecem entre o mês de agosto e setembro, Coletivo Canoa Cultural e o Fest Rock em Boa Vista e Bonfim, e em janeiro, o Cruviana que ocorre em Pacaraima, voltado somente para bandas de *reggae* e *rock*.

Cada um desses eventos duram aproximadamente nove dias seguidos. Tiveram início em 2006, um ano depois de ter sido firmado o acordo envolvendo produção de eventos culturais entre Brasil e Guyana, o que sem dúvida, facilitou o trânsito nas fronteiras e possibilitou uma inserção e visibilidade maior de artistas nas duas sociedades, favorecendo o contato e a visibilidade de aspectos das culturas nacionais. Em setembro de 2014, no evento Coletivo Canoa Cultural, houve a presença de um dos Ministros de Relações Exteriores da Guyana para representar o país. Uma noite foi inteiramente reservada para apresentações de bandas guianenses, incluindo a banda GUY-BRÁS, cujo líder é afro-guianense e reside no estado há mais de vinte anos.

A GUY-BRÁS é considerada uma das bandas de *reggae* de maior referência no estado (SESC-RR, 2014). Pouco antes desse encontro em Boa Vista, no mesmo ano, sendo no mês de fevereiro, ocorreu o primeiro festival internacional, *Rupununi Music and Arts* na cidade que abrange a região do Essequibo em Guyana, proporcionando o encontro de artistas de Boa Vista e de várias partes do mundo, por meio de intercâmbio cultural existente entre o Brasil e Guyana e promovido pelo SESC e o Comitê de Turismo, idealizado por um membro deste, Colin Edwards.

As músicas, os ritmos, as danças são expressões culturais imbuídas de funções simbólicas e, como tal possuem um grande potencial de transporte de múltiplos significados, podendo, portanto, ser apropriados por determinados grupos étnicos, comunidades ou nações como símbolos marcadores de afiliação e emblemas identitários (LUDENBERG, 2010). Funcionam como arenas para representações de etnicidade, o no caso dos afro-guianenses a expressão musical reivindicada como marcador de uma afiliação política e étnica é o *reggae*. A fronteira tem sido espaço de diálogo e de notoriedade para o estabelecimento de condutas que garantem um vínculo para ambos países. Em 2009, um Comitê de Fronteira, uma ação criada em comunhão entre Brasil e Guyana, estabelece proposta de desenvolver as comunidades que residem ao longo desta, incentivando transportes internacionais para atender a circulação de cargas e passageiros, além de outras necessidades mais urgentes.

Essas ações de proteção, no entanto, não são garantias de laços disseminadores de

identificação social, mas sim de relações amistosas para diminuir os distanciamentos no que tange o conhecimento cultural do Brasil sobre a Guyana e vice-versa, que levam a resistências de diálogos, a estigmatizações de várias ordens em direção a linha que neste caso, separa as duas culturas entretidas no mesmo polo sul, e que ainda se mantém fixada à memória desses povos.

3.1 O *Reggae* no Contexto Social dos Afro-Guianenses

A Guyana, é um dos países da América do Sul, que esteve mais vinculada ao cenário de mobilização e as ideias encontradas nos movimentos sociais ligados ao garveyismo²⁵ e ao rastafarianismo²⁶, não obstante a isso, teve a entrada do *reggae* de forma massiva desde a década de 1940, segundo a revista *Guyana`s Review* edição de 2003. No início da década de 1960 se expande esse estilo musical com o trabalho da banda *The Wailers* que tinha Bob Marley como vocalista.

O surgimento da música protagonizada e projetada mundialmente por Bob Marley adentrou em outros continentes como uma música de protesto e de denúncia dos conflitos entre gangues conhecidas como *rude boys* (garotos revoltados) que formavam guetos nos centros urbanos de Kingston, capital da Jamaica. Houve dois pontos difusores que levaram esse estilo musical para outros continentes. Um foi os meios de comunicação (rádios, discos de vinil) e, o outro a migração de ingleses, jamaicanos, americanos que vivam entre os países anglófonos do Caribe, um deles a própria Jamaica, Inglaterra, e Guyana.

O *reggae* transmitia mensagens de pacificação, algumas das quais inseria ditos populares ou provérbios jamaicanos nas letras das canções e ao mesmo tempo, trazia á baila,

25 Denominação dada aos seguidores do reverendo afro-jamaicano Marcus Garvey, que repercutiu em toda América caribenha, países onde havia um grande número de afrodescendentes politizados, influenciando inclusive a Guyana na América do Sul. Esse movimento teve como propósito a repatriação desses povos para África, especificamente Libéria, como uma forma de retratação a diáspora forçada dos africanos que foram escravizados (RABELO, 2006).

26 Movimento social surgido poucos anos após o garveyismo, inspirado no mesmo, inicialmente, teve como propósito não só a repatriação, mas também a difusão de um modo de vida voltado para valorização de uma cultura africanizada que fora aos poucos sendo sacralizada e de enaltação ao imperador da Etiópia, Haile Selasié. Depois de tentativas frustradas de repatriação, esse movimento passou a difundir-se em dois, político e religioso (RABELO, 2006).

elementos da região periférica urbana, como a imagem estereotipada de marginalidade, associada a algo que incitava a violência e a inferioridade (RABELO, 2006). A própria sonoridade desse gênero musical possui influências caribenhas. O Caribe representado como lugar de encontro de múltiplas culturas com predomínio de elementos da *blackness* (negritude) e como referência do pan-africanismo²⁷ e da diáspora africana, reforça um imaginário e a consciência de uma cultura negra que pode interligar os negros de quaisquer nacionalidades através dos valores e ícones da afrodescendência (PEREIRA, 2002).

O *reggae* como uma cultura global, é um dos fatores correspondentes aos fluxos que perpassam as fronteiras culturais e identitárias, não obstante o fato de ter saído de um local de múltiplas influências de linguagens nas relações socioculturais que é o Caribe, e o fato da Guyana que há mais de três décadas ter estado inclinada para esse pluriculturalismo caribenho. Neste sentido, Cabrera (apud CABRERA, 2001, p. 149-166; RABELO, 2006, p. 288), afirma que,

As culturas caribenhas podem ser definidas como “culturas de migração”, isto é, culturas repletas de movimentos migratórios dentro e fora do âmbito caribenho que deslocam os sentidos de fronteiras culturais e identitárias. O desejo de emigrar, vencer o estrangeiro e voltar para o torrão natal é uma constante no imaginário caribenho.

Essas estruturas dadas as culturas de migração, é algo que Ennes (2014) considera como mundo globalizado ou mundo de fluxos e Hall (2006) denomina como identidades abertas, contraditórias, inacabadas. Estão diretamente relacionadas às diásporas, às transmigrações entre sujeitos sociais de Estados-nacionais que compõem as sociedades complexas em aldeias étnicas, comunidades transnacionais, e que dessa maneira, formam uma cadeia em constante processo de mudança, a qual não tem como se fechar.

Este deslocamento de sentidos e significados proporcionado pelo contato de diversas matrizes culturais tem como exemplo o *rhythm`n blues* que sai dos EUA e se introduz na década de 1950 em alguns países caribenhos através de rádios transmissores que sintonizavam rádios de Miami. Segundo Rabelo (2006), o *reggae* na Jamaica sofreu influência direta da música caribenha²⁸ de Trindade e Tobago, o *calipso*, mesclou-se com a batida do

²⁷ Outro movimento que teve como característica o empoderamento de afrodescendentes na América para levar a libertação do pensamento de subordinação imposto pela herança histórica de escravidão e do racismo adjacente a esta nas sociedades pertencentes a este continente (PEREIRA, 2002).

²⁸ Ritmos presentes em muitos países que correspondem a região do Caribe, e que passaram a se difundir em várias modalidades por outras extensões territoriais, tendo influência principal com blues e rock oriundos dos

rhythm`n blues e com o mento (espécie de calipso rural jamaicano), deu origem ao ritmo chamado *ska*, que na década seguinte, viria a se tornar a dança mais popular da Jamaica.

De acordo com Rabelo (2006), posteriormente, esse ritmo sofreria uma desaceleração, produzindo um novo, chamado *rock steady*, e que mais tarde, passou a se chamar *reggae*. Portanto, é a um só tempo um ritmo genuinamente surgido no Caribe. Inicialmente, esse ritmo trazia influencia dos migrantes e do mundo rural da Jamaica, que proporcionou a inclusão de elementos sonoros variados na sua batida, como também na linguagem verbal dos provérbios utilizados e denunciava a exclusão deste segmento rural por grande parte da sociedade jamaicana, principalmente da elite.

O *reggae*, ademais, constitui um ritmo que, de certa forma, expressa uma singularidade étnica e social, funciona como um marcador de uma identidade caribenha, formando uma comunidade que tem como principais sujeitos, os afrodescendentes e todos aqueles que se identificam com a batida, mas também com a mensagem de protestos e denúncias das situações de miséria e exclusão dos negros, dentro e fora do continente americano.

O processo de estigmatização acabou também ocorrendo de forma intensa nos guetos de Georgetown entre a elite guianense que convive no local, sendo também comumente identificado nas relações distanciadas por parte de alguns brasileiros que frequentam Lethem, quando a consideram uma cidade perigosa e estranha ao declarar que existem homens mal encarados, rastafáris²⁹. Semelhante às ruas de Kingston, e aos bailes que inicialmente aconteciam os encontros dos apreciadores desse gênero musical nos locais chamados *sound systems* (sistemas sonoros), as periferias de Georgetown e os clubes de danceteria de Lethem, também são fortemente marcados pelo embalo das batidas do tradicional, e hoje em dia até mais das modalidades deste gênero musical.

Pode ser dito que, o *reggae* é uma das dimensões culturais resultante dos debates

Estados Unidos (RABELO, 2006).

²⁹ Aquele que segue os preceitos do rastafarianismo enquanto doutrina ou movimento religioso. Os preceitos básicos dessa doutrina estão relacionados a crença de valores fundados em um Deus (Jha) e das práticas que estariam espiritualmente elevando o ser humano a alcançar o que seria um paraíso em uma terra denominada Zion, pela pacificação, ausência de valorização a bens materiais, a ingestão apenas de alimentos de origem vegetal (por parte de uma vertente rastafári). Além da crença no retorno do messias através da figura do imperador etíopiano Hailié Selassié, baseado em feitos realizados por este quando conseguiu impedir o domínio da Itália sobre a Etiópia em 1942 e na associação desses feitos com milagres. O próprio cabelo dreadlock, está associado a essa figura do messias, representa uma coroa considerando aqueles que usam, reis ou rainhas (RABELO, 2006).

do Pan-africanismo que pressupunha entre outras coisas, a construção de ações e recursos políticos em busca de uma África livre e contra todo tipo de discriminação racial. O Pan-africanismo teve como principais líderes os afrodescendentes estadunidense W.E.B. Du Bois e o jamaicano Marcus Garvey. Ambos ressaltavam a negritude como marca identitária e de poder político e converteram a diáspora africana na história do triângulo América – Caribe – África (PEREIRA, 2002). Portanto, gênero musical, passa a estabelecer vínculos históricos e sociais entre o grupo e as origens, não apenas na Jamaica, mas em quase todo o Caribe, inclusive na Guyana.

Para Hall (2006, p. 38), “a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade”. A afirmação de Hall pode ser entendida partindo da visão de que a identidade como algo inacabado, e como reflexo das constantes ações praticadas no âmbito do contexto social e natural nas relações interpessoais, produz subjetividades tais, que muitas vezes, torna-se complexo para definir em único elemento ou conceito.

O *reggae* serve, desta forma, como transmissor e símbolo de uma comunidade cultural que tem como central a negritude na reafirmação da identidade. Como diz, Lundberg (2010, p.40) “a música é uma parte importante da nossa identidade e o seu potencial simbólico reside no facto de poder ser usada para expressar e manter tanto as diferenças como as congruências”. Geertz (2002, p. 93) afirma que,

O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo é o quadro que elabora das coisas como elas são... seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade. A crença religiosa e o ritual confrontam-se e confirmam-se mutuamente; o ethos torna-se intelectualmente razoável porque é levado a representar um tipo de vida implícito no estado de coisas real que a visão de mundo descreve e a visão de mundo torna-se emocionalmente aceitável por se apresentar como imagem de um verdadeiro estado de coisas.

É possível afirmar que a música mobiliza imagens e símbolos de uma determinada visão de mundo que reivindica, entre outras coisas, a reparação da condição social de exclusão dos afrodescendentes. A população negra na Guyana, também tem utilizado-o como elemento de distinção interna que reafirma determinados aspectos da sua identidade cultural,

para afirmarem uma posição política dentro da não aceitação perante o grupo étnico indo-guianense, por motivos mais econômicos do que raciais. Entendendo assim, que esse gênero musical para os sujeitos que lutam contra a exclusão social e o racismo, como é o caso dos afro-guianenses dentro do contexto de Boa Vista, torna-se um mecanismo de expressão e manifestação de uma consciência coletiva que busca a tolerância e o respeito ao outro culturalmente diferente.

Como dito anteriormente, toda manifestação artística cultural é um elemento propagador de símbolos e de representações sociais. Para o afrodescendente guianense a arte, e, em especial, a música foi um meio de descontentamento em relação a situação social de conflitos étnicos não só na Guyana, mas em sociedades que faziam parte do bloco caribenho anglófono. Por esse modo, justifica-se também a relação do *reggae* dentro da cidade de Boa Vista dado pelo grupo musical, GUY-BRÁS, que será melhor detalhado mais a frente.

3.2 A Identidade Híbrida da Banda Musical GUY-BRÁS em Boa Vista

A região norte do Brasil após a década de 80, é a que apresentou os maiores fluxos migratórios, tanto nacional como internacional. Esses fluxos são motivados, entre outros, pela possibilidade de empregos em cargos públicos, no setor informal e na construção civil. Roraima como estado transfronteiriço, permite, de certa forma, esta circularidade populacional ou transmigrante.

Os migrantes que circulam pela cidade de Boa Vista estão associados a determinados espaços ou manifestações artístico-cultural, os malabaristas de rua em sua maioria venezuelanos, os artesãos nas praças, em sua maioria argentinos e chilenos, os camelôs nas feiras livres, em sua maioria peruanos, colombianos e guianenses. De todos esses migrantes os que se destacam como grupo que reivindica, em contexto migratório, uma identidade híbrida é a banda de *reggae* GUY-BRÁS que tem como alguns componentes afro-guianenses e a Igreja Adventista Inglesa.

O nome GUY-BRÁS, é uma referência a fusão de dois elementos nacionais (Guyana-Brasil). A adesão a isso remete-se ao longo tempo de residência no Brasil de William, fundador da banda, durante o qual passou a perceber as influências dos símbolos e

significados locais. Esta ideia de transitar entre duas nacionalidades, de performatizar as diversas identidades (VELHO, 1999) ou de manipular as etnias e nacionalidades em conjunção (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2007) denota a instrumentalização da nacionalidade em conformidade com situações concretas em que os indivíduos ou os grupos estão inseridos.

Desta forma, o nome GUY-BRÁS é uma reivindicação ou manipulação de uma identidade híbrida, mas que reafirma elementos da identidade nacional guianense. Além da identidade nacional, a banda aciona os elementos identitários de uma comunidade *reggaeniana* que em sua origem objetiva, entre outras coisas, a integração entre povos de nações diferentes, a pacificação nas relações raciais e sociais, iniciadas por Bob Marley.

Segundo William, o *reggae* sempre esteve presente em sua vida, mais pelas leituras da bíblia escrita pelos rastafáris, que pelo lugar de nascimento. Narra ainda, que desde muito jovem se interessou pelos relatos sobre as 12 tribos de Judá e do apocalipse como uma verdade a seguir. Atualmente, a banda tem fortalecido seu trabalho através de apresentações em locais públicos e particulares, casas de *show*, e em eventos vinculados a algumas instituições governamentais como a Universidade Federal de Roraima, e não governamentais, vinculados ao Serviço Social do Comércio (SESC). A visibilidade do grupo em torno da musicalidade, bem como a de William, vocalista e produtor da banda, tem de certa forma, se configurado como uma tentativa de reivindicação da sua posição social enquanto migrante, afrodescendente e como um emblema e símbolo das identidades.

A trajetória da banda foi relatada por William como tendo início já na sua chegada em Boa Vista, quando fazia apresentação solo, em frente a lojas comerciais na avenida Jaime Brasil, que fica na parte do centro da cidade, já próximo ao terminal de transporte coletivo e do Mercado Caxambú. Ele continua mantendo essas apresentações neste local. Geralmente acompanhado de guitarra, caixa de amplificador e microfone com repertório de variadas músicas do gênero *reggae*, (a maioria interpretada pelo artista Bob Marley).

A formação da banda em Boa Vista foi dada cerca de oito anos depois disso. Com alguns brasileiros que compunham como baixista, baterista, guitarrista. A filha mais velha de William, Katren, incorporou-se ao grupo fazendo a segunda voz. Atualmente, formou uma banda chamada *Roots*, que traz um estilo musical mais híbrido do que a GUY-BRÁS, com

referências na batida além do *rock* e do *reggae*, o *hip hop*³⁰ e *ragga*³¹.

Dentre os seis filhos de William, todos tem nome com inicial L, de referência a língua inglesa e da filosofia rastafári. As músicas tocadas pela GUY-BRÁS são de contextos variados, situa diferenças entre grupos por questões culturais e étnicas, que estão inseridos em contextos que vão desde menção a xenofobia ou racismo, a elementos da cultura local, principalmente aos aspectos da natureza.

Uma das primeiras músicas, composta por ele, intitulada “Deixa Rolar”, apresenta alguns símbolos da cultura local, tais como a vegetação de savana, o Monte Roraima símbolo da interligação entre as nações brasileira, venezuelana e guianense. William relatou o processo de composição desta música, a sua inspiração e, ao mencioná-la, expressa todo o seu entusiasmo e prazer do mesmo sobre o fato. Nesta canção, ele faz um paralelo com a forma como as pessoas lidam com os benefícios que ganham de Jhá (o Deus denominado no culto rastafári) e da Mãe Natureza, mas também fala sobre o céu de Roraima, as esquinas do comércio de Boa Vista, as pessoas que convivem no local. Diz William,

Um dia fiquei olhando o movimento das pessoas e a dádiva logo ali tão perto que é a Mãe Natureza, o Monte Roraima em volta dessas pessoas, sendo que muitas delas não veem, não percebem o que há de bom.

A letra da música completa abaixo, mostra isso com mais detalhe.

Deixa Rolar

Reggae na cidade de Boa Vista
A brisa que passa, vem de Monte Roraima
e o *reggae* que toca, vem da banda Guybrás
e a pedra que rola, vem da pedra pintada.

Ei maluco se é bom deixa rolar (refrão)

Na minha rua só tem menina bonita,
elas gostam de passear, elas gostam de dançar
Loira, morena, ruiva ou makuxis

30 Surge de alguns locais periféricos dos Estados Unidos em que havia uma grande concentração de negros, na década de noventa nos Estados Unidos, sendo uma junção de música, poesia, dança e grafite. Tem o propósito de contestar situações de conflitos e desigualdades sociais, funcionando como uma vertente do ritmo e movimento *rap*, também de origem estado unidense e bastante difundido no continente americano.

31 Ritmo originado da Jamaica nos anos de 1980, considerado como uma vertente do *reggae* com influência de música eletrônica. Passou a se expandir mais a partir de 2000 em parte da América do Sul e para outros continentes.

A inspiração, a vibração positive, deixa rolar

Figura 13 - Show da banda GUY-BRÁS na UFRR



Fonte: A autora (2014).

Como diz Lundberg (2010, p.30) “Os contextos multiculturais constituem uma arena na qual grupos diferentes lutam por reconhecimento e, nesta arena, os músicos têm estatuto importante enquanto detentores e intérpretes qualificados das identidades culturais dos seus grupos”. Desta forma, a música “Deixa rolar” imbuída de função simbólica expressa alguns elementos do contexto regional associado a identidade roraimense, como por exemplo, quando faz referência a Pedra Pintada que é um ponto turístico dentro da Terra Indígena de São Marco e sobre a qual existem inúmeras versões míticas. Outra referência expressa nesta música diz respeito à etnia Makuxi, que habita a fronteira internacional entre Guyana e Brasil, se constitui no maior grupo indígena do estado de Roraima. Como diz Baines (2004, p.35),

Este povo foi se constituindo historicamente através de processos de fusão e fissão de grupos étnicos. Constituem povos com uma longa história de colonização e contatos intensivos e contínuos com os regionais dos dois países por mais de dois séculos. Atualmente muitos têm nacionalidade brasileira e/ou guianense.

Partindo do pressuposto da hibridação que coloca Canclini (2008) em relação às culturas que se cruzam por linguagens diversas, e do que coloca Ennes (2014) a respeito da distinção entre diversidade e diferença propondo mostrar que nem tudo que é compartilhado, é integrado, a música quando retrata um contexto social, exerce funções alocadas a essas relações globais em que o diálogo é exercido por elementos concisos de uma identidade em sua formação, passa por complexidades de definição.

Há outras canções da banda para serem referenciadas dentro das questões em debate que envolvem a identidade híbrida. A exemplo de uma delas está a música Somos da Guy-Brás, onde se nota as referências de nacionalidade através da afirmação do verbo em português, *somos* e em inglês, *are*, das palavras pronunciadas em inglês e das afirmações das expressões, *will come give away* (buscaremos de outras formas), *wait again* (espere novamente), *Guyana give now* (Guyana dando algo agora), conotam a ideia de um lugar que pode estar presente ou ser recorrido constantemente.

Somos da Guy-Brás

Somos da Guy-Brás, vim aqui pra te ver
 One and two, be love you³²
 Three and four, we got to do
 Five and six, stop in mix
 Seven and eight, wait again
 Nine and ten, we`ll come give away
 Guyana give now
 We are GUY-BRÁS, here to see ê,
 We`re Guy-Brás, só *reggae* style brought
 We are make a felling ê,
 We`re Guy-Brás. So make *reggae* style.
 Go cope Guy-Brás, go cope.

32 Um e dois, é amar você. Três e quatro, nós sabemos fazer. Cinco e seis, pare a lamentação. Sete e oito, espere novamente. Nove e dez, daremos a volta por cima. Guyana na cena mais uma vez. Somos GUY-BRÁS, vim aqui pra te ver. Somos GUY-BRÁS, só o estilo *reggae* trazer. Fazemos sentir ê. Somos GUY-BRÁS, fazemos no estilo *reggae*. Vá, se mostre GUY-BRÁS, vá, se mostre.

Figura 14 - CD The Bets of GUY-BRÁS



Fonte: A autoria (2014)

Além da música que pode transmitir ideias e símbolos identitários há outras imagens que podem reforçar esses símbolos, como por exemplo, a capa do CD da Banda GUY-BRÁS que associa a bandeira do Brasil às cores da Guyana, mas também do rastafarismo. Na constituição do *reggae*, estão também imbricados os movimentos rastafarianismo, Pan-africanismo, a ideia de retorno à África ou de repatriação para os afrodescendentes. Marcus Garvey, jamaicano que após a primeira guerra mundial organizou o movimento popular nos Estados Unidos, de grande repercussão entre os negros do Harlem opôs ao racismo branco um verdadeiro racismo negro e fundou a sua própria igreja, a *African Orthodox Church*, em que os anjos eram negros e o satanás era branco (PEREIRA, 2002).

Ainda segundo Pereira (2002, p.11), Garvey fazia apelo ao sentimento e a “solidariedade racial” porque na sua perspectiva havia um projeto declarado de combate ao colonialismo europeu em favor do direito inerente do negro de controlar a África, projeto político para o qual ele visibilizava nos discursos, nas campanhas de conferência e a partir da ação da UNIA (Associação Universal Para o Avanço Negro).

Os elementos simbólicos da emancipação negra, tais como a escolha das cores vermelho, verde e preto como cores da emancipação negra; e reivindicações das necessidades

dos povos negros (fim do linchamento, discriminação racial e ensino da história da África nas escolas públicas), tudo isso sintetizado na categoria *negritude* como reafirmação de identidade africana. A banda leva essas cores que fazem referências aos ideais do Pan-africanismo, do rastafarianismo e do *reggae*, como também dos símbolos da nação nas figuras 12 e 13 que aparecem a bandeira e o brasão da Guyana.

Figura 15 - Bandeira da Guyana



Fonte: <http://gov.org/Guyana>

A bandeira com as cores³³ usadas pelo movimento rastafarianista, assim como o brasão e outros símbolos da nação fazem parte das tradições inventadas que são essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado. (HOBSBAWN, 1997, p. 12) “coloca como objetivo de inculcar formas de lealdade cívicas, formar nos indivíduos um sentimento patriótico, base do nacionalismo que estabelece uma identificação emocional com a terra e, assim, pode ser mobilizada e explorada politicamente”. Este sentimento de identificação e de pertencimento a pátria é um elemento fundamental na criação da nação moderna.

³³ Verde representa a terra, onde tudo brota; Preto representa a rocha, onde há firmeza; Amarelo representa as riquezas presentes na África; Vermelho representa sangue, vida (RABELO, 2006; SOUZA, 2012).

Figura 16 – Brasão da Guyana



Fonte: <http://gov.org/Guyana>

A inscrição, “*one people, one nation, one destiny*”, (uma população, uma nação, um destino) no brasão da República Cooperativa da Guyana bandeira da Guyana, e no CD acionada pela banda GUY-BRÁS neste contexto de visibilidade que a divulgação do disco proporciona, remete aos elementos que estão na base da formação dos Estados nacionais modernos, principalmente após a Primeira Guerra que é o princípio da nacionalidade (HOBSBAWN, 1991). Esse princípio supunha a coincidência da fronteira da nacionalidade (identidade) com a fronteira do estado territorialmente e soberanamente instituído.

Dito de outra forma, o que caracteriza a nação moderna, ligada ao fenômeno do século XIX, o Estado-Nação é o efetivo controle político (soberania) sobre um território claramente definido e seus habitantes (um povo). Assim, o Estado guianense corrobora com o que afirmou Hobsbawm (1991) de que as nações são construções, invenções humanas iniciadas desde a Revolução Francesa, visto que, os grupos étnicos existentes lá, que se autodenominam como seis etnias, não corroboram com a inscrição do brasão, no que se relaciona ao compartilhamento de determinadas áreas que se diferenciam culturalmente.

No entanto, a banda GUY-BRÁS se apropria destes símbolos nacionais mas reorganiza-os, ressignifica-os, reelaborando os signos de pertencimento agora à duas nações: “um povo, duas nações e um destino”. Neste processo de ressignificação dos símbolos, pode-se dizer que os membros da Banda GUY-BRÁS manifestam o deslocamento identitário, em

que o indivíduo assume diferentes identidades em momentos diversos, seja nas negociações das relações sociais no dia-a-dia, seja nas referências simbólicas e de memórias, como as imagens na capa do CD.

O regime escravocrata dimensionou sobre inúmeras nações americanas, marcas que se incutem no imaginário ocidental e que acabam sendo refletidas desde as ações de menor proporção às de maiores. Isso é evidente na recepção de símbolos (imagens, música, línguas) que migram assim como a posição social do sujeito descendente do grupo em menor vantagem. Hall (2006, p.85) afirma isso como um “fortalecimento de identidades locais, do qual funciona como uma forma de reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”. Ele denomina como *racismo cultural*, provindo de uma percepção secular sobre aspectos diacrônicos que envolvem os processos de exclusão e de outras ações mais complexas relacionadas a situação de grupos considerados minoritários ou *outsiders*.

Conforme Amartya Sen (2007) a ilusão de uma identidade única e inevitável é insustentável no mundo atual. Ademais, segundo o mesmo autor “um sentimento de identidade pode ser fonte não apenas de orgulho e alegria, mas também de força e confiança”. Reafirmar suas inúmeras identidades por meio da música faz com que William, guianense, afro, rasta, vivendo há mais de 20 anos em outra cultura nacional, possa encontrar força quando reafirma suas referências culturais que partem de uma etnicidade e da nacionalidade guianense, como diz Amartya Sen (2007), para denunciar, inclusive as injustiças e perseguições. O próprio William teve que negociar elementos de sua identidade ao chegar em Boa Vista. Para não ser associado, pela polícia local, ao mundo das drogas teve que alterar sua imagem pessoal modificando a estética do cabelo de *dreadlock*³⁴ elemento da identidade rastafári.

As experiências vividas enquanto migrante, de ser percebido como “outro” fora de seu país, o levou a compor músicas que abordam esses temas, como a música “Preconceito”. Esta música demonstra um desabafo, de certa forma, sobre o próprio preconceito sofrido por ele e outros guianenses. Reivindica direitos para brancos, pretos, ricos e pobres. Denuncia a situação de classe daquele ao qual refere-se como o “pai de família”.

³⁴ Cabelo que esteticamente possui alongamento e aspereza. Culturalmente simboliza um dogma sagrado que significa coroação a todos aqueles que seguem o rastafarianismo como religião e movimento político.

Preconceito

Preconceito não dá, não dá, não dá...
 Todo mundo tem os mesmos direitos pra viver
 Branco, preto, magro, gordo, rico, pobre, muito doido
 Que tá no sangue é o que tá na veia, *reggae* music é mais que eu sei
 toca na rádio, passa na TV, *reggae* é mais pra você
 Ô ah ah ah ah, fala sério!
 A quanto tempo? A quanto tempo?
 A quanto tempo? A quanto tempo?
 Que vida dura, vida dura
 Que sacrifício, sacrifício
 Pai de família que não tem nada, nada mesmo nada
 A quanto tempo? A quanto tempo?
 A quanto tempo? A quanto tempo?
 Ô ah ah ah ah, fala sério!
 Olho grande não dá, não dá, não dá
 Invejoso não dá, não dá, não dá
 Ciúmes não dá, não dá, não dá
 Preconceito não dá, não dá, não dá

O relato da experiência de vida dele, expresso nesta música, demonstra um certo apelo e tentativa em chamar a atenção do espectador, uma vez que o mesmo aborda um tema que atinge outros segmentos da sociedade, como a dificuldade de conseguir sobressair-se economicamente, de ter uma vida profissional. Muitos artistas iniciam sua carreira apenas com capital social, mas sem nenhum capital financeiro para fazer decolar a carreira.

Outras situações também podem estar impelidas na aquisição de um apoio, como o fato de ser um artista negro, e por ser adepto a um estilo musical que apesar de já ter um reconhecimento universal, ainda é estigmatizado por ter segmentos da esfera social economicamente baixa como uma das comunidades que mais prestigia, além do fato de estar intensamente atrelado a cultura rastafári.

No caso particular de William, não é a nacionalidade guianense um fator que interfere na sua ascensão social, pois, o tempo em que reside na cidade e as experiências que já adquiriu, permitiram-no estar em uma posição da qual a nacionalidade não seria mais uma questão de arbitrariedade, e até mesmo a língua não se encaixaria nisso, já que ele fala o português praticamente fluente. O fator que pode ter interferido ou ainda interfira na ascensão social de desse sujeito, mesmo tendo conseguido engaranhar um espaço no cenário artístico musical local, seria ideológico e étnico-racial.

Atualmente, Boa Vista tem quatro bandas de estilo musical *reggae*, GUY-BRÁS, *Jam Rock*, Planta e Raíz e *Roots*. William já participou do projeto cultural vinculado ao primeiro Festival de Música Popular de Roraima direcionado pra criança e jovem, em 2000, e que tinha o apoio da Secretaria de Educação e Desporto do Estado. O reconhecimento do trabalho que a banda vem promovendo tem sido demonstrado pela população local de forma positiva, concedeu *status*, porém, não lhes deram tranquilidade econômica.

Há um público seletivo que prestigia *rock*, *hip hop*, além do *reggae* que a cada ano, tem conquistado mais espaço em Boa Vista. É possível notar um número maior de pessoas ouvindo *reggae* em carros, em locais reservados, em bares. A recepção da banda nos shows é contagiante, principalmente pelo carisma e sensibilidade que o vocalista transmite, uma das formas de exemplificar isso, além dos relatos obtidos por algumas pessoas assíduas em shows da banda, é o fato de que ao final de toda apresentação de um *show* ele desce do palco para ir cumprimentar o público.

Durante o período de entrevistas e passagens por lugares públicos do centro da cidade onde William faz ainda hoje em dia apresentações de *show* solo, era perceptível que as pessoas faziam questão de reverenciá-lo, acenavam de longe, alguns faziam questão de ir até ele para cumprimentar. Ele diz que é uma relação de troca, o carinho das pessoas é uma retribuição da atenção que ele passa nos *shows*. Segundo ele é muito importante sentir a energia que ainda tá vibrando das pessoas logo quando acaba o *show*. De fato, no momento em que sobe ao palco, é quase unânime a resposta dessa energia transmitida entre ele e a plateia que o assiste.

É comum também para William, periodicamente ir a outros locais do Brasil em busca de novas experimentações e renovação na proposta do trabalho musical do *reggae pop* e de base *roots* (raiz), originado por Bob Marley, que ele afirma ser do lavrado como menção a vegetação típica do estado de Roraima. Aqui, diferentemente do que diz Lundenberg (2010) de que a música se constitui em um importante marcador de diferença entre grupos, para William, a sua música simboliza a ligação, o trânsito, a performance entre diversas identidades, que podem vir a constituir-se em outras identidades mestiças, sincréticas (CANEVACCI, 1996); híbridas (CANCLINI, 1997); mescladas (RUSHDIE, 1989) como a “guybrasnense” ou “brasguynense”.

Para Hall (2006, p.88-89) a hibridação cultural, fruto das novas diásporas pós-

colonial produz sujeitos híbridos obrigados a traduzir e a negociar entre elas:

As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico... são os produtos das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais devem aprender a habitar no mínimo, duas identidades, a falar das linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas. As culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.

Para Amartya Sen (2007) as identidades não são descobertas, mas são escolhas que fazemos a partir das prioridades que atribuímos as nossas diferentes afiliações e associações, é uma opção, uma construção do próprio sujeito em função de suas trajetórias e das escolhas que o meio social lhe oferece. Assim, William, como muitos outros migrantes guianenses, transita entre as identidades nacionais, étnicas a partir de complexos processos de negociação da realidade com outros atores e indivíduos coletivos, tanto na sociedade de nascimento, como na sociedade de destino. Esses migrantes reconstróem as identidades a partir de seus projetos individuais, frutos de deliberações conscientes e dentro do campo de possibilidades (VELHO, 1994) no seio de limitações específicas para essas escolhas (AMATHYA SEN, 2007).

William faz uso de uma estratégia identitária ao nominar a música que faz como um *reggae* do lavrado, tocado por uma banda que afirma discursivamente um pertencimento a duas comunidades nacionais, assim, constituindo um certo capital social (AMATHYA SEN, 2007). É desta forma, que ele, guianense, migrante em Boa Vista, vivendo há vinte anos, com filhos nascidos no Brasil, músico, negro, rastafári, não logrou uma mobilidade econômica sonhada, mas logrou um capital social ao articular muito bem as suas diversas identidades. Parte do resultado deste capital social se expressa no reconhecimento, por parte da população local, da sua música, no status e visibilidade de músico.

Embora denuncie a situação de exclusão e desigualdade social, de racismo, preconceito e xenofobia, sem dúvida ele não faz parte do quadro do migrante guianense, do vendedor ambulante ou camelo que trabalha nas feiras ou na construção civil, invisível e marginalizado. Ele se tornou “o migrante guianense” que mantém certa singularidade, inclusive com sentimento de pertencimento que garante, em parte, esta singularidade.

Desta forma, a influência do *reggae* sobre diversos segmentos sociais, possibilitou

levar vozes dissonantes de culturas periféricas, sobressaindo-se de contextos locais a globais, oriundos de afrodescendentes que tinham como proposta uma retratação da sua condição social e de opressões variadas que estes vivenciam. Assim como esse gênero, outros surgiram com propostas semelhantes como o *hip hop* nos Estados Unidos, a *rumba*³⁵ em Cuba, o *samba*³⁶ no Brasil.

Essas interfaces cada vez mais têm sido colocadas em desafios quando criam novos espaços dentro de contextos culturais diversos, propondo reinterpretações das identidades que estão em situação de estigmatização, porque ao mesmo tempo, mostram que o poder hegemônico tem escapado a ideia de centro ou de grupos tradicionais, delineando entre o que reside no interior das culturas híbridas de seus encontros e desencontros. Ao que propõe Hall (2006), do local e global agindo não como o segundo em substituição ao primeiro, mas em forças distintas e intermediadas que sustentam a existência e manutenção de um perante o outro, recai a complexidade de se enxergar a cultura de fronteira dentro de sua abrangência como fenômeno que vem de processos históricos particulares.

35 Ritmo musical com vertente na dança, originado em Cuba, com elementos percussivos e suingue caribenho, se destaca por ser uma forma de protesto contra os atos de racismo e de reconhecimento da cultura africana no país (CAIRO, 2011).

36 Ritmo musical e dança originado no Brasil que possui na sonoridade assim como a rumba, elementos percussivos de influência africana. Uma vertente do samba possui fundamentação política ao retratar através das letras em narrativas, histórias de vida de afrodescendentes e de outros que estão em condição socioeconômica de menor prestígio. No entanto, existem modalidades do samba que denotam através das narrativas e do melancólico na melodia, relações amorosas, muitas vezes inspiradas em histórias reais (DIMITRI, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enfoque dado a esse trabalho, está agregado ao que se apresenta no cotidiano de um grupo situado num contexto de migração, contexto este que tem sido cada vez mais comum entre as nações ocidentais. O olhar emitido em campo e a contribuição das bibliografias recorridas, despertou-me a concretizar e desenvolver um conhecimento sob o que já estava sendo dimensionado através do olhar empírico. Para além disso, despertou-me também a compreensão do quão se faz relevante dar continuidade a pesquisas científicas que investiguem a fronteira com o entendimento de que a mesma é um lugar de múltiplas linguagens em que residem peculiaridades que sempre situarão de alguma forma, questões que problematizam e abrangem aos temas: identidade, cultura e etnicidade.

A identidade em decorrência disso passa a ser estabelecida como um “jogo” onde aquele que a utiliza, manipula-a de acordo com a situação que lhe convenha deter-se de um poder para: afirmar uma origem cultural ou estabelecer um espaço ou posição social de *status* como modo de autodefesa ao que está associado a sua imagem e quando há um processo cerceado por estigma, esse “jogo” tende a ser usado com mais ênfase.

A identidade afirmada entre os afro-guianenses em Boa Vista aparece dessa forma quando estes se apresentam como ingleses e assumem uma postura que vêm de uma herança cultural vivenciada entre eles e que teve influência em alguns traços diacríticos que se incluem no comportamento, como uma forma da adoção de hábito inglês ou como refiro-me, *inglesividade*, a qual fora percebida até mesmo na viagem a Georgetown nas atividades do cotidiano, como horários de entrada e saída rigorosamente estabelecidos e expostos em panfletos pendurados em parede de corredor, ou no modo mais introvertido para se comunicar com outros que não tenha uma relação aproximada.

Quando se mantêm mais reclusos, os afro-guianenses em Boa Vista, é também compreendido como uma forma de jogo de identidade, nas relações sociais mais recorridas por eles através de comunidades e redes que mantêm. Assim como a formação de redes étnicas e sociais dentro da Igreja Adventista Inglesa, também sinaliza uma identidade que é acionada para remeter ao contexto vivenciado no espaço desta, enquanto instituição religiosa e social.

A identificação como afrodescendente, guianense, inglês, remete um **hibridismo** que dá em decorrência da situação vivida em lugar de fronteira, ou seja, não só pelo que se vive no centro de um lugar, mas por todo um processo histórico antecessor e pela mobilidade que ocorre partindo das relações periféricas que estão imbricadas aos fatores consolidados pelo processo histórico e que estão sendo amalgamados no âmbito social.

A cultura e identidade do afro-guianense remete a ideia de hibridismo porque advêm de contextos diversos vivenciados na Guyana e no Caribe, dos quais, fundamentam um imaginário de visão politizada dentro do que entendem por ancestralidade, etnia, religião, formando uma estrutura que está mais voltada para um discurso etnicista. O *ethos*, em situação de migração, reflete a ambiguidade explícita entre uma África e uma Inglaterra que estão arraigadas neste grupo, enquanto sujeito histórico, e que na situação de estigma, esse *ethos* pode ser transformado em identidades que garantam uma posição mais favorável.

O empoderamento e o estigma, remete a relação dos afro-guianenses com o lugar de destino, naquilo que se pode externar dentro de habilidades intelectuais, de representações culturais que se amalgamam crenças, dialetos, performances. Entre o que aciona uma identidade e alteridade de alguns sujeitos afro-guianenses, permite-se a criação de um espaço simbólico em que entre uma interculturalidade, naquilo que se expõe da cultura de origem, na relação e contato com o “outro”, aparece uma (trans)nacionalidade, das quais Cardoso de Oliveira (2003), Rodrigues (2009), Ennes (2014), afirmam como algo que remete a um trânsito, dando a ideia de fronteira, enquanto simbólica, como fluxo, passível de diálogos que sustentam a relação entre sujeitos de contexto migratório, em uma inconstância entre estar no lugar de destino e cultivar o lugar de origem, entre o lá e o cá.

Há um *trans* que em dados momentos remete a todos os elementos apresentados aqui, percebidos na relação cultural dos afro-guianenses, e na relação social estabelecida com aqueles que se enquadram na condição oposta. Enquanto empoderados, os migrantes como sujeitos sociais se enquadram na condição de *insiders*, que é a aquela em que busca os valores culturais para ressignificar sua identidade como nos casos dos interlocutores que estão vivendo como autônomos ou como professores.

Esses mesmos sujeitos, nas situações em que estabelecem uma sociabilidade para adquirir algo que esteja preterido, o estigma social diretamente ligado ao fator étnico-racial, os alocam rotulados como *outsiders*, porém, assumem papéis que os garantem adquirir

ascensão social, mesmo que a econômica esteja distanciada e impelindo na mesma proporção, a imagem estigmatizada. Para esse sujeito, um contexto de migração em que a alteridade aparece com mais evidência, pode gerar novos fenômenos que dimensionarão nas relações interpessoais, complexidades que desencadeiam em subterfúgios de proporções incalculáveis.

Para algumas perguntas que ficaram em torno do trabalho esmiuçado, estão as relacionadas a trajetória de vida dos afro-guianenses entrevistados, no período anterior ao da migração, como ocupações que exerciam, se estas foram fatores marcantes para o modo de vida que passaram a exercer em Boa Vista. Pelo fato de a maioria ter formação escolar de nível médio, e de se depararem com resistências que vêm de um incontentamento do fator étnico-racial quando chegam em Boa Vista, justifica a procura por determinadas profissões e a uma reclusão entre eles que é muito mais por defesa e consciência da sua capacidade do que por aceitação a condição de estigmatizados.

Outro ponto da trajetória que não foi dado como foco é o que tem sido difundido em torno da 2ª geração daqueles que nasceram e cresceram no Brasil, filhos de afro-guianenses. A perspectiva em traçar a relação que está sendo construída entre esses e brasileiros e o que pode a partir disso, ser suscetível a aquisições de valor, inserções em esferas de poder que tendenciam a formar novos fluxos de redes sociais. Algumas dessas hipóteses inclusive, já foram constatadas como um fenômeno que tem ocorrido em ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, L.; CIRINO, C. A. Marinho O negro guianense, o indígena urbano e uma cidade dividida: um estudo antropológico sobre políticas de segurança pública em Boa Vista-RR. In: **26ª Reunião Brasileira de Antropólogos: desigualdades na diversidade**, 2008, Porto Seguro. **Anais da 26ª Reunião de Antropólogos: desigualdades na diversidade**. Porto Seguro: UFRR, jun-2008. p. 1-12.
- AMANTINO, M.; FLORENTINO, M. Fugas, quilombo e fujões (séc. XVI-XIX). **Revista Análise Social**, n 203, XLVII 2ª ed. Rio de Janeiro, 2012.
- AMARTYA S. **Identidade e violência: a ilusão do destino**. Trad.: Maria José de La Fuente, 1ª ed., 2006. Lisboa: Tinta da China, Ltda, 2007.
- ANDERSON, B. **Comunidades Imaginadas**. Reflexões sobre a origem e formação do nacionalismo. Lisboa: Edições 70, 2005. 283 p.
- ARÁGON, L. **Aproximação ao estudo da migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: UFPA, v 3, n 2, p. 11-39, 2009.
- ARANTES, A. (Org) **O espaço da diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. 304 p.
- ARNO, N. **The history of Victoria Village**. **Guyana Chronicle Online**. Georgetown. Aug/2013. Disponível em: <http://guyanachronicle.com/history-of-victoria-village-by-william-n-arno>. Acesso em: nov/2014.
- ARRUDA, A. M. Thomé. Diferenciação e estereotipificação: libaneses na fronteira: Brasil-Paraguai. **Revista Internacional Brasília**. Brasília: UnB, v 5, n 1/2, p.43-65, jan/dez. 2007.
- AUGEL, M. P. **O desafio do escombros: nação, identidades e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- BAGNO, M. **Preconceito Linguístico**. São Paulo: LOYOLA, 2011. 186 p.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: UNESP, 2009. 257 p.
- BHABHA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2012. 441 p.
- BAINES, S. G. A Fronteira Brasil-Guiana e os povos indígenas. **Revista de estudos e pesquisas**, FUNAI, Brasília, v 1, nº 1, p.65-68, jul/2004.
- BARTH, F. (Ed.) In: **Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference**. Introduction. Bergen/Oslo: Universitetsforlaget; London: George Allen & Unwin,

1969. p. 9-38.

_____. BLOM, J-Peter. **Ethnic and cultural differentiation**. In: BARTH, F. (Ed.) *Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference*. Introduction. Bergen/Oslo: Universitetsforlaget; London: George Allen & Unwin, 1969. p. 74-85.

_____. EIDHEIM, H. **When ethnic identity is a social stigma**. In: BARTH, F. (Ed.) *Ethnic groups and boundaries: The social organization of culture difference*. Introduction. Bergen/Oslo: Universitetsforlaget; London: George Allen & Unwin, 1969. p. 39-57.

BARSANT, A. **El Caribe: Identidad Cultural y Desarrollo**. Equinoccio: Editorial de la Universidad Simón Bolívar, 1989. 166 p.

BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. São Paulo: Zahar, 2010. 112 p.

_____. **Modernity and ambivalence**. In: FEATHERSTONE, M. (Org). *Global culture*. Londres: Sage, 1990.

BILLET, J. **Social Capital. Religious-philosophical Involvement and Social Integration in Belgium**: an Empirical Investigation. In: LAERMANS, R; WILSON, B; BILLET, J. (eds) *Secularization and Social Integration*, Lovaina, Leuven University Press, 1998, p. 141-158.

BOAS, F. **Relativismo cultural**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. 30 p.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 311 p.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. MICELI, S. (Org). São Paulo: Perspectiva, 2007. 361 p.

_____. **Le capital: notes provisoires**. In: *Actes de la Recherche em Sciences Sociales*, n° 31, 1980.

BYONE, P.; BRISTOL, M. **The impact of human capital Flight in Guyana**. In: *Seminário Migração Internacional na Amazônia*, 2009, Belém. *Anais Migração Internacional na Pan-Amazônia*. Belém: UFPA, 2009, p.255-263.

CABRERA, O. “**Las culturas de migración en las fronteras caribenhas**: Caribe Insular y Brasil Caribe” In ZVALA, M. Teresa Cortés et al. (coord.) *Región, Frontera y Prácticas Culturales en la historia de America Latina y el Caribe*. Goiania/Morellos, México: UFG/USMNH, 2002, p.149-166.

CAIRO, J.G. **A cultura musical cubana em cinco décadas fecundas (1959-2010)**. **Estudos**

Avançados, vol. 25, nº 72. São Paulo, mai/ago, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142011000200015&script>. Acesso em: Agosto de 2014.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed., São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 416 p.

CANEVACCI, M. **Sincretismos**: uma exploração das hibridações culturais. São Paulo: *Studio Nobel*, Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, 1986.

CARDIM, C. H.; FILHO, R. G. Dias (Org). **A herança africana no Brasil e no Caribe. The african heritage in Brazil and Caribbean**. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011. 320 p.

CARVALHO, F. A. **Fronteiras e zonas de contato**: Perspectivas teóricas para o estudo dos grupos étnicos. A Dimensões. São Paulo: Universidade Estadual de Maringá, v 18, p. 49-70, 2006.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 530 p.

CORBIN, H. P. **Migração internacional e desenvolvimento**: o caso da Guiana. Belém: UFPA, v 3, n 2, p. 163-185, 2009.

_____. **Guyanese migration and remittances to Guyana: a case study of their potentials and challenges for Guyana`s Economy**. Tese (Doutorado em Ciências do Desenvolvimento Socioambiental), Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012. p.

COLFERAI, S. A. Imigração e identidade cultural: a representação de uma identidade preferênciada no interior de Rondônia. UNIR. **Revista Labirinto**, ano X, n 13, Porto Velho, ago/2010.

Da FONSECA, N. B. **Construção identitária de alunos guianenses que estudam em Bonfim/RR**. 2015. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem e Cultural Regional). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2015.

DAMSTEEGT, P. G. **Foundations of the Seventy-day Adventist message and mission**. Grand Rapids, MI: Michigan William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.

Da SILVA, M. L. Brito **Raízes e rumos**. Reflexões sobre identidade de guianenses em Boa Vista. 2012. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade

- Federal de Roraima. Área de concentração: Estudos de Linguagem e Cultura Regional. Boa Vista, 2012.
- De CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis: Vozes, 2008. 376 p.
- De MENEZES, A. V. **Cultura de fronteira Brasil Guiana: Festas**. 2014. 155 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.
- DEPESTRE, R. **Bonjour et adieu à la negritude**. Trad.: Fonseca, M. Nazareth; Cupertino, I. Paris: Robert Laffont, p. 82-160, 1980.
- DIMITRI, C. F. **A inteligência da música popular**. A “autenticidade” no samba e no choro. 2010. 414 p. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2010.
- DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. 609 p.
- ENNES, M. A. Aprender com o imigrante: a produção multi/intercultural da diversidade em Portugal. **Cadernos Ceru**. CEMRI: UAB, v 25, n 1, p. 1-28, dez/2014.
- FENART-STREIFF, J; POUTIGNART, P. **Teorias da Etnicidade**. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras. São Paulo: UNESP, 1998. 251p.
- FENTON, S. **Modernidade, etnicidade e religião**. In: RODRIGUES, D. (Org) Em nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea, Porto, Afrontamento, p. 51-75.
- FIORIN, L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988. 87 p.
- FRANK, N. **A experiência de mulheres indígenas wapichana e macuxi em deslocamentos na fronteira Brasil-Guyana**: um estudo sobre gênero e narrativas autobiográficas. 2014. 96 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2002. 224 p.
- GLASER, D. Dynamics of ethnic identification. In: **American Sociological Review**, vol 23, n 01. 1958.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: Notas sobre a manipulação da identidade, 4ª ed, RJ: Zahar, 1989. 158 p.
- GÓIS, P. S. **Madeira e construção secular de uma identidade transnacional**: a cabo-verdiano, 2004. Tese (Doutoramento em Sociologia da Cultura). Faculdade de Economia da

Universidade de Coimbra, Coimbra, 2004. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10136/17848>. Acesso em: jan-2014.

GUYANA REVIEW. **Guyana's National News Magazine**. Georgetown, v 9, n 96, 97 e 106, jan/feb/nov, 2001.

GUYANA'S BOOK STORY. **Relações comerciais e acordos entre Brasil e Guyana**. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/guiana-abr-2010>. Acesso em: mar/2013.

HAESBAERT, R. Desterritorialização e mobilidade. In: **O mito da desterritorialização. "O fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Anais... Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 235-278.

_____. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Anais... Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. p. 337-362.

_____. HAESBAERT, R; BÁRBARA, M. J. Santa de. Identidade e migração em áreas transfronteiriças. **Revista do Programa de Pós Graduação em Geografia da UFF**, v 3, n 5, p. 14, 2001.

HALL, S. **A identidade na era da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 102 p.

_____. **Da diáspora: identidade e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2011. 410 p.

HOBBSBAWM, E. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Trad. Maria Celia Paoli e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. 230 p.

_____. RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2012. 400 p.

HOLBROOK, D. J.; HOLBROOK, H. A. **Guyanese Creole Survey Report**. International Sil, 2001.

IFILL, M.; OLIVEIRA, R. G. de (Org) **Situando trabalhadores africanos na divisão dos trabalhos no período de pós-emancipação na Guiana Inglesa**. In: Dos caminhos históricos aos processos culturais entre Brasil e Guyana. Boa Vista: EDUFRR, 2011, p. 157-179.

LEE, E. S. **Uma teoria sobre a migração**. In: BNB. Migração interna: textos selecionados. Trad.: MOURA, H. A. de. Fortaleza: ETENE, 1980, p. 89-114.

LIMA, A. K. Silva. **Migração e Família**. A dinâmica familiar de guianenses na cidade de Boa Vista. 2014. 155 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação

em Sociedade e Fronteira. Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014

LOUREIRO, T. N. M. (Org) **Teoria e Cultura**. Dossiê Caribe. Revista de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF, v 9, n 2, Juiz de Fora, 2014.

LUNDENBERG, D. **Música como marcador de identidade**: individual vs coletiva. In: Corte-Real, M. de São José (Org). Revista Migrações – nº Temático Música e Migração, 2010, n 7, Lisboa: AICDI, p. 27-41. Disponível em: www.oi.acidi.gov.pt/docs/revista_7migracoes7p27p41.pdf. Acesso em: fev/2015.

MAGALHÃES, M. G. Santos Dias das; MONTEIRO, C. Souza de (Org) **Roraima/Boa Vista**: Temas sobre o regional e o local. Boa Vista: UFRR, 2012. 241 p.

MAGGIE, Y.; REZENDE, C. B. (Org). **Raça e retórica**: a construção da diferença. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. 462 p.

MAHER, T. M. **Sendo índio em português**. In: SIGNORINI, I. (Org) *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras. São Paulo: FAPESP, 1998. 115-138.

MARTINS, E. C. Rezende de; MOREIRA, F. K. (Orgs) **As relações internacionais na fronteira norte do Brasil**: coletânea de estudos. 1ª ed. Boa Vista: UFRR, 2011. 260 p.

MARTINS, J. S. de. **A degradação do outro nos campos do humano**. São Paulo: Contexto, 2009. 192 p.

MCLEOD, H. (Ed.) **The Cambridge: History of christianity, wolrd christianities C. 1914-C. 2000**. ANDERSON, R.; TANG, E. **Independency in Africa and Asia**, Cambridge: University Press, p. 107-130, 2008.

MELLO, M. A Guiana e a fantasmagoria da história. Uma revisão da história. Teoria e Cultura: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF**. Juiz de Fora: ED. UFJF, v 9, n 2, p. 9-23, jul-dez. 2014.

_____. GERLOFF, R. **The African diáspora in the Caribbean and Europe from pre-emancipation to the presente day**, Cambridge: University Press, p. 219-235, 2008.

MISTOSO, J. Ribamar. **O creolese e a identidade cultural da Guiana**. Blog: Literatura Pan-Amazônica, jul-2011. Disponível em: <http://literaturapanamazonica.blogpost.com.br/2011>. Acesso em: dez-2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES (MRE). **Relações Exteriores 2009**.

Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_tags&view=tag&id=391-guiana&lang=pt-BR. Acesso em: mai/2013.

MONTEIRO, Y. N. Congregação cristã no Brasil: da fundação ao centenário – a trajetória de uma igreja brasileira. **Estudos de Religião**. São Paulo: UMESP, v 24, n 39, p. 122-163, 2010.

NAVARRO, I. R.; VEJA, M. P. Camacho la de. **La Guayana Esequiba ?Olvidada? La Guyana Esequiba**. Caracas. Disponível em: http://diplomaticosescritores.org/revistas/28_4.htm. Acesso em: 13 jun. 2013.

OLIVEIRA, R. C. de. **Caminhos da identidade**. São Paulo: UNESP, 2007. 256 p.

_____. Identidade Étnica, Identificação e Manipulação. **Sociedade e Cultura**, v 6, n 2, jul/dez. 2003, 117-131 p.

ORGANIZAÇÃO DA NAÇÕES UNIDAS. **Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais**. Conceitos Básicos. Definições e Mensuração da Migração Interna: Excertos do Manual VI da ONU. Trad.: ORRICO, J. Alexandre Robatto. In: BNB. Migração Interna: textos selecionados. Fortaleza: ETENE, 1980, p.313-353.

PAIS, J. M.; BLASS, L. M. Silva. **Produção artística e identidades**. São Paulo: ANNABLUME, 2004. 233p.

PEREIRA, M. C. *Reggae*: expressão da cultura imaterial e diaspórica das identidades negras da fronteira: Brasil-Guiana. In: **VIII Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros**. 2014. Belém. **Anais...** Belém: ED. UFPA, jul/ago. 2014, p. 1-11.

_____. **A ponte imaginária**: o trânsito de etnias na fronteira Brasil-Guiana. 2005. 181 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Estudos Comparativos da América Latina e Caribe, Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2005.

_____. **Pan-Africanismo**: a negritude como marca identitária para reivindicar poder político. In: Cleito Pereira (Org) *Relações Raciais no Brasil*, ed. Germinal, 2002.

PINTO, S. R. O pensamento social e político Latino-Americano: etapas de seu desenvolvimento. **Sociedade e Estado**, Brasília, mai/ago. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.com/opensamentosocialepoliticolatinoamerinoetapasdeseudesenvolvimentoSRP2012.htm>. Acesso em: jul. 2013.

POCHMAN, M.; AMORIM, R. (Org) **Atlas da exclusão social no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2007.

PROGRAMA DE DSENVOLVIMENTO PARA AS NAÇÕES UNIDAS (PNUD). Relatório de Desenvolvimento Humano 2009/2014. **Ultrapassar barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos.** Disponível em: http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf. Acesso em: mar/2013 e em set/2014.

PRYSTHON, A. Interseções da teoria crítica contemporânea: estudos culturais, pós colonialismo e comunicação. **Revista Eletrônica E-Compós**, Recife, 1 dez. 2004. Disponível em: <http://www.compos.org.br/e-compos.htm>. Acesso em: jan. 2015.

RABELO, D. **Rastafarianismo: identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981.** 2006. 565 p. Tese (Doutorado em História). Departamento de História/Instituto de Ciências Humanas. UnB, Brasília, 2006.

RAFFESTIN, C. As redes e o poder. In: **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993. p. 200-220.

RAFFESTIN, C. As redes e o poder. In: **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993. p. 200-220

REZENDE, D. F. Almeida de. **Transnacionalismo e etnicidade: a construção simbólica do Romanesthàn (nação cigana).** 2000. 192 p. Dissertação (Mestrado em Sociologia da Cultura). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. UFMG, Belo Horizonte, 2000.

RIBEIRO, G. L. Vulnerabilidade, ambiguidade e cidadania transnacional. 1998. **Série Antropologia**, Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Brasília, Brasília, 235 p.

RODRIGUES, F. S. dos. Configuração migratória no lugar Guyana: uma análise da migração na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In: **Seminário Migração Internacional na Amazônia**, 2009, Belém. **Anais...** Belém: UFPA, 2009. p. 223-237.

ROOPNARAIN, R. **Passagem para a Guyana.** Faça a coisa certa. Programa Canal Cultura. Disponível em: [www.youtube.com/\[Passagempara\]#119-guiana](http://www.youtube.com/[Passagempara]#119-guiana). Acesso em: fev-2013.

ROST, C. R. **Tecendo Vidas, Contando Histórias: o empoderamento de mulheres guianenses imigrantes em Boa Vista (RR).** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais). Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2009.

- RUSHDIE, S. **Os versículos satânicos**. Lisboa: D.Quixote/ Círculo dos leitores, 1989. 633 p.
- SADER, E. **República Cooperativa da Guiana**. Enciclopédia Contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo: Boitempo, 2007. 1337 p.
- SALIM, C. A. Migração: o fato e a controvérsia teórica. In: **VIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. 1991, Campinas. **Anais...** Campinas ABEP, 1992. p. 119-144.
- SANTOS, A. R. A mídia impressa roraimense e as representações sobre a fronteira e os imigrantes. **XIV Ciso-Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste**, p. 1-18, 2009.
- SANTILLI, P. **Fronteiras da República: história e política entre os Macuxi no vale do Rio Branco**. São Paulo: NHII-USP; FAESP, 1994.
- SANTOS, M. Por uma geografia das redes. In: **A natureza do espaço. Técnica e tempo, razão e emoção**. 4 ed. São Paulo: EdUSP, 1997, p. 208-222.
- SASAKI, E. M.; ASSIS, G. O. de Migrações internacionais. A migração internacional no final do século. In: **XII Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, 2008, Caxambu. Anais... Caxambu: ABEP, out-2000. Disponível em: <http://abep.org.br/usuario/gerencianavegacao.php>
- SAYAD, A. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998. 299 p.
- SCHUNEMANN, H. E. Stach. **O papel das imigrações no crescimento da igreja adventista do sétimo dia**. Estudos de Religião. São Paulo: UNASP, v 23, n 37, p. 146-170, 2009.
- SERBIN, A. **Nacionalismo, etnicidad y politica en la Republica Cooperativa de Guyana**. Caracas: Bruguera, 1980. 241 p.
- SILVA, S. A Migração internacional recente no Amazonas. **Revista eletrônica Scielo**. Contexto Internacional, vol 33, n 1, jan-jun/2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-85292011000100007>. Acesso em: ago-2011.
- SIMÕES, S. O. **Dinâmica das cidades gêmeas da fronteira Guyana (Lethem) – Brasil (Bonfim) e a questão aduaneira/tributária**. 2014, 200 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Sociais). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteira, Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2014.
- SOUZA, K. K. **Ser e Viver Rastafári**. Escola, cultura e inclusão. 2012. 91 p. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana, 2012.
- SOUZA, J. (Não) Reconhecimento, subcidadania, o que é ser gente? Lua nova: **Revista de**

Cultura e Política, nº 39, São Paulo, 2003.

STAEVIE, P. M. Crescimento demográfico e exclusão social nas capitais periféricas da Amazônia. **Revista Textos e Debates**, Boa Vista, v. 1, n. 1, p. 33-52, ago/dez, 2009.

STENCIL, R. **História da educação superior adventista**: Brasil, 1969 a 1999. Tese (Doutorado em Educação). UNIMEP, Piracicaba, 2006.

STOLCKE, V. **A natureza da nacionalidade**. Raça como retórica. In: REZENDE, C. Barcelos; MAGGIE, Y. (Org). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2001, 463 p.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 133 p.

VERAS, A. T. Rezende de. **Rugosidades e tendências atuais na dinâmica de produção do espaço urbano de Boa Vista**. Roraima/Boa Vista: Temas sobre o regional e o local. Boa Vista: UFRR, 2012. 127-157 p.

VILAÇA, H. **Imigração, Etnicidade e Religião**: o papel das comunidades religiosas na integração dos imigrantes da Europa de Leste. Observatório da Imigração. Lisboa, dez/2008, 106 p.

VISSSENTINI, P. F. **Guiana e Suriname: uma outra América do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2001. 8 p.

VOYÉ, L. **D`uné reliance incertaine**: la reliance religieuse. In: M. Bolle de Bal (ed). Voyage au coeur des Sciences Humaines. De La Reliance. Tome II: Reliance et pratiques Paris. Lharmattan. 1996.

WERNECK, J. **Da diáspora globalizada**: notas sobre os afrodescendentes no Brasil e o início do século XXI. A Teoria Crítica da Cultura Hoje: alguns caminhos possíveis das professoras: Heloisa Buarque de Holanda e Beatriz Resende. Trabalho Final de Curso. ECO: UFRJ, 2003. 16 p.

WIGGINS, D. **Pacific fright Vs armed struggle**. Guyana Review Politics Caribe, Georgetown, nov-2007. Disponível em: <http://www.guyanacaribbeanpolitics.com/commentary/wiggins.htm>. Acesso em: nov-2014.

_____. **Nationalism black is a historic fright for the African Humanity`s Proclamation, don`t can be blame by violency against ameríndios**, Georgetown, nov-2007. Disponível em: <http://www.guyanacaribbeanpolitics.com/commentary/wiggins.htm>. Acesso em: nov-2014.

WILSON, B. **Magic and the millenium**: A sociological study of religious movements of protestant among tribal and third world people. Harper & Row, 1973.

WOODWARD, K. **Identidade e Diferença**: uma introdução teórica e conceitual. In: Tomaz Tadeu Silva (Org). *Identidade e Diferença, a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, 133p.

TURNER, V. **La selva de los símbolos**, Siglo Veintino de Espãna. Madrid, 1969.

APÊNDICES

1. QUESTIONÁRIO: CONSULADO

- 1- Desde que período os migrantes guianenses passaram a vir para Boa Vista-RR para morar? Houve um aumento disso no ano de 2000?
- 2- São naturalizados de qual(s) cidade(s) a maioria dos afro-guianenses?
- 3- Qual o número atual dos que pertencem ao grupo étnico afro-guianense? Esse número supera ao dos indígenas guianenses?
- 4- Muitos acabam migrando através da rede de contatos entre amigos, familiares ou mesmo das redes tecnológicas como a internet?
- 5- A migração tem sido continua a cada ano ou já houve uma redução?
- 6- Chegam em grupo os afro-guianenses? Geralmente em quantos?
- 7- Qual a faixa etária da maioria desse grupo?
- 8- Que ou quais tipos de emprego tem sido adquirido pela maioria desse grupo?
- 9- Em qual bairro eles têm residido?
- 10- Há muitos casos de migrantes que estão sem visto na carteira e que acabam procurando abrigo no consulado?
- 11- Há casos de denúncia de discriminação ou agressão que já tenham sido identificados e passados para o Consulado?
- 12- Está sendo realizada uma parceria do Brasil com a Guyana na área de educação de nível superior para promover intercâmbios entre as Universidades Federais de ambos países? Como está ocorrendo isso e quais são os critérios exigidos?
- 13- Há algum outro projeto que esteja em planejamento para estreitar as relações entre esses dois países vizinhos e assim, solidarizar com a estadia ou permanência dos migrantes que estão em Boa Vista?

2. QUESTIONÁRIO: POLÍCIA FEDERAL/PREFEITURA/SETRABES

- 1- Qual o número atual da população de migrantes negros da antiga Guyana Inglesa aqui em Boa Vista?
- 2- De qual(s) cidade(s) a maioria chega?
- 3- Dentre esses afro-guianenses, qual o número equivalente que tem entrado em Boa Vista desde 2000?
- 4- Dos que entram sem estar portando a carteira e que vem pela fronteira por rio ou pela estrada, conseguem chegar a Boa Vista?
- 5- Existem muitos a margem da sociedade sem está atuando no mercado de trabalho?
- 6- Qual a faixa etária da maioria que tem migrado?
- 7- Qual o grau de escolaridade desses afro-guianenses que tem migrado?
- 8- Muitos ficam chegam em grupo?
- 9- Quantos casos há de migrantes não portador de carteira para residente?
- 10- Há casos de migrantes afro-guianeneses que entram com visto de turista na carteira e acabam permanecendo em Boa Vista, vão para outros estados no Brasil ou para outros países da faixa de fronteira?
- 11- Como é feita a abordagem com os migrantes que estão na condição de não portador de carteira?
- 12- Quais são as medidas que o Estado têm aplicado ou pretende aplicar para atender de forma mais coerente e humana, esses migrantes que estão vivendo sem residência legal?

3. QUESTIONÁRIO: CASA DE APOIO AO MIGRANTE

- 1- Quando foi criada a Casa de Apoio? Por quê tiveram essa ideia?
- 2- Quantos migrantes aparecem aqui geralmente por mês e ano?
- 3- São quantas pessoas administrando?
- 4- Como é o perfil dos grupos de migrantes que se alojam aqui?
- 5- Já presenciaram algum caso de discriminação na vida social de algum deles?
- 6- É comum haver reclamação perante algum setor público ou de atendimento em Boa Vista? Se sim, qual ocorre mais?
- 7- Eles vêm direto da fronteira ou de alguma outra cidade do estado?
- 8- Muitos acabam constituindo família aqui ou já vêm com parentes?
- 9- Eles ficam até conseguir emprego ou é por tempo indeterminado?
- 10- Vocês fazem alguma atividade educativa e cultural na instituição (palestras, seminários)?
- 11- A função da Casa de Apoio é de apenas acolher migrantes que não têm moradia ou vocês também acompanham a rotina de vida deles depois que saem da instituição?

4. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS INTERLOCUTORES AFRO-GUIANENSES

MIGRAÇÃO

1º Desde quando migrou para o Brasil?

2º O motivo que levou a essa migração foi econômico ou já tinha algum conhecido residindo aqui?

3º Qual é a sua cidade natal?

4º Costuma ir com frequência para lá?

5º Já morou em alguma outra cidade antes de Boa Vista?

6º Como foi no início a convivência com brasileiros na cidade?

7º Percebeu alguma mudança na relação com as pessoas daqui desde que chegou?

FAMÍLIA

1º Você vive com todos o membros da sua família?

2º Tem filhos nascidos aqui?

3º Para os filhos estudarem aqui, já houve alguma dificuldade com a documentos que certificam nacionalidade e naturalidade?

4º Mantém contato com frequência com os parentes que estão lá?

5º Você fica encarregado em enviar recursos para eles lá?

ECONOMIA/EMPREGO

1º Qual a atividade profissional faz no momento?

2º Há quanto tempo a pratica?

3º Essa atividade lhe garante renda suficiente para as necessidades básicas?

4º Qual o objetivo econômico em Boa Vista?

5º A ocupação era a mesma que praticava lá?

6º Passou a aumentar a renda média depois que migrou?

REDES SOCIAIS

1º Tem outros guianenses oriundos de Lethem e Georgetown vivendo aqui?

2º Fazem contato através de algum recurso tecnológico ou de alguma associação ou grupo?

3º Esses contatos ajudam mais na locomoção ou estadia em Boa Vista?

4º Costumam residir ou trabalhar próximos um do outro?

5º Desde que migrou, já vieram outros parentes residir aqui?

6º Praticam alguma atividade típica do país de origem em grupo?

7º A Igreja é um local possível de estabelecer contatos e amizades com os outros migrantes afro-guianenses que residem em Boa Vista e também com os que estão na Guyana?

8º Se sente à vontade para andar em qualquer lugar em Boa Vista?

ETNIA E RELIGIÃO

1º Você vê um crescimento na migração de afrodescendentes para Boa Vista?

2º Você já percebeu alguma atitude estranha ou alguma situação constrangedora que estivessem relacionadas a sua cor ou raça de algum não imigrante?

3º Se identifica com algum grupo na cidade ou no estado pela cultura ou etnia?

4º Vê a religião como uma forma de sociabilidade?

5º Era adventista antes de migrar para Boa Vista ou foi tornou-se depois de migrar?

6º Como é a sua relação com os migrantes afro-guianenses e com a população local de não migrantes dentro da Igreja Adventista Inglesa?

ANEXOS

Figura 17- Centro de Georgetown



Fonte: LIMA, A. K. Silva Pesquisa de campo/set/2013.

Figura 18- Transporte coletivo que circula entre Lethem e Georgetown



Fonte: LIMA, A. K. Silva Pesquisa de campo/set/2013.

Figura 19- Avião usado como transporte de Lethem a Georgetown



Fonte: LIMA, A. K. Silva Pesquisa de campo/set/2013.

Figura 20 – Cardápio com comida crioula em Lethem



Fonte: LIMA, A.K. Silva. Pesquisa de campo/set/2013.

Figura 21: Fôlder de um curso de língua estrangeira ofertado por um migrante em Bonfim



Fonte: A autora (2013).

Figura 22: Antiga Casa de Passagem ao Migrante em Boa Vista-RR



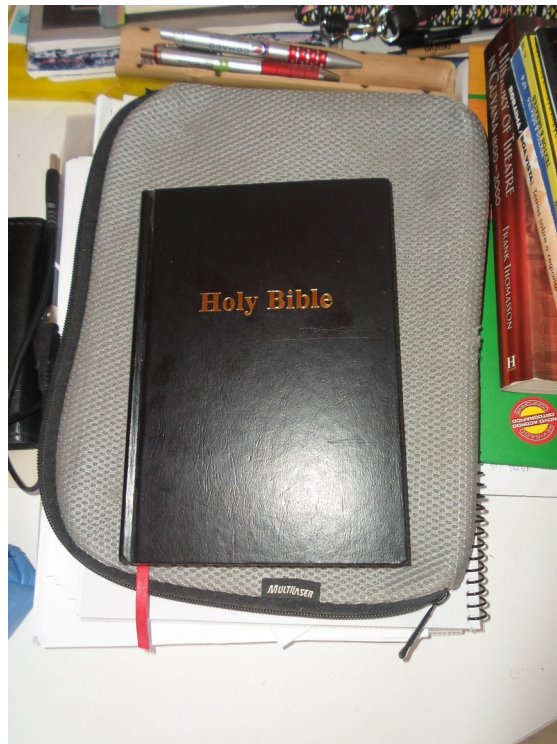
Fonte: A autora (2014).

Figura 23: Consulado da Guyana em Boa Vista-RR



Fonte: studyingguyanow.blogspot.com

Figura 24: Bíblia Sagrada do Adventista



Fonte: A autora (2014).